



PROFLETRAS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
DEPARTAMENTO DE LETRAS / CAMPUS CENTRAL / UERN
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

ALLYSON RAMON ALMEIDA CARNEIRO

**CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ COMO INSTRUMENTO DE
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

MOSSORÓ

2024

ALLYSON RAMON ALMEIDA CARNEIRO

**CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ COMO INSTRUMENTO DE
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Departamento de Letras Vernáculas, Campus Central, como requisito final para obtenção de título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

**Orientador: Prof. Dr. Gilson Chicon
Alves**

MOSSORÓ

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

C289c Carneiro, Allyson Ramon Almeida

Cordéis de Patativa do Assaré como instrumento de conscientização sobre a variação linguística. / Allyson Ramon Almeida Carneiro. - Mossoró, 2024.

154p.

Orientador(a): Prof. Dr. Gilson Chicon Alves. Dissertação
(Mestrado em Programa de Mestrado

Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Variação Linguística. 2. Gênero Cordel. 3. Preconceito
Linguístico. I. Alves, Gilson Chicon. II. Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte. III. Título

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ALLYSON RAMON ALMEIDA CARNEIRO

**CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ COMO INSTRUMENTO DE
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Departamento de Letras Vernáculas, Campus Central, como requisito final para obtenção de título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilson Chicon Alves – Orientador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa – 1º examinador
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Cid Ivan da Costa Carvalho – 2º examinador
Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só se fez possível pela bondade de Deus, que me propiciou esta rica oportunidade de aprendizado, não me deixando só em nenhum momento durante este percurso. A Ele, a minha gratidão!

À minha esposa Ederlane Domingos e minha filha Bianca Almeida, que de uma forma muito especial sempre me deram o apoio indispensável nesta jornada.

Aos meus pais, que sempre me guiaram para o bom caminho, sendo o meu alicerce em toda trajetória da vida.

Ao meu orientador Gilson Chicon pelas grandes contribuições para o desenvolvimento deste trabalho, bem como pela sua atenção sempre presente nos momentos em que mais precisei. A ele, minha admiração!

A todos os professores do curso pelos valiosos ensinamentos que contribuirão de uma forma muito especial para o exercício da minha profissão.

Aos diretores das escolas nas quais trabalho, Suniey Campos e Monique Barboza; Marcos Vidal e Ângelo, além das colegas de trabalho Sara Paula e Rosenilza Feitosa, pois sem a ajuda incondicional deles não teria sido possível a realização desta grande conquista.

Aos nobres colegas do mestrado com quem compartilhei muitos momentos agradáveis, bem como angústias que fazem parte deste processo de aprendizagem. Eles foram especiais. A eles desejo muitas outras realizações!

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta conquista. A todos, os meus mais sinceros e cordiais agradecimentos!

RESUMO

Considerando que o preconceito contra a variação linguística é um fenômeno bem presente na sociedade, seja nas situações comunicativas presenciais ou mesmo nas virtuais, esta pesquisa teve como objetivo geral intervir em sala de aula com vistas à conscientização sobre a variação linguística do Português Brasileiro. O seu desenvolvimento foi realizado em uma turma de 6º ano do ensino fundamental, em uma escola estadual localizada no município de Mossoró/RN. Para a sua realização, foi escolhido como suporte para o processo de ensino-aprendizagem cordéis do poeta Antônio Gonçalves Silva, popularmente conhecido como Patativa do Assaré. Esta escolha se deu pelo fato de suas produções serem ricos exemplares da linguagem popular, que frequentemente é vítima de preconceito linguístico. Como suporte teórico, esta pesquisa contou com os aportes, dentre outros, de Monteiro (2008) e Freitag (2010) sobre sociolinguística variacionista; Bagno (1999; 2002; 2005), acerca do preconceito linguístico; Marcuschi (2008) sobre gêneros textuais; Maxado (2012) em relação ao gênero textual cordel e Thiollent (2009), com contribuições acerca da metodologia da pesquisa-ação. A presente pesquisa possui cunho qualitativo, baseada na pesquisa-ação e, tendo em vista os resultados exitosos alcançados, a mesma apresenta-se como uma possibilidade metodológica de discussão em sala de aula da temática variação linguística.

Palavras-chave: Variação Linguística; Gênero Cordel; Preconceito Linguístico.

ABSTRACT

Considering that prejudice against linguistic variation is a well-documented phenomenon in society, whether in face-to-face or virtual communication situations, this research aimed to intervene in the classroom to raise awareness about the linguistic variation of Brazilian Portuguese. The study was conducted with a 6th-grade class in a public school located in the municipality of Mossoró/RN. For its implementation, the works of the poet Antônio Gonçalves Silva, popularly known as Patativa do Assaré, were chosen as support for the teaching-learning process. This choice was made because his productions are rich examples of popular language, which often falls victim to linguistic prejudice. The theoretical framework of this research included contributions from Monteiro (2008) and Freitag (2010) on variationist sociolinguistics; Bagno (1999; 2002; 2005) regarding linguistic prejudice; Marcuschi (2008) on textual genres; Maxado (2012) concerning the cordel genre; and Thiollent (2009), who provided insights on action research methodology. This research is qualitative in nature, based on action research, and in light of the successful results achieved, it presents itself as a methodological possibility for discussing linguistic variation in the classroom.

Keywords: Linguistic Variation; Cordel Genre; Linguistic Prejudice.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: O SURGIMENTO DA CIÊNCIA E ALGUNS DE SEUS PRESSUPOSTOS	15
2.1 Compreendendo variáveis e variantes.....	17
2.2 Sociolinguística: estudo dos fatores que promovem a variação linguística...	19
2.3 Sociolinguística variacionista: sua importância para o ensino da língua portuguesa	21
2.4 Preconceito linguístico: o que é e qual sua real motivação.....	24
2.5 Preconceito linguístico ou social: uma breve análise acerca de algumas motivações do preconceito contra as variações linguísticas.....	27
3 GÊNERO TEXTUAL: SUA DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA A APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA	31
3.1 Gênero textual cordel: a linguagem popular materializada.....	33
4 PATATIVA DO ASSARÉ: BREVE BIOGRAFIA DO UM GRANDE CORDELISTA	37
4.1 Patativa do Assaré: a voz do nordestino na literatura de cordel.....	38
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS APLICADOS	41
5.1 Pesquisa qualitativa	41
5.2 Pesquisa-ação	42
6 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA PESQUISA	47
6.1 Atividade diagnóstica.....	47
6.2 Ministração de aulas sobre variação linguística e preconceito contra suas manifestações.....	52
6.3 Atividade de aprendizagem I (variação linguística)	53
6.4 Ministração de aulas sobre o gênero textual cordel	57
6.5 Atividade de aprendizagem II (gênero cordel)	58
6.6 Ministração de aula sobre Patativa do Assaré: a voz do nordestino na literatura de cordel.....	62
6.7 Atividade de aprendizagem III (Patativa do Assaré)	64
6.8 Atividade final para análise dos resultados alcançados	67
7 ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS OBTIDOS	72

7.1 Resultados da atividade diagnóstica.....	72
7.1.1 Análise das respostas da questão 01.....	73
7.1.2 Análise das respostas da questão 02.....	74
7.1.3 Análise das respostas da questão 03.....	76
7.1.4 Análise das respostas da questão 04.....	78
7.1.5 Análise das respostas da questão 05.....	80
7.2 Atividade de aprendizagem I (Variação linguística).....	81
7.2.1 Respostas da questão 01.....	82
7.2.2 Respostas da questão 02.....	83
7.2.3 Respostas da questão 03.....	84
7.2.4 Respostas da questão 04.....	85
7.2.5 Respostas da questão 05.....	86
7.3 Atividade de aprendizagem II – (Gênero textual cordel).....	87
7.3.1 Respostas da questão 01.....	88
7.3.2 Respostas da questão 02.....	90
7.3.3 Respostas da questão 03.....	91
7.3.4 Respostas da questão 04.....	92
7.3.5 Respostas da questão 05.....	93
7.3.6 Respostas da questão 06.....	93
7.4 Atividade de aprendizagem III – (Patativa do Assaré).....	94
7.4.1 Respostas da questão 01.....	94
7.4.2 Respostas da questão 02.....	95
7.4.3 Respostas da questão 03.....	96
7.4.4 Respostas da questão 04.....	97
7.4.5 Respostas da questão 05.....	98
7.5 Atividade final para análise dos resultados alcançados.....	99
7.5.1 Respostas da questão 01.....	100
7.5.2 Respostas da questão 02.....	101
7.5.3 Respostas da questão 03.....	102
7.5.4 Respostas da questão 04.....	104
7.5.5 Respostas da questão 05.....	105

7.5.6 Respostas da questão 06.....	107
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICES	116
APÊNDICE A – Atividade diagnóstica	116
APÊNDICE B – Slides sobre variação e preconceito linguístico.....	119
APÊNDICE C – Atividade de aprendizagem I (variação linguística)	125
APÊNDICE D – Slides sobre o gênero textual cordel	128
APÊNDICE E – Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)	131
APÊNDICE F – Slides sobre patativa do assaré: a voz do nordestino na literatura de cordel	133
APÊNDICE G – Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré).....	137
APÊNDICE H – Atividade final para análise dos resultados alcançados	139
ANEXOS	141
ANEXO A – Respostas da 1º questão da Atividade Diagnóstica.....	141
ANEXO B – Respostas da 2º questão da Atividade Diagnóstica.....	141
ANEXO C – Respostas da 3º questão da Atividade Diagnóstica.....	142
ANEXO D – Respostas da 4º questão da Atividade Diagnóstica.....	142
ANEXO E – Respostas da 5º questão da Atividade Diagnóstica.....	143
ANEXO F – Respostas da 1º questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística).....	143
ANEXO G – Respostas da 2º questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística).....	144
ANEXO H – Respostas da 3º questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística).....	144
ANEXO I – Respostas da 4º questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística).....	145
ANEXO J – Respostas da 5º questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística).....	145
ANEXO K – Respostas da 1º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel).....	146
ANEXO L – Respostas da 2º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)	146

ANEXO M – Respostas da 3º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)	147
ANEXO N – Respostas da 4º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)	147
ANEXO O – Respostas da 5º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)	148
ANEXO P – Respostas da 6º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)	148
ANEXO Q – Respostas da 1º questão da Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré)	149
ANEXO R – Respostas da 2º questão da Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré)	149
ANEXO S – Respostas da 3º questão da Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré)	150
ANEXO T – Respostas da 4º questão da Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré)	150
ANEXO U – Respostas da 5º questão da Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré)	151
ANEXO V – Respostas da 1º questão da Atividade Final para análise dos resultados alcançados.....	151
ANEXO W – Respostas da 2º questão da Atividade Final para análise dos resultados alcançados.....	152
ANEXO X – Respostas da 3º questão da Atividade Final para análise dos resultados.....	152
ANEXO Y – Respostas da 4º questão da Atividade Final para análise dos resultados alcançados.....	153
ANEXO Z – Respostas da 5º questão da Atividade Final para análise dos resultados alcançados.....	153
ANEXO Z 2 – Respostas da 6º questão da Atividade Final para análise dos resultados alcançados.....	154

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, apesar do grande avanço que se teve no Brasil em relação à luta pelo respeito aos mais variados tipos de diversidades (econômica, racial, religiosa, etc.), as variedades linguísticas ainda não tem ganhado espaço de luta pelo seu reconhecimento como forma legítima de comunicação entre os falantes da língua portuguesa, fazendo com que as manifestações da língua que não estão de acordo com a norma padrão sejam discriminadas, e os seus falantes, julgados como pessoas que não sabem falar o português.

É importante observar que este fato tem se manifestado também no espaço escolar, e tem, conseqüentemente, afetado a comunicação entre os alunos, pois os que menos dominam a norma culta da língua na maioria das vezes são criticados por causa de suas manifestações orais e escritas, ocasionando assim, o preconceito linguístico, no espaço em que este fato não deveria fazer parte da realidade.

Como se não bastasse esta ocorrência na escola, evidencia-se que nas aulas de língua portuguesa a utilização das variedades linguísticas é reportada ao professor, esperando que o mesmo efetue a correção da manifestação linguística realizada utilizando a norma padrão como base para a correção, o que muitas vezes ocorre, em detrimento ao conhecimento das variações da língua.

Diante deste cenário, fica plausível que há uma lacuna existente relacionada à compreensão dos alunos acerca deste aspecto linguístico. Esta situação pode ser associada ao fato de que este conhecimento tem sido discutido de uma forma muito superficial nos livros didáticos, geralmente havendo apenas a referência à existência delas e de seus fatores, desconsiderando a abordagem de sua legitimidade. Assim, somado ao fato de que o professor se vê na responsabilidade de ministrar os conteúdos propostos pelo material didático utilizado, que apontam para a ideia da norma padrão como a única correta e que deve ser a utilizada pelos usuários da língua portuguesa, os discentes ficam propícios ao distanciamento da devida compreensão acerca variação linguística, deixando inclusive de compreender que, dependendo da situação comunicativa, o seu uso pode ser considerado o mais adequado.

Neste sentido, considerando o entendimento que os alunos têm obtido acerca desta característica da linguagem, concebendo a norma prescritiva como

a única que representa a língua portuguesa aceitável, é de suma importância que sejam realizadas ações a fim de proporcionar uma abordagem mais ampla e justa relacionada a este aspecto natural da língua. Sob este viés, Faraco declara:

[...] o grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítico à variação social do português); não dê tratamento anetódico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/comum/*standard* no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma-padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação (2008, p. 180).

Neste sentido, trabalhar a compreensão acerca da variação linguística de uma forma mais ampla em sala de aula se faz necessário para que o aluno se aproprie deste conhecimento inerente à língua portuguesa, a exemplo das demais. Somente assim, através deste conhecimento vindo à luz para os estudantes, poderemos apontar o caminho para habilidade da adequação comunicativa, que proporciona o bom uso da língua, promovendo, ao mesmo tempo, o combate ao preconceito linguístico.

Diante do exposto, entendendo a necessidade improrrogável da tratativa deste assunto de forma mais ampla em sala de aula, a presente pesquisa tem como objetivo geral intervir em sala de aula com vistas à conscientização sociolinguística variacionista do Português Brasileiro, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, através de cordéis de Patativa do Assaré.

Aqui, convém destacar que a escolha do gênero textual cordel como material a ser suporte pedagógico para o desenvolvimento desta pesquisa se deu pelo fato de o mesmo ser bem apreciado pelos alunos, tanto pela forma de poesia em que ele se apresenta, bem como pela presença da rima entre os versos, que confere musicalidade à obra, além das temáticas populares que neles são abordadas. Aliado ao gosto da referida literatura pelos alunos, a escolha deste gênero se deu, sobretudo, pelo fato de estes serem fontes ricas de manifestações da linguagem popular com suas variedades linguísticas, objeto de reflexão deste trabalho de pesquisa.

Assim, observe-se que esta intervenção não teve em sua proposta a finalidade de realizar um aprofundado trabalho em torno do gênero textual cordel com a turma, por esta razão, a abordagem em torno do mesmo se limitou a apresentar a sua origem, características e principais autores brasileiros.

Ademais, convém salientar que a utilização de obras do exímio cordelista Patativa do Assaré constitui-se um importante instrumento de trabalho em sala de aula acerca das variações linguísticas, pois neles pode-se haver o encontro com as diversas formas de expressões linguísticas que permeiam a linguagem do homem que não possui os conhecimentos inerentes à gramática prescritiva, em especial a do homem nordestino, região na qual estão inseridos os participantes desta pesquisa.

Poder contar com obras de Patativa do Assaré nesta intervenção foi algo de extrema importância, uma vez que este foi um grande defensor da linguagem popular, da linguagem daquele que costumeiramente é vítima do preconceito linguístico. Além disso, através do trabalho realizado, os alunos participantes da pesquisa tiveram contato com obras que valorizam a cultura nordestina.

Acerca da realização deste trabalho de intervenção, convém ressaltar que, pelo fato de a escola localizada no município de Mossoró/RN, em que a referida turma está matriculada, encontrar-se em reforma, sem previsão de conclusão para o ano vigente, não foi possível a permanência dos alunos em sua estrutura física. Assim, a presente intervenção foi realizada através de aulas remotas ministradas através da ferramenta *Google Meet*, obedecendo ao horário das aulas presenciais.

Por este motivo, a turma, composta por 09 (nove) alunos, que é a única de Ensino Fundamental em que o professor-pesquisador deste trabalho leciona, teve a frequência reduzida em razão do formato das aulas, a exemplo do que aconteceu no período em que o país enfrentou a pandemia da covid -19, e teve que adotar este modelo de aula a distância. Assim, a presença em cada encontro teve em média 05 (cinco) alunos, tendo aulas em que o número de participantes foi menor e, em outras, um pouco maior. Todavia, apesar de esta pesquisa ter alcançado um número relativamente reduzido de discentes envolvidos, o número de presentes em cada aula pode ser considerado significativo, tendo em vista o

número de matriculados na turma e o contexto (aulas on-line) em que o projeto foi desenvolvido

Convém ainda salientar que todas as aulas em que foi desenvolvido este projeto se deram de forma síncrona, com a interação em tempo real do professor-pesquisador com a turma de discentes. Em relação às atividades propostas para os alunos, conforme se sequenciava o projeto, as mesmas foram postadas, conforme orientação da escola, no *Google Classroom*, bem como no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, através de um grupo criado para a turma com esta finalidade. Convém ainda acrescentar que, como meio de facilitar o recebimento das mesmas, foi facultada ao aluno a possibilidade de enviar apenas a imagem das respostas das atividades, o que foi feito por boa parte dos alunos, conforme pode ser visualizado na sessão apêndice desta pesquisa.

Apreciadas as informações iniciais concernentes a esta pesquisa, passemos a observar como foram organizados os capítulos deste projeto.

Neste primeiro capítulo, foi apresentada a inquietação que motivou o desenvolvimento da presente pesquisa, a saber, a persistência do preconceito linguístico na sociedade em virtude da carência dos conhecimentos relacionados à autenticidade das variações linguísticas. Ainda nesta primeira parte do trabalho, podemos encontrar o esclarecimento acerca da seleção do gênero utilizado como suporte para o trabalho em sala de aula, bem como da preferência das obras do cordelista Patativa do Assaré, além de evidenciarmos o contexto em que o presente projeto foi desenvolvido.

No capítulo seguinte, apresentamos um breve panorama da sociolinguística variacionista, apontando para a grande importância que William Labov teve para o desenvolvimento desta área de conhecimento. Além disso, evidenciamos conceitos postulados por esta ciência que tem suma importância para a compreensão do funcionamento da língua na sociedade.

No terceiro capítulo, tratamos acerca do conceito de gênero textual, bem como sua importância para o trabalho dos conhecimentos inerentes à Língua Portuguesa em sala de aula. Para isto, atentamo-nos para os conceitos desenvolvidos por Marcuschi (2008) e Antunes (2017), respectivamente. A seguir, tratamos acerca da história e características do gênero textual cordel.

Na parte sequencial, discorreremos sobre a biografia do cordelista Patativa do Assaré, apontando para a importância que o mesmo teve para a linguagem

popular nordestina ao explorar o dialeto do sertanejo em suas obras, contribuindo assim, para a valorização da linguagem que muitas vezes é vítima do preconceito linguístico.

No quinto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa, utilizando como suporte teórico principal os estudos desenvolvidos por Creswell (2007), relacionados à pesquisa qualitativa, e os de Thiollent (2009), inerentes à pesquisa-ação.

O penúltimo capítulo, por sua vez, tem como abordagem a apresentação das atividades desenvolvidas em sala de aula neste projeto. Nesta parte, relatamos como foi composta a atividade diagnóstica, importante para a observação dos conhecimentos prévios dos alunos, como também descrevemos como ocorreram as ministrações das aulas nesta pesquisa, além de evidenciarmos a composição das atividades de aprendizagem realizadas durante este projeto.

No sétimo e último capítulo pode ser apreciada, a partir das respostas coletadas nas atividades de aprendizagem aplicadas neste estudo, a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa. Nesta parte do projeto, pudemos concluir que obtivemos resultados satisfatórios, quando observamos o entendimento que os alunos tinham no início do projeto acerca da variabilidade da língua, e a compreensão que os mesmos alcançaram no término deste estudo. Assim, acreditamos que este trabalho se constitui uma ferramenta que pode contribuir para promover a conscientização acerca da variação linguística.

Assim, realizados estes esclarecimentos iniciais, passemos às discussões promovidas acerca dos conhecimentos teóricos concernentes à sociolinguística variacionista.

2 Sociolinguística variacionista: o surgimento da ciência e alguns de seus pressupostos

A sociolinguística variacionista trata-se da ciência que busca compreender os fatores que operam a variação e mudanças da língua considerando o seu efetivo uso na sociedade. Esta ciência teve início nos Estados Unidos, quando William Labov, considerado o pai da sociolinguística, desenvolveu estudos para compreender o motivo pelo qual crianças de grupos minoritários tinham o rendimento escolar bem inferior se comparado com o de crianças de classe econômica média e alta.

Neste sentido, compreendendo que a língua é heterogênea, Labov chega à conclusão através de estudos, na década de 70, que a manifestação linguística tem, como fator determinante para a variação, o contexto social do falante, ou seja, que o grupo social em que o indivíduo está inserido reflete diretamente na sua compreensão e manifestação linguística.

Ainda acerca do início dos estudos sociolinguísticos, vale ressaltar que, apesar de ter como marco a década supracitada, as discussões que permeiam esta área da linguagem tiveram início bem antes, conforme afirma Bortoni-Ricardo:

A Sociolinguística como uma ciência autônoma e interdisciplinar teve início em meados do século XX, embora haja vários linguistas que, muito antes dos anos 1960, já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza claramente sociolinguística, como é o caso de Meillet [1866-1936], Bakhtin [1895-1975] e membros do Círculo Linguístico de Praga. Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante - pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida (2005, p. 11).

Neste sentido, pode-se compreender que análises acerca das manifestações plurais da língua tiveram o seu início ainda antes dos estudos desenvolvidos por Labov, que por sua vez desenvolveu de forma mais ampla este importante conhecimento da área linguística.

Acerca dos pressupostos da sociolinguística, podemos observar definições importantes para o estudo desta ciência. Entre elas, podemos compreender o entendimento acerca de linguagem padrão:

Variedade padrão é aquela variedade de uma comunidade de fala que é legitimada e institucionalizada como um método suprarregional de comunicação, como resultado de várias circunstâncias sociopolíticas, relacionadas à detenção do poder, no processo histórico (DITTMAR, 1976 apud BORTONI-RICARDO, 2014, p. 69).

Ademais, vale frisar que institucionalização da variedade padrão é realizada por governos nacionais, que conduzem o processo à elaboração de gramáticas e dicionários, a fim de estabelecer um modelo padrão a ser seguido pelos usuários da língua materna. Neste sentido, compreendendo que a aquisição dela se faz através do acesso do usuário da língua à escola, o conhecimento e utilização desta norma está associada diretamente ao contexto socioeconômico do indivíduo. Sob esta ótica, Bertoni-Ricardo afirma: “As classes sociais que detêm prestígio e poder têm amplo acesso a ela; as classes inferiores na pirâmide social aspiram ao domínio dessa norma padronizada, que vão aprender na escola. O processo é paralelo ao de sua mobilidade social ascendente (p.71)”

Outro conceito acerca da linguagem definido pela sociolinguística é o da norma culta. Segundo Faraco (2002), este termo designa a linguagem que é praticada em situações que têm um certo grau de formalidade, por usuários que possuem um elevado nível de formação acadêmica e que possuem prestígio social.

Sob a mesma ótica acerca da norma culta, Freitag afirma:

A norma culta está associada a certos valores sociais: os indivíduos que a usam têm, potencialmente, alto grau de escolarização (passaram pela universidade), assumem papéis sociais que exigem formalidade e em que predomina a cultura escrita. A norma culta é a variedade linguística encontrada na mídia e difundida nos grandes centros urbanos, como em jornais, revistas, livros, etc. Corresponde ao uso linguístico de prestígio (2010, p. 11).

Apesar de semelhança à linguagem padrão, a norma culta também ser de apropriação por parte dos indivíduos que têm acesso à escolaridade, ela não é homogênea como a primeira. A culta está diretamente relacionada à utilizada pelos grupos sociais de prestígio, assim, ela tem um caráter elitizado. Todavia, ela pode sofrer variações em suas manifestações, o que a difere da língua padrão, que se restringe às regras preconizadas pela gramática normativa. Por esse aspecto que ela possui, alguns linguistas, como Marcos

Bagno, preferem defini-la com variedade culta. Ainda acerca deste traço da norma (ou variedade culta), Bagno afirma (2002, p.179):

[...] não existe um comportamento linguístico homogêneo por parte dos 'falantes cultos', sobretudo (mas não somente) no tocante à língua falada, que apresenta variação de toda ordem segundo a faixa etária, a origem geográfica, a ocupação profissional etc. dos informantes.

Conforme Bagno declara, a norma culta pertence a um tipo de variação da língua que encontra um espaço de prestígio na sociedade em virtude do contexto social de seus falantes. A este ponto, vale uma breve reflexão acerca dos conceitos de variáveis, variantes e fatores que promovem a variação da linguística.

2.1 Compreendendo variáveis e variantes

A comunicação entre indivíduos através da fala e da escrita traz consigo, seja em qual for o idioma em que ela seja utilizada, a característica da diversidade em sua manifestação. Não há uma única forma pela qual a sua expressão é concebida entre os falantes de uma língua. Considerando esse aspecto inerente a todas as línguas, a sociolinguística, segundo Freitag, traz a seguinte compreensão:

[...] às diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. E o conjunto de variedades linguísticas utilizado por uma comunidade é chamado repertório verbal. Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variação, logo, a língua é representada por um conjunto de variedades (2010, p. 47).

Neste sentido, considerando as variedades existentes em cada idioma, encontramos nos postulados da sociolinguística a compreensão de que as variáveis correspondem aos significantes que possuem múltiplas formas de verbalização. Por exemplo: a segunda pessoa do singular da língua portuguesa pode ser expressa pelos pronomes "tu" e "você". Assim, compreende-se que há uma regra variável para se referir à pessoa com quem se fala.

Por sua vez, as expressões "tu" e "você" representam as variantes da segunda pessoa do singular. Ademais, vale observar que a utilização de uma

ou de outra forma seria diretamente influenciada pelo contexto em que o falante está inserido. Por exemplo, o usuário da língua que possui um bom nível de escolaridade e que, conseqüentemente, conhece o uso prescritivo pela gramática normativa acerca uso do pronome “tu”, que conjuga os verbos na segunda pessoa do singular observando as regras gramaticais, tendem a utilizar este termo da língua mais comumente do que falantes que não têm acesso a este conhecimento. Assim, pode-se compreender que a escolaridade, entre outros fatores que veremos mais adiante, influenciam na utilização de uma variante ou outra.

Para corroborar com este entendimento, Freitag afirma:

Uma variável linguística (regra variável) comporta duas ou mais variantes. As variantes correspondem aos modos alternativos semanticamente equivalentes de dizer “a mesma coisa” (valor referencial ou representacional) em um mesmo contexto. Ou seja, uma regra variável possui duas ou mais variantes (caso não tenha, não temos uma regra variável, mas sim uma regra categórica). As variantes são as formas linguísticas alternantes que configuram um fenômeno variável. As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas ou podem mudar quando uma das variantes desaparecer (2010, p. 49).

Sobre o aspecto de fatores que operam sobre a escolha das variáveis na manifestação da língua, Molicca e Braga (2003, p.11) afirmam: “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural”. Acerca do entendimento sobre a questão de que fatores sociais influenciam sobre a escolha de uma variante ou outra, Freitag afirma:

Para nos referirmos à 1ª pessoa do plural, em português, dispomos de duas formas pronominais: uma forma dita “canônica”, prescrita e registrada nas gramáticas normativas da língua portuguesa, que é o pronome pessoal nós, e outra forma, inovadora, que aparece em algumas gramáticas normativas da língua portuguesa como observação restrita à fala coloquial, que é formada pela forma a gente. Assim, podemos dizer que a referência à 1ª pessoa do plural no português é uma regra variável, porque dispomos de duas variantes: as formas nós e a gente. Embora haja muitos estudos relativos a essa variável no português, podemos perceber intuitivamente algumas tendências de usos das duas formas: por exemplo, os jovens e as crianças tendem a utilizar muito mais a forma a gente do que a forma nós. Ou ainda, em situações mais formais, por exemplo, em uma audiência judicial, a forma nós predomina. Já em uma conversa entre amigos no bar, a forma a gente predomina. A faixa etária e o nível de formalidade são fatores de caráter externo, são fatores sociais que

determinam/condicionam o uso de uma forma ou de outra. (2010, p. 50).

Sob este viés, considerando que as manifestações linguísticas realizadas pelos usuários da língua são reflexos de fatores nos quais os falantes estão inseridos, se faz imperiosa a análise destes aspectos, a fim de compreender os fatores que promovem a variação linguística.

2.2 Sociolinguística: estudo dos fatores que promovem a variação linguística

A língua é um instrumento de comunicação e, em todos os idiomas, ela possui como característica a variabilidade, isto é, a possibilidade de enunciar uma mesma mensagem com palavras diferentes mantendo o mesmo valor semântico. Ao observar este fenômeno, a sociolinguística desenvolveu estudos que tiveram como objetivo compreender os fatores que promovem a variação linguística. Essa área de estudo classificou os fatores como: diatópico, diastrático, diamésico e diafásico. Sob esta compreensão, Freitag (2010, p. 30) afirma:

As diferenças linguísticas costumam ser reunidas em três tipos de variação: a variação regional ou geográfica (diatópica), a variação social (diastrática), e a variação estilística ou de registro mais ou menos formal (diafásica). Podemos ainda considerar uma quarta variação, decorrente da modalidade oral ou escrita da língua (diamésica).

O fator diatópico, também chamado de geográfico, refere-se às diferentes manifestações linguísticas manifestadas entre uma região e outra onde a mesma língua é falada.

As diferenças podem ser notadas na pronúncia (prosódia), quando, por exemplo, as vogais átonas, em posição pretônica, como em repórter, novela e correte, tendem a ser pronunciadas fechadas, como no Rio Grande do Sul, enquanto que no Rio Grande do Norte, a tendência é que elas sejam pronunciadas de forma aberta. A diferença na pronúncia de certas palavras pode ser observada também entre espaços que possuem menor distância entre si, como é o caso dos estados vizinhos Ceará e Rio Grande do Norte, onde os falantes cearenses tendem a pronunciar o [t] e o [d] precedidos do [i] como [tchia] e [djia], enquanto que os potiguares comumente verbalizam [tia] e [dia].

Além da variação evidenciada na pronúncia, a condição geográfica do falante também influencia no uso de vocábulos, sendo diversos termos característicos de uma região e não de outra, e vice-versa. A palavra *guri*, por exemplo, é comumente utilizada para se referir a uma criança do sexo masculino no Paraná, enquanto que essa expressão não é utilizada/reconhecida no Rio Grande do Norte, onde o mesmo referente é denominado *menino*. Outro exemplo se dá quando, no estado do Nordeste, é utilizada a palavra *jerimum* ao mesmo tempo que, na região Sudeste, para nomear o mesmo legume, o vocábulo reconhecido pelos usuários é *abóbora*. Dessa forma, pode-se compreender que, a exemplo de todas as línguas, o espaço geográfico atua diretamente na variação linguística do português brasileiro.

Em se tratando do diastrático, este atuador da variação se manifesta em virtude do grupo social em que o falante está inserido. Também conhecido como fator social/cultural, nele, a escolaridade influencia diretamente na manifestação linguística de um falante, conforme afirma Bortoni-Ricardo: “Os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico. Observe que esses fatores estão intimamente ligados ao estatuto socioeconômico, na sociedade brasileira.” Assim, pode-se entender que, em virtude do acesso a instituições acadêmicas e contextos sociais, um indivíduo há de se expressar de forma diferente a de outro que não teve a mesma oportunidade. Expressões como *vácuo*, *lacuna*, *intercorrência*, *incongruência*, entre outras, naturalmente, são parte exclusiva de expressões de um grupo de falantes que usufruem de um bom grau de escolaridade e/ou fazem parte de um grupo social de prestígio.

O fator diafásico, por seu turno, refere-se à variação decorrente do contexto comunicativo. Um grande empresário, por exemplo, tende a utilizar uma linguagem mais formal em uma reunião com investidores, pois a situação assim o requer. Entretanto, este mesmo usuário da língua, naturalmente, irá utilizar uma linguagem mais espontânea, informal, em momentos de descontração com a família, pois a situação comunicativa lhe permite tal liberdade. Acerca desta variação, Bertoni (2005, p. 25) afirma que “Em qualquer circunstância, porém, há pelo menos três fatores determinantes dessa seleção: os participantes da interação, o tópico da conversa e o local onde ela se processa.

A diamésica, por sua vez, está ligada às diferentes formas de manifestação da língua por parte de um mesmo indivíduo quando este faz uso da fala e da escrita. Geralmente, o uso da linguagem através da escrita é mais monitorado, segue mais as regras da gramática prescritiva, por exemplo. Por outro lado, a linguagem falada se manifesta de forma mais espontânea, menos monitorada. No entanto, apesar de o uso da linguagem geralmente seguir essa tendência, vale observar que, dependendo do gênero do discurso, o uso da fala requer mais formalidade e, conseqüentemente, mais monitoramento como, por exemplo, em uma palestra ministrada por um juiz. Por outro lado, a linguagem escrita utilizada em um bate-papo virtual entre amigos tem a tendência de possuir mais marcas de informalidade.

Dentre os fatores que promovem a variação linguística, há ainda o diacrônico, também conhecido como histórico, refere-se ao fato de que, com o passar do tempo, muitas expressões que eram utilizadas na língua caíram em desuso, cedendo o espaço para outras utilizadas pelos falantes. Sob esta lógica, Freitag afirma:

Intuitivamente, percebemos a influência da idade nos processos de variação e mudança linguística: uso de uma expressão “fora de moda”, gírias desatualizadas, enfim, percebemos que o tempo passou e ainda guardamos traços daquela época em nosso repertório linguístico (2010, p. 71).

Neste sentido, essa característica revela que a língua não é algo estagnado, ela muda com o passar dos anos. Novas palavras vão surgindo e substituindo outras que, aos poucos, vão deixando de serem utilizadas pelos falantes. Pode-se ter como exemplos as palavras alparca, barrer, vosmecê, que deixaram de fazer parte dos vocábulos utilizados pelos usuários da portuguesa, cedendo o espaço para os seus respectivos substitutos; sandália, varrer e você.

Compreendendo os fatores que motivam a variação linguística, convém fazer uma breve reflexão acerca da importância da sociolinguística variacionista para ensino da língua materna.

2.3 Sociolinguística variacionista: sua importância para o ensino da língua portuguesa

A compreensão acerca de que só existe uma única forma de falar a língua portuguesa corretamente, e que este modo é o que se encontra sob o que é orientado na gramática normativa, e que as demais maneiras de se expressar devem ser combatidas, pois representam erros e distorções contra a língua materna, tem sido difundida ao longo dos anos entre os falantes, em especial no ambiente escolar.

Todavia, com o advento da sociolinguística e de suas compreensões acerca das variações linguísticas, uma nova visão acerca das formas de expressão não prescritas pela gramática tem ganhado espaço entre os que constroem a educação no país. A respeito disso, Bortoni-Ricardo (2005, p. 151) afirma:

[...] a principal influência dos estudos sociolinguísticos para a educação provém da ênfase veemente na premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade, sejam elas línguas distintas ou dialetos de uma ou mais línguas, são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhum deles é inerentemente inferior, e, portanto, seus falantes não podem ser considerados linguista ou culturalmente deficientes. Essa premissa representou uma verdadeira revolução na forma de encarar as variedades ou línguas minoritárias nas escolas. Muito embora os preconceitos linguísticos não tenham desaparecido, a sociolinguística forneceu munição teórica e tecnológica para combatê-los, bem como para que os sistemas escolares começassem a se preocupar com a adequação de seus métodos às peculiaridades linguísticas e culturais de seus alunos que não provinham das camadas dominantes da sociedade.

Neste sentido, um novo olhar direcionado para as variedades linguísticas é formulado, de maneira que as orientações pedagógicas norteadas por documentos oficiais que regem a educação brasileira apresentam a importância de se reconhecer, no exercício da docência, a legitimidade e importância das manifestações da língua que não observam a norma padrão. Sob esse novo entendimento acerca das variedades, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – orientam:

Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma certa de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim seria preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (Brasil, 1997, p. 26).

Neste sentido, a condução do ensino da língua portuguesa ganha um novo direcionamento, o de que é necessário reconhecer a legitimidade da fala do aluno quando este chega na escola, quando normalmente não domina as regras da gramática prescritiva, todavia já faz o bom uso da língua materna.

Assim, o papel da escola e, especialmente do professor de língua portuguesa, é conduzir o aluno a compreender que as variações linguísticas é um fator inerente a todas as línguas e que são formas autênticas de comunicação dos falantes da língua materna. A importância, por sua vez, da aprendizagem da linguagem padrão, é a de que existem situações comunicativas que requerem o uso dela, portanto, se faz necessário que o aluno conheça a norma preconizada pela gramática prescritiva a fim de se tornar um indivíduo que faz o bom uso da língua nas mais diversas situações comunicativas. Sob este viés, a BNCC, em duas de suas competências a serem desenvolvidas em sala de aula, orienta:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (Brasil, 2016, p. 161).

Ainda sob essa perspectiva, os PCNs declaram:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. [...] A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido (Brasil, 1997, p. 26).

Desta forma, através da sociolinguística, a compreensão sobre as variações linguísticas alcançou o entendimento de que o uso adequado da língua não está restrito ao domínio e uso da norma padrão, mas que o bom manuseio da língua se dá quando o falante seja apto a fazer a adaptação da mesma às diversas situações comunicativas. Nesta direção, os PCNs orientam que escola conduza o ensino a fim de desenvolver no aluno as seguintes habilidades:

[...] que a escola organize o ensino de modo que o aluno possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e lingüísticos, sabendo: a) ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; b) expressar-se adequadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato; c) refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade lingüística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (Brasil, 1998a, p.59)

Ainda sobre a grande contribuição que a sociolinguística trouxe para a concepção de certo e errado em relação às manifestações da língua e, conseqüentemente, ao seu ensino na escola, Freitag afirma: “Com o advento da Sociolinguística, substituímos a noção tradicional de erro pela noção de diferenças entre variedades (dialetos) ou entre estilos. Assim, um erro, como fato social, ocorre quando o falante não encaixa uma determinada variante no contexto de fala” (Freitag, p. 118).

Portanto, pode-se concluir que o surgimento da sociolinguística contribuiu de forma significativa para o reconhecimento das variedades existentes na língua como formas autênticas de expressão de seus falantes. No entanto, apesar deste avanço, o preconceito lingüístico contra as variações ainda é uma realidade que tem trazido grandes prejuízos para os falantes da língua materna. Neste sentido, convém fazer uma breve reflexão acerca deste fenômeno que tem persistido até os dias atuais entre os usuários da língua portuguesa.

2.4 Preconceito lingüístico: o que é e qual sua real motivação

Partindo desta conclusão e compreendendo a variação lingüística como fator inerente a toda e qualquer língua, bem como a análise dos fatores sociais que promovem a variedade, Labov, entre outros estudiosos, como Joshua Fishman e John Gumperz, promoveram a discussão da manifestação prática da língua sob outro viés, apontando para o fato de que o não reconhecimento de tais ocorrências da fala como autênticas seria, na verdade, o resultado de um preconceito lingüístico, conforme afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 151):

[...] a principal influência dos estudos sociolinguísticos para a educação provém da ênfase veemente na premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia lingüística de uma comunidade, sejam elas línguas distintas ou dialetos de uma ou mais línguas, são

funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhum deles é inerentemente inferior, e, portanto, seus falantes não podem ser considerados linguista ou culturalmente deficientes. Essa premissa representou uma verdadeira revolução na forma de encarar as variedades ou línguas minoritárias nas escolas.

Ainda segundo a autora, apesar de o preconceito linguístico ainda se manifestar na sociedade, o trabalho da sociolinguística permitiu uma nova visão acerca das manifestações linguísticas menos prestigiadas na sociedade, conforme Bortoni-Ricardo afirma:

Muito embora os preconceitos linguísticos não tenham desaparecido, a sociolinguística forneceu munição teórica e tecnológica para combatê-los, bem como para que os sistemas escolares começassem a se preocupar com a adequação de seus métodos às peculiaridades linguísticas e culturais de seus alunos que não provinham das camadas dominantes da sociedade (2005, p. 151).

Conforme observado, apesar dos avanços que a sociolinguística trouxe para a compreensão das variações, o preconceito linguístico ainda é algo presente na sociedade. Não diferente do que acontece nos diversos lugares do mundo, no Brasil, apesar de o país ser tão plural em sua formação populacional e conseqüentemente em suas manifestações culturais, bem como alicerçado em situações socioeconômicas bem variadas, onde muitos ainda não têm acesso à escola por diversos motivos, entre eles, por terem a necessidade de trabalhar desde cedo para manter a própria sobrevivência e de sua família, ainda é facilmente possível observar que há uma tendência de aqueles que têm acesso ao conhecimento da língua padrão estigmatizarem manifestações linguísticas das pessoas que não se expressam de acordo com a normas formais da língua portuguesa.

Segundo Marcos Bagno, esse tipo de preconceito, de certa forma, tem sido alimentado, inclusive, pela mídia, quando o mesmo defende:

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica. Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos (1999, pg. 16).

Em consonância com o que defende o autor, a variedade do idioma português brasileiro, no aspecto não padrão, tem sido considerado algo não digno de reconhecimento como uma manifestação legítima da língua, sendo considerado algo a ser combatido em nome do “bom português”.

No entanto, ao se desconsiderar as variedades linguísticas como manifestações autênticas do idioma brasileiro, pode-se evidenciar que há, na verdade, a ausência da compreensão de que a língua portuguesa não se reduz à gramática normativa, e para se compreender tal afirmação, pode ser analisado o fato de que a fala não surgiu da norma padrão da língua, antes, ela já existia e promovia a comunicação entre os seus usuários, exercendo a função primordial da linguagem em toda e qualquer sociedade.

Neste sentido, faz-se necessário que os falantes da língua portuguesa reconheçam o fenômeno variação linguística, que entendam que esta característica está presente em todas as línguas, que compreenda os fatores que a promovem e reconheçam a sua legitimidade comunicativa. Corroborando com este pensamento, pode-se verificar nos Parâmetros curriculares nacionais, publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1998, que defende:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua” (PCN, 1998, p. 19).

No tocante à abordagem das variações linguísticas do português brasileiro, as competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental, a BNCC traz as seguintes orientações:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. [...] 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem

adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (Brasil, 2016, p. 87).

Após as considerações realizadas acerca do preconceito linguístico e dos direcionamentos norteados pelos PCNs e BNCC em relação ao ensino da língua materna no tocante às variações linguísticas, convém uma sintética análise acerca do fator motivador do preconceito linguístico.

2.5 Preconceito linguístico ou social? Uma breve análise acerca de algumas motivações do preconceito contra as variações linguísticas

Por muitos anos, desde os falantes da língua portuguesa que não tiveram acesso à escola - mas que são indivíduos que fazem o uso efetivo da língua-, até os professores que ocupam um espaço de suma importância para a educação no país, acreditava-se que só existia uma forma correta de se falar a língua nativa, modo este que está relacionado às prescrições da gramática normativa. Com os estudos desenvolvidos pela sociolinguística, foi possível ampliar a visão acerca das variedades da língua, passando pela compreensão de que a norma-padrão não se constitui a única forma correta de manifestação linguística dos usuários do idioma, mas que esta significa uma forma adequada para determinados contextos de comunicação.

Todavia, apesar deste avanço, ainda nos dias atuais é possível observar que há fortemente a crença de que a única forma correta de manifestação da língua é a que segue os padrões normativos. Inclusive, muitos docentes em suas práticas pedagógicas têm a tendência a fazer a correção de expressões manifestadas na fala e escrita que não observam a gramática prescritiva, sem fazer a observação de que a variação é bem-vinda em diversos contextos comunicativos, corroborando, conseqüentemente, com a ideia de que a variação é algo que denigre o bom uso da língua, e de que a única forma correta de expressão é a realizada através da norma padrão.

Este entendimento que tem se perpetuado tem trazido consigo sérios danos àqueles que não dominam a norma-padrão da língua, pois estes, em suas manifestações da linguagem, têm sofrido preconceito, sendo julgados como indivíduos que não sabem falar o próprio idioma.

Sob esta perspectiva, vale atentar para o fato de que o domínio da norma-padrão está diretamente relacionado ao acesso que o usuário da língua tem à sala de aula, fato este que está intrinsecamente ligado à questão socioeconômica dos indivíduos. Sob essa compreensão, Freitag afirma:

As variedades culta e não padrão usualmente refletem as diferenças sociais dos falantes. A norma culta, vista por muitos como o “falar corretamente”, é considerada uma via de ascensão social. Quem não domina a variedade padrão da língua é marginalizado, ridicularizado, enfim, excluído: em uma entrevista para emprego, na escola, no vestibular. Porém, o domínio e o uso da variedade culta ficam restritos a uma parte muito pequena da população brasileira, que, não por coincidência, é a detentora do poder político e econômico (2010, p. 129).

Neste sentido, além de refletir a situação socioeconômica do falante, o domínio da norma-padrão acaba excluindo oportunidades aos falantes que não detêm o conhecimento linguístico prescritivo, por considerá-lo como alguém que não sabe fazer o uso da língua portuguesa, evidenciando assim, o preconceito linguístico existente na sociedade.

Analisando ainda relação do fator socioeconômico dos falantes com a linguagem utilizada por eles, pode ser observando que o preconceito linguístico é, na verdade, decorrente do preconceito social. Assim, indivíduos que têm de um bom prestígio social tendem a ter suas manifestações linguísticas, mesmo as que são marcadas pela variação, valorizadas em função da posição de destaque que este se encontra na sociedade; enquanto que as variações evidenciadas na fala dos indivíduos que não usufruem de uma favorável situação econômica tendem a ser ridicularizadas pelos demais usuários da língua, revelando que o preconceito linguístico é apenas um reflexo do preconceito social. Sobre esta compreensão, Freitag declara:

O preconceito linguístico se manifesta em comentários do tipo: “Fulano fala errado”, “Fulano não sabe falar direito”, “A fala de fulano é feia...” A isso se chama valor social das formas variantes. A fala (ou escrita) é avaliada ou julgada em função do status social dos indivíduos que a utilizam, e não pelas características linguísticas em si (p. 129).

Ainda acerca deste entendimento, Cagliari afirma:

Certo e errado são conceitos pouco honestos que a sociedade usa para marcar os indivíduos e classes sociais pelos modos de falar e para

revelar em que consideração os tem, se são pessoas que gozam de influência ou ocupam posições de prestígio ou não, se exercem o poder instituído ou não etc. Essa atitude da sociedade, revela seus preconceitos, pois marca as diferenças linguísticas com marcas de prestígio ou estigmas (2009, p. 71).

Vale ressaltar ainda que o preconceito linguístico muitas vezes se manifesta em razão da localização geográfica do falante. Conforme afirma o linguista Marcos Bagno:

[...] do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador (1999, p. 43).

Convém frisar que o fator geográfico está interligado ao fator socioeconômico. Neste sentido, se um determinado lugar é menos desenvolvido economicamente do que outro, seja em se tratando de regiões do país, por exemplo, Nordeste e Sudeste, ou mesmo referindo-se a uma área rural menos desenvolvida do que uma determinada área urbana, os falantes dos espaços geográficos menos favorecidos tendem a sofrer preconceito linguístico dos moradores das localidades mais abastadas.

Acerca deste tipo de preconceito, é necessária a compreensão de que as variedades pertencentes a cada espaço e grupos de usuários da língua atendem às necessidades sociocomunicativas de seus falantes, e nenhuma tem em si um valor maior do que outras, não havendo assim, racionalidade nas manifestações preconceituosas ainda tão presentes contra as variedades.

Sob este raciocínio, Bagno defende:

[...] não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares (1999, p. 47).

Portanto, levando em conta as relevantes considerações acerca da variação linguística, bem como a abordagem de algumas motivações que geram o preconceito linguístico, a presente pesquisa utilizará para análise das manifestações variadas da língua materna o gênero textual cordel. Avaliando também que haverá como proposta de atividade a análise de cordéis que abordam a temática variedade e preconceito linguístico, convém refletir sobre a pertinência dos gêneros textuais para o ensino da língua materna.

3 GÊNERO TEXTUAL: SUA DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA PARA A APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA

Considerando a sua existência e interação na sociedade, o homem se comunica e realiza ações através da linguagem. Diferentemente dos tipos textuais, que se resumem em cinco, a saber: o narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo, os gêneros textuais são incontáveis, e podem ser definidos de acordo com a sua função na sociedade. Neste sentido, Marcuschi afirma:

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais étnicas (2008, p. 155).

Como forma de compreensão da existência dos mesmos nas expressões linguísticas, o autor exemplifica manifestações de gêneros textuais na sociedade:

Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas (Marcuschi, 2008, p.155).

Neste sentido, toda comunicação se dá através de gêneros textuais, conforme afirma Antunes (2017, p.29-30): “Todos nós, em qualquer situação, só nos comunicamos verbalmente por meio de um gênero de texto, oral ou escrito. Daí que qualquer abordagem que pretenda ocupar-se dos usos da linguagem terá que ser forçosamente em textos”. Sendo assim, analisando a definição de gêneros textuais e sua presença em todas as manifestações linguísticas humanas, pode-se compreender que o uso dos gêneros textuais pelos falantes da língua se faz com o objetivo de atender suas necessidades que podem ser realizadas por intermédio da comunicação.

Nas suas manifestações práticas na sociedade, os gêneros assumem formas relativamente estáveis, que permitem o seu uso e reconhecimento como legítimo para o fim a que se destinam. Sob este viés, Antunes afirma que os gêneros têm como característica uma certa estabilidade em suas formas:

[...] eles representam o lado estável das realizações textuais; ou seja, os gêneros apresentam-se sob a forma recorrente de “modelos”, admitem uma composição própria, apesar de sua flexibilidade e maleabilidade de forma e conteúdo; o normal é que a gente queira saber como se faz um resumo, um requerimento, um recibo, uma procuração, um edital, como se apresenta em público a resenha de uma obra.; por isso mesmo os gêneros são tidos como “formas relativamente estáveis” de texto (2017, p.132).

Desta maneira, pode-se compreender que através das características de cada gênero textual é possível reconhecer o gênero a que pertencem e realizar os propósitos comunicativos dos usuários. Vale destacar que tais particularidades são convencionadas pelo seu uso na sociedade, e sem estas, a sua função não seria alcançada devido à sua incompletude estrutural. Segundo Antunes, acerca dessa estabilidade estrutural, pode-se compreender que:

Essa estabilidade dos gêneros decorre do fato de eles serem resultados de ações, convencionais, tipificadas, recorrentes (todo mundo é capaz de reconhecer uma carta); por isso, os gêneros textuais contribuem decisivamente para ordenar e regular as atividades comunicativas do cotidiano [...] (2017, p.133).

Assim sendo, a ideia de que as observação das formas em seus usos podem garantir o fim a que se destinam pode ser verificando quando, por exemplo, em uma escritura de imóvel na zona urbana, informações como a localização precisa (estado, cidade, bairro, rua e número) e extensão (medidas da frente e do cumprimento da propriedade), bem como a descrição e quantidade de cômodos, caso se trate de área construída, são elementos necessários para o reconhecimento de tal manifestação textual como o gênero escritura de imóvel, que foram convencionados pela necessidade do seu uso na sociedade.

Assim como uma receita culinária que, se por acaso, contivesse todos os ingredientes necessários, mas não expressasse a quantidade necessária de cada item, ou mesmo o modo de preparo para a produção do alimento, seria insuficiente em sua composição e, conseqüentemente, ineficaz para a utilização

na sociedade por não contemplar os elementos básicos que o gênero textual receita requer.

Sobre a definição de gêneros como expressões linguísticas relativamente estáveis, vale frisar que, apesar de suas formas convencionadas e consagradas na sociedade, com o passar do tempo, os gêneros podem ganhar novas características de acordo com as necessidades de pragmáticas e contexto dos falantes, como afirma a autora:

Apesar de estáveis, os gêneros são flexíveis; isto é, podem, no decorrer do tempo, assumir formas novas, conforme as condições socioculturais em que as pessoas atuam; ou seja, são construídos historicamente pelas pessoas, em seus grupos sociais de atuação, por isso são definidos como “produtos histórico-sociais”, o ‘telefonema’ e o ‘bate-papo virtual’ podem ser vistos hoje como transformações do gênero ‘conversa face a face’; o e-mail pode ser visto como uma mensagem híbrida (mistura do escrita e do oral), no sentido de que contém traços de uma carta e, ao mesmo tempo, traços de uma conversa (Antunes, 2017, p.133).

Por conseguinte, analisando a concepção de gêneros textuais e sua presença em todas as manifestações discursivas, bem como considerando que o falante vive em sociedade, e que através da comunicação, ou seja, através dos gêneros textuais, ele busca alcançar seus objetivos realizáveis através da comunicação no cotidiano.

Conforme Antunes (2017 p.27) afirma: “Ninguém fala nada sem finalidade. Nem que seja simplesmente para não ficar calado”, faz-se necessário lidar com o conceito de gêneros em sala de aula, bem como tratar as suas características a fim de que o usuário da língua materna possa fazer o seu uso produtivo nas suas manifestações linguísticas. Assim, através da apreensão dos conceitos e características dos gêneros textuais que circulam na sociedade, o aluno poderá marcar a sua inserção nas atividades humanas que englobam a linguagem.

3.1 Gênero textual cordel: a linguagem popular materializada

Considerando a reflexão realizada acerca do conceito de gênero textual e a importância da abordagem, nas aulas da língua materna, de suas características e diversas finalidades pragmáticas na sociedade; a presente pesquisa constituiu um gênero textual como base para a discussão da temática a ser desenvolvida em sala de aula. Sendo assim, levando em conta a história e

as características presentes no cordel, que serão evidenciadas a seguir, este gênero foi escolhido como suporte para a exploração do tema em sala de aula a saber, a variação linguística do português brasileiro e combate ao preconceito linguístico.

Neste momento, vale salientar que a presente pesquisa, por selecionar o gênero cordel apenas como recurso para trabalhar a temática, não observa a necessidade da abordagem da teoria da literatura, detendo-se assim, nas especificidades próprias do gênero cordel.

Assim sendo, para compreender o conceito de literatura de cordel, observa-se a definição dada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que declara:

A literatura de cordel é um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena e europeia e árabe. Nesse sentido, a literatura de cordel é um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais (contos e histórias de origem africana, indígena e europeia), à poesia (cantada e declamada) e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses (2018, p.16).

Ainda segundo o IPHAN (2018, p.16), “Os poetas brasileiros no século XIX conectaram todas essas influências e difundiram um modo particular de fazer poesia que se transformou numa das formas de expressão mais importantes do Brasil”.

Acerca da forma de como este gênero foi introduzido no país, registra-se que a sua divulgação se dava em feiras populares, onde os transeuntes tinham o contato com a literatura declamada pelo cordelista, conforme declara Maxado:

O poeta era mais um artista que um vendedor. E o povo vinha dos campos para comerciar, vender, comprar, namorar, encontrar amigos, passear, visitar conhecidos, saber das novidades, confessar, orar, casar, batizar etc. A feira não era só um evento semanal de trocas. Era uma festa! (2012, p.32).

Como se pode observar, a literatura de cordel teve como lugar de divulgação espaços populares, onde a maioria das pessoas que frequentavam eram pessoas simples, sem muito prestígio social, e que se identificavam com as características desta literatura popular.

Dentre as peculiaridades presentes no cordel, temos a abordagem de temas sociais, de interesse geral das pessoas, bem como a abordagem de lendas e mitos, conforme afirma Lima (2010, p. 11) em cordel de sua autoria:

A história de Getúlio,
Do Padre Cícero Romão,
Do beato Conselheiro,
De Silvino e Lampião,
Numa visão popular,
Autêntica, complementar,
Vital para a EDUCAÇÃO.

Críticas à corrupção,
Desmantelo e carestia,
Folhetos satirizando
Os costumes de hoje em dia,
Só se encontrava na feira,
Mas hoje tem pra quem queira,
Na banca ou na livraria.

Quanto à estrutura, o cordel é, predominantemente, escrito em versos, recebendo especial atenção à métrica, rima e oração.

Segundo Maxado (2012, p. 136), a métrica “é a contagem das sílabas para que possa ser cantada dentro do ritmo tradicional do baião de viola. Quando não há, diz-se que há pé quebrado”.

Já a rima refere-se à reiteração fonéticas das palavras. Neste sentido, busca-se palavras que rimem entre si nos finais dos versos, garantindo a musicalidade.

No tocante à oração, conforme Maxado, o termo tem como significado “o encadeamento do assunto pelas estrofes, numa sequência lógica” (Maxado, 2012, p. 136-137). Ou seja, é a oração que garante a presença da coerência textual no decorrer de toda a construção do cordel.

Acerca da importância desses elementos na construção do cordel, Lima (2010, p. 11), ao indicar para professores a prática da leitura de cordéis no processo de alfabetização dos alunos, recomenda aos docentes:

Porém, professor, cuidado!
Escute o que eu vou dizer:
Nem todo folheto serve,
Tem que saber escolher.
Observe com atenção:
MÉTRICA, RIMA E ORAÇÃO,
Todo cordel deve ter.

Considerando ainda algumas características presentes no cordel, a literatura em estudo, por se tratar de poesia popular, muitas vezes adota uma linguagem que permeia o campo da informalidade, utilizando expressões linguísticas que acabam criando a identificação dos ouvintes e leitores da literatura com a obra.

Assim sendo, Câmara Cascudo afirma que “para que o povo leia e compreenda é preciso outra roupagem, outra língua. O poeta popular transforma o livro da cidade, do autor letrado, em romance, romance na acepção clássica da adaptação e assimilação destinada a um certo ambiente social” (Cascudo, 1984, p. 12).

Desta forma, considerando o contexto social de circulação do cordel, é possível verificar em algumas produções deste gênero textual marcas de variação linguística do português brasileiro, conforme pode se observar no trecho de cordel de Patativa do Assaré (1984):

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha choupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Neste sentido, considerando as características do gênero cordel, em especial a linguagem popular que nele é utilizada, o gênero em questão oferece um vasto material para análise e discussão do tema abordado nesta pesquisa. Desta forma, oportuniza, a partir do estudo dos fatores que promovem as variações das manifestações da língua, a compreensão da legitimidade da variação linguística, permitindo promover, conseqüentemente, o combate ao preconceito linguístico.

4 PATATIVA DO ASSARÉ: BREVE BIOGRAFIA DE UM GRANDE CORDELISTA

Nascido no dia 05 de março de 1909, Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, nasceu no sítio Serra de Santana, no município cearense Assaré. O apelido Patativa seu deu pelo seu canto harmonioso que chamava a atenção de todos que o ouviam, assemelhando-se ao do pássaro denominado patativa, daí o apelido de Patativa do Assaré. Filho dos agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, ele teve quatro irmãos. Aos seis anos, perdeu a visão do olho direito em decorrência do sarampo, ficando órfão de pai dois anos após, tendo que trabalhar na roça para ajudar no sustento da casa. Aos doze anos, começou a frequentar a escola, onde rapidamente aprendeu a ler e escrever. O seu amor pela poesia começou logo cedo, aos treze anos, quando começou a compor os seus primeiros versos, tendo os seus primeiros poemas publicados no jornal da capital cearense, Correio do Ceará. Acerca do início do seu percurso na literatura, o mesmo afirma:

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse, que eu visse, que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí, dali comecei a fazer versos (Assaré, 2001, p. 39).

Já o seu primeiro livro, intitulado “Inspiração Nordestina”, foi publicado em 1956, mas foi em 1964 que o seu nome ganhou projeção nacional, quando o rei do baião, Luiz Gonzaga, musicaliza o poema “Triste Partida”, de autoria do assareense, que trata sobre a migração forçada do nordestino em busca da própria subsistência, quando castigado pela seca que, historicamente, assola o sertão cearense. Filho do sertão, o renomado cordelista casou-se com D. Belinha, com quem teve nove filhos que foram criados no sertão do Ceará.

Autor de várias obras literárias, Patativa do Assaré teve os seus livros traduzidos para vários idiomas, que foram materiais de estudo na Universidade de Sorbonne, na França. Tendo alcançado grande notoriedade com suas obras que representavam com muita fidelidade a vida humilde do nordestino, Patativa

do Assaré faleceu no dia 08 de julho de 2002, em sua casa, já totalmente cego e surdo, em decorrência de falência múltipla de órgãos aos 93 anos, mas as suas obras até hoje dão vida e voz à vida dos excluídos do sertão nordestino, deixando o seu grande legado social para este povo esquecido.

4.1 Patativa do Assaré: a voz do nordestino na literatura de cordel

Criado no sertão, Patativa se dedicou em suas obras a ser a voz do povo sofrido, daqueles que vivem esquecidos pelo poder público. Nas suas composições, o poeta além de retratar as angústias testemunhadas e vividas pelo mesmo. No poema “Triste Partida”, pode ser observada a descrição do sofrimento de uma família ao se ver obrigada a migrar para outro estado por causa da seca que assola o sertão nordestino.

Agora pensando
Ele segue outra tria
Chamando a fãmia
Começa a dizer
Meu Deus, meu Deus
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer
Ai, ai, ai, ai
[...]
Em riba do carro
Se junta a fãmia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
Meu Deus, meu Deus
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natá
Ai, ai, ai, ai (Assaré, 2011, p. 90)

Mais adiante, no mesmo poema, Patativa descreve a situação do nordestino que, mesmo desejando um dia voltar para a sua terra, se vê sem condições por ganhar tão pouco a ponto de não poder juntar dinheiro para o seu regresso, ganhando um salário que mal supre as necessidades básicas.

Trabaia dois ano,
Três ano e mais ano

E sempre nos prano
De um dia vortar
Meu Deus, meu Deus
Mas nunca ele pode
Só vive devendo
E assim vai sofrendo
É sofrer sem parar
Ai, ai, ai, ai. (Assaré, 2011, p. 90)

O cordelista, a exemplo de outros artistas nordestinos, dedicou a sua vida a descrever com muita propriedade a dura realidade de sofrimento do sertanejo. Essa competência se dá através da observação da própria vivência, permitindo que a obra de arte alcance um caráter de registro social de um povo. Sob esta ótica, escritora Kunz defende:

A virtuosidade e o talento dos poetas populares do Nordeste brasileiro eclodiram e persistem nessa região cuja cronologia é a das secas e das inundações, das grandes fomes históricas, ou das fomes mudas, cotidianas e crônicas, onde o analfabetismo e o subdesenvolvimento econômico sustentam-se um ao outro, onde a fome de pão muda-se em fome de vida e a espontaneidade poética parece nascer da dificuldade de sobreviver. Por ser não só o testemunho, mas também o representante dessa realidade dolorosa, o poeta popular não saberia retratá-la sem que o quadro fosse ao mesmo tempo requisitório [...]. O poeta é a voz do silêncio. (2001, p.60)

A exemplo do povo nordestino, o poeta, apesar das dificuldades vivenciadas no sertão, em suas obras ele menciona o orgulho que tem pela sua terra natal. Esse fato pode ser constatado também quando ele não abandona o ambiente em que nasceu, vivendo no mesmo até o dia de sua morte. Acerca do amor a sua terra, Patativa declara em seu poema intitulado “O vaquêro”:

Da minha vida eu me orguio,
Levo a jurema no embruio
Gosto de ver o baruio
De barbatão a corrê,
Pedras no caso rolando,
Gaios de pau estalando,
E o vaquêro atrás gritando,
Sem o perigo temê. (Assaré, 2011, p. 214)

Ainda como forma de expressar o seu amor ao lugar onde ele nasceu, Patativa faz, no poema de título “Eu e o sertão”, a seguinte declaração:

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado

E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá. (Assaré, 2011, p. 21)

Por fim, analisando as obras do cordelista, é bastante evidente a valorização que o mesmo dá à linguagem do seu povo. Compreendo que esta faz parte da identidade sua e de seus conterrâneos, Patativa não abre mão de empregá-la nos versos de sua autoria. Tal característica pode ser observada no trecho do poema “Maria Têê”:

Dotô, meu sinhô dotô
Eu nunca gostei de inredo
Mas vou lhe dizê quem sou
Mesmo sem pedi segredo.
Sou um cabôco sem sorte,
Naci nas terra do Norte
E se de lá vim me imbora
E tô no Sú do país,
É somente praque fiz
Um casamento caipora.
[...]
Promode vivê tranquilo
Não gosto de censurá,
Só acredito naquilo
Que vejo a prova legá
E é por isto que eu tou certo
Que o mundo é cheio de isperto
Iganando a boa fé;
O dotô vai já sabê
Quem foi Maria Têê
A minha ingrata muié. (Assaré, 2011, p. 21)

Apesar de muito estigmatizada por diversas regiões, a variedade linguística típica do sertão nordestino ganhou um espaço de destaque nas obras escritas por Patativa do Assaré. Esta decisão do autor evidencia o seu sentimento de pertencimento à terra natal, revelando seu grande valor como expoente da literatura de cordel, deixando, conseqüentemente, o seu grande legado para a literatura popular brasileira.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS APLICADOS

O trabalho do professor em sala de aula requer, para ser possível o alcance dos objetivos pretendidos, o planejamento que, entre seus pilares, está a metodologia na qual a ação será desenvolvida. Neste sentido, o presente capítulo discorrerá sobre os métodos aplicados no trabalho desenvolvido em sala de aula, detalhando os procedimentos utilizados para abordagem e desenvolvimento das atividades concernentes ao tema deste trabalho. Sobre este, convém ressaltar que a linha de pesquisa do mesmo é considerada tanto quantitativa, como pesquisa-ação. Assim, convém analisar a definição teórica acerca das referidas linhas de pesquisa.

5.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa é compreendida como uma vertente investigativa cujos resultados não são mensurados por meio de números ou dados exatos, quantidades ou estatísticas. Antes, ela tem um caráter mais subjetivo, buscando, por exemplo, compreender fenômenos e comportamentos na sociedade. Uma das características que têm se apresentado neste tipo de pesquisa é a presença de participantes colaborativos com a pesquisa, segundo afirma o teórico Creswell:

“A pesquisa qualitativa usa métodos múltiplos que são interativos e humanísticos. Os métodos de coleta de dados estão crescendo e cada vez mais envolvem participação ativa dos participantes e sensibilidade aos participantes do estudo. Os pesquisadores qualitativos buscam o envolvimento dos participantes na coleta de dados e tentam estabelecer harmonia e credibilidade com as pessoas no estudo.” (2007, p.186).

Neste tipo de pesquisa, por sua essência subjetiva, a coleta de dados pode ser realizada através do colhimento de informações, entrevistas, depoimentos, relatos e observações, não tendo como finalidade a apresentação de dados numéricos, conforme pode ser visualizado numa pesquisa-qualiquantitativa. Ainda segundo Creswell (2007, p.186), existem várias possibilidades de coletas de dados para uma pesquisa qualitativa:

[...] os métodos reais de coleta de dados, tradicionalmente baseados em observações abertas, entrevistas e documentos, agora incluem um vasto leque de materiais, como sons, e-mails, álbum de recortes e outras formas emergentes [...]. Os dados coletados envolvem dados em texto (ou palavras) e dados em imagem (ou fotos).

Contribuindo com o apontamento de traços presentes na pesquisa qualitativa, Gody (1995, p. 21), declara:

Algumas características básicas identificam os estudos denominados "qualitativos". Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Neste sentido, compreendendo a definição e alguns aspectos da pesquisa qualitativa, convém declarar que a presente pesquisa é guiada por esta linha de investigação. Pode-se compreender essa convergência quando o presente trabalho será realizado através da participação ativa dos alunos do 6º ano de uma escola pública situada na cidade de Mossoró/RN, contando com a colaboração espontânea de cada um dos envolvidos. Nela, todos os dados coletados são de cunho subjetivo, se baseando em produções textuais realizadas pelos discentes da turma supracitada, ou seja, se dará através da compreensão de relatos escritos, sem fazer a utilização de dados numéricos para o seu desenvolvimento. Além disso, a mesma busca compreender no espaço físico da pesquisa a percepção que os alunos têm acerca das variedades linguísticas, e as motivações para o preconceito contra as expressões não regidas pela gramática prescritiva, examinando os dados coletados e, posteriormente, promovendo a discussão acerca da natureza das variações linguísticas, a fim de apontar para os alunos o caráter legítimo das expressões não regulamentadas pela norma padrão. Esta finalidade, por sua vez, dialoga com a essência da pesquisa-ação, que será abordada a seguir.

5.2 Pesquisa-ação

Considerando a realidade da percepção de grande parte dos usuários da língua portuguesa acerca das variações linguísticas, a presente pesquisa visa

trabalhar a ampliação da concepção e importância das variações da língua materna. Neste sentido, considerando o objetivo de intervenção acerca da compreensão do assunto numa turma de 6 º ano do ensino fundamental, e conseqüentemente contribuir no combate ao preconceito linguístico na sociedade, o presente trabalho tem sua linha como uma pesquisa-ação.

De acordo com Thiollent (2009, p.14), a pesquisa-ação pode ser definida da seguinte maneira:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Corroborando com a definição de pesquisa-ação, temos:

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem (Kemmis e Mc Taggart, 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248).

Conforme a definição apresentada pelos autores, a pesquisa-ação busca lidar com um problema existente na sociedade e realiza a investigação a fim de atenuar ou dirimir os impactos ocasionados por este. Esse traço intrínseco da pesquisa-ação conflui com o papel do investigador, conforme afirma Vieira Pinto (1979, p. 228) “o cientista é, por definição, um trabalhador, no sentido em que se define como a transformação da realidade pela ação construtiva do ser humano, de acordo com as finalidades ditadas pelas necessidades da existência”. Sob este viés, a presente pesquisa, considerando os prejuízos que o preconceito linguístico tem ocasionado ao expressar uma atitude hostil às manifestações da fala que não observam a norma-padrão, é de suma importância a busca pela intervenção nesta área, a fim de buscar a garantia, acima de tudo, do respeito às diversas manifestações linguísticas. Para isso, o presente trabalho traz em sua metodologia o plano de intervenção na sala de aula, não se atendo apenas ao campo teórico da pesquisa, observando assim, este caráter da pesquisa-ação.

Ainda segundo o autor, “Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (Thiollent, 2009, p. 15). Neste sentido, a presente pesquisa traz consigo em seu plano não somente uma ministração isolada acerca do tema variação linguística, antes, acompanhará, através da observação e avaliação, o processo de desenvolvimento dos envolvidos em relação à compreensão da legitimidade das variações linguísticas e dos fatores que promovem a diversidade, bem como observará se o processo está indo ao encontro da promoção do respeito às variadas manifestações linguísticas, a fim de assegurar o respeito no tocante às diversidades linguísticas entre os falantes na sala de aula. Neste momento, convém ressaltar que pelo fato de o problema ter uma dimensão ampla, não sendo possível estar sob o controle desta pesquisa, a mesma direcionará a sua atividade para o grupo específico supracitado.

Outro aspecto que envolve a pesquisa-ação é a essência de uma atividade voltada para o interesse coletivo, da sociedade. Segundo Thiollent (2009, p.07), “a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro. Neste sentido, convergindo para a essência social e educacional da pesquisa-ação, o presente trabalho visa trazer à compreensão dos envolvidos o adequado entendimento acerca das variedades linguísticas, visando combater o preconceito linguístico que diariamente tem causado - por possuir um teor agressivo, muitas vezes manifestado de forma irônica-, uma situação vexatória para os falantes, reprimindo suas manifestações da fala.

Acreditamos que através da compreensão da legitimidade das variedades da língua, haverá uma contribuição por parte desta pesquisa para a promoção do respeito e, conseqüentemente, do bem-estar dos usuários do idioma no tocante à questão trabalhada. Neste caminho, o presente trabalho também concorre para outra característica da pesquisa-ação, que é o trabalho com o conhecimento ou consciência dos envolvidos, segundo afirma Thiollent (2009, p.16), “a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados”.

Ainda sobre as características da pesquisa-ação, Thiollent (2009, p.15) declara:

[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida.

Sobre este aspecto, a presente pesquisa aplicará metodologia pragmática que será descrita mais adiante. Atualmente, já é possível constatar a abordagem nos livros didáticos acerca da variação linguística, conforme orienta os PCN's e a BNCC. No entanto, apesar desta problemática já fazer parte do conteúdo do livro didático, na prática, pouco se observa esta compreensão por parte dos alunos, de forma que o preconceito linguístico continua a se manifestar até mesmo na sala de aula. Isto provavelmente se dê pelo fato de que, muitas vezes, o próprio docente, após tratar sobre as variações linguísticas em uma ou duas aulas no início do ano – geralmente este assunto encontra-se entre os primeiros no sumário do livro didático -, o mesmo professor leciona durante todo o decorrer do ano letivo as aulas de língua portuguesa conduzindo a ideia de que as formas que não observam a gramática normativa são consideradas erradas, dissolvendo o efeito que do conhecimento abordado no começo do ano escolar.

Além disso, a própria abordagem do assunto restringindo-se meramente a uma rápida explanação teórica não contribui significativamente para a compreensão, de fato, da legitimidade das variedades linguísticas, não contribuindo, assim, para o combate ao preconceito linguístico entre os falantes.

Neste sentido, saindo do plano trivial em que são abordadas as variações linguísticas, o presente trabalho configura-se como uma pesquisa-ação, tanto pelo seu caráter investigativo, como também prático quando propõe ações diferenciadas no tratamento do assunto em pauta.

Por fim, e não menos importante, a pesquisa-ação traz consigo uma sequência de ações a serem realizadas para a execução de intervenção. São elas:

- a) análise e delimitação da situação inicial;
- b) delineamento da situação final, em função de critérios de desejabilidade e de factibilidade;

- c) identificação de todos os problemas a serem resolvidos para permitir a passagem de (a) a (b);
- d) planejamento das ações correspondentes;
- e) execução e avaliação das ações. (Thiolent, 2009, p. 53-54)

Conforme pode ser observado, a pesquisa-ação requer um planejamento que abrange desde observação da realidade atual do problema a ser tratado, passando pela definição dos objetivos a serem realizados – estes devem ser exequíveis -, análise dos pontos a serem trabalhados, plano de ação sobre o problema em pauta e, posteriormente, execução da tarefa planejada, sendo avaliada cada ação durante sua realização. Tais procedimentos devem ser vistos como essenciais para o processo de intervenção em um problema. Assim, analisando a metodologia detalhada mais adiante desta pesquisa, pode ser observar a confluência que a mesma tem com as diretrizes da pesquisa-ação, significando um importante recurso para o ensino das variações linguísticas do português brasileiro.

6 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA PESQUISA

O presente projeto, que tem como intencionalidade trabalhar o conhecimento acerca da variação linguística utilizando como suporte cordéis de Patativa do Assaré e, conseqüentemente, combater o preconceito linguístico, é dividido, sequencialmente, nas seguintes etapas: atividade diagnóstica; ministração de aula sobre a variação e preconceito linguístico e aplicação de atividade sobre o conteúdo ministrado; o conhecimento do que é cordel e atividade sobre o referido gênero textual; breve biografia de Patativa do Assaré e compreensão da representatividade da linguagem popular em suas obras e, posteriormente, realização de exercício para fixação dos conhecimentos adquiridos. Por último, marcando a conclusão do trabalho, foi realizada uma atividade avaliativa a fim de analisar a compreensão que os alunos tiveram, ao final do projeto, sobre variação linguística, a fim de compreender os efeitos produzidos por esta pesquisa para combate ao preconceito linguístico.

Neste sentido, considerando o já exposto, passemos, pois, à apreciação de cada uma das atividades realizadas.

6.1 Atividade diagnóstica

O início de todo o processo de ensino acerca das variações linguísticas com a turma se deu com a aplicação desta atividade. Ela foi construída com o objetivo de observar qual a compreensão que os alunos têm, na fase inicial do projeto, acerca da variação linguística. A mesma proporcionou, através de sua análise, os próximos direcionamentos necessários para a construção do conhecimento acerca da temática e, ao mesmo tempo, o caminho para a consolidação do respeito às diferentes manifestações da língua materna.

Esta atividade foi aplicada no dia 06 de agosto do ano vigente. Ela foi postada na ferramenta Google Forms, e os alunos tiveram o tempo de 100 (cem) minutos, em aula síncrona, para respondê-la. Convém salientar que todas as atividades direcionadas aos alunos tinham o mesmo tempo para a resolução, sendo necessário que os alunos respondessem durante a aula, a fim de que

pudesse ser assegurado, minimamente, que as respostas foram de autoria de cada aluno.

Em relação à sua composição, conforme pode ser observado no apêndice “A”, a atividade é composta por 05 (cinco) questões subjetivas, todas com trechos de poemas publicados em forma de cordel de autoria de Patativa do Assaré. Acerca da preferência pelas questões discursivas, vale frisar que ela se deu pelo fato de esta forma minimizar a possibilidade de troca de informações/passagem de respostas entre os alunos, bem como tentar reduzir a possibilidade de interferência nas respostas por parte de pessoas do convívio familiar dos alunos, uma vez que eles estavam assistindo às aulas em domicílio.

Analisando neste momento a primeira atividade, a questão número 01 traz consigo três estrofes do poema “*Cante lá que eu canto cá*”. Neles há a presença de vários vocábulos, todos sublinhados, que reproduzem expressões linguísticas típicas de usuários da língua que, geralmente, não têm acesso à escola. A título de exemplo: “cantô” (cantor), “precisá” (precisar), “favô” (favor), “mêxa” (mexa), “educação” (educação), “munta” (muita), “ciência” (ciência), “das coisa” (das coisas), “paioca” (palhoça), entre outras. Na questão, o aluno é interrogado acerca de quais motivos que levam um falante a utilizar termos como os destacados. A questão, assim, busca compreender a visão que o aluno tem acerca das razões pelas quais muitos falantes reproduzem na fala e escrita registros que não observam as normas da gramática normativa.

Questão 01

1) Leia o texto a seguir e responda à questão:

Cante lá que eu canto cá

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve indução,
Aprendeu munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

No trecho do poema de Patativa do Assaré, há várias palavras, dentre elas, algumas estão sublinhadas, que não estão escritas como os livros de português ensinam. Por qual (is) motivo (s) você acredita que algumas pessoas utilizam as palavras dessa forma?

Fonte: elaborado pelo autor.

A questão 02, por seu turno, faz referência ao texto exposto na primeira questão. Nela há a pergunta sobre qual reação o aluno considera que deve ser tomada diante de tais manifestações linguísticas proferidas por um usuário da língua. A elaboração da mesma busca entender, por exemplo, se o aluno acredita ser correto repreender tais manifestações linguísticas, fazer comentários depreciativos, ou mesmo corrigir o falante/escritor de imediato.

Questão 02

2) Qual reação você considera correta a ser tomada diante de uma pessoa que usa esse tipo de linguagem? Justifique a sua resposta.

Texto de resposta longa

Fonte: elaborada pelo autor.

Seguindo a sequência da atividade, a questão 03 apresenta outro trecho do mesmo cordel. Nele são apresentados outros exemplos de vocábulos que não observam a norma padrão da língua portuguesa, e entre eles está a expressão “inriba”, sobre a qual recai a questão. Após apontar o significado da expressão, a saber, “em cima”, e afirmar que nem todos os usuários da língua

conhecem o significado da expressão, a questão indaga o aluno se ele defende a ideia de que, pelo fato de o vocábulo não ser reconhecido por todos os falantes da língua, o mesmo deveria ser evitado por todos. Assim, a questão busca compreender se o aluno reconhece a legitimidade das variações linguísticas, mesmo quando uma ocorrência não se faz presente em todas as comunidades linguísticas.

Questão 03

3) Leia outro trecho abaixo do mesmo poema e responda:-

Repare que a minha vida

É deferente da sua.

A sua rima pulida

Nasceu no salão da rua.

Já eu sou bem deferente,

Meu verso é como a semente

Que nasce inriba do chão;

Não tenho estudo nem arte,

A minha rima faz parte

Das obra da criação.

A linguagem utilizada no poema traz, além de palavras que não fazem parte da gramática, expressões que não são utilizadas em todos os lugares. Um exemplo disto é a palavra "inriba", que possui o significado de "em cima". Na sua opinião, esta expressão, por não ser reconhecida por muitos falantes da língua portuguesa, deveria ser evitada por todos os usuários? Justifique sua resposta.

Texto de resposta longa

Fonte: elaborada pelo autor

Na penúltima questão desta atividade, é apresentado um trecho do cordel "*Brasi de cima e Brasi de baxo*". Nele há também vários exemplos da linguagem não padrão, entre eles, a expressão "veve". Após o enunciado da questão declarar o significado do referido termo (vive), ele questiona o aluno se não seria melhor o cordelista evitar escrever poemas, uma vez que o mesmo utiliza palavras erradas, e que a poesia merece a uso de palavras corretas. A pergunta destinada ao aluno visa analisar se este, mesmo tendo a ideia de que obras escritas geralmente se utilizam de palavras da linguagem padrão, compreende que a expressão artística não deve ser restrita a quem não domina as normas da gramática prescritiva.

Questão 04

4) Agora leia o fragmento de outro poema do mesmo autor:

Brasi de cima e Brasi de baxo

Estas pequenas pessoa,

Estes fio do abandono,

Que veve vagando à toa

Como objeto sem dono,

De manêra que horroriza,

Deitado pela marquiza,

Dromindo aqui e aculá

No mais penoso relaxo,

É deste Brasi de Baxo

A crasse dos marginá

No trecho do poema, encontramos a expressão "veve", que possui o sentido da palavra "vive". Você acredita que seria melhor o poeta evitar escrever poemas, uma vez que ele utiliza muitas palavras erradas, e que a poesia merece a utilização de palavras corretas?

Texto de resposta longa

Fonte: elaborada pelo autor

Por fim, a última questão apresentada nesta atividade faz referência ao texto da pergunta anterior, quando indaga o aluno se ele acha correto que obras escritas com linguagem não padrão estejam presentes na estante de bibliotecas escolares. Ao fazer tal indagação, a questão busca compreender a visão do discente acerca da legitimidade da limitação de espaços à linguagem coloquial e, conseqüentemente, às manifestações escritas dos usuários da língua que não tiveram acesso à escola.

Questão 05

5) Você acha correto livros com esse tipo de linguagem estarem nas estantes das bibliotecas escolares? Justifique a sua resposta.

Texto de resposta longa

Fonte: elaborada pelo autor

Com a formulação de perguntas que buscaram entender a compreensão que os alunos possuíam acerca das variações linguísticas, a atividade diagnóstica oportunizou, por meio da averiguação das respostas coletadas, o percurso a ser trilhado para a abordagem da temática que envolve esta pesquisa, servindo como um guia para o planejamento das aulas subsequentes. Passemos, então, a uma breve descrição acerca das aulas destinadas à aprendizagem sobre variação e preconceito linguístico.

6.2 Ministração de aulas sobre variação linguística e preconceito contra suas manifestações

Nos dias 07 e 13 de agosto de 2024 foram ministradas aulas sobre variação e preconceito linguístico, sendo que em cada dia o tempo de duração da aula foi de 100 (cem) minutos. Para a realização destas, foram criados slides (verificar apêndice “B”) para auxiliar na abordagem dos conhecimentos. Inicialmente, foram tratadas as definições de linguagem formal e informal, a fim facilitar a compreensão por parte dos alunos acerca do conceito de norma padrão da língua, que será essencial para o tratamento do tema variação linguística. Complementando este assunto, foi destacada a necessidade da adequação linguística ao contexto social da comunicação.

Após a abordagem destes elementos, foi iniciada a apreciação do assunto variação linguística, explicando sua definição e apontando para os discentes que este fenômeno é natural e inerente a todas as línguas. Na sequência foram abordados os fatores que promovem a variação (histórico, idade, regional, socioeconômico, gênero). Neste momento convém ressaltar que os slides continham imagens que ilustraram exemplos das variações linguísticas a fim de facilitar a compreensão do assunto abordado.

Por último, foi tratada a definição de preconceito linguístico, apresentando exemplos de como esta atitude se manifesta na sociedade. No tocante a este assunto, foram pontuados alguns prejuízos que esta prática causa nos envolvidos. Para a conclusão deste momento, foi discutida a importância do respeito a todas as variações linguísticas, evidenciando o fato da legitimidade

delas na comunicação e a relevância da postura empática em relação aos usuários da língua.

6.3 Atividade de aprendizagem I (variação linguística)

A presente atividade, disposta no apêndice “C”, foi aplicada através do Google Forms no dia 14 de agosto de 2024, e teve como objetivo a fixação dos conhecimentos trabalhados na aula anterior, bem como analisar a compreensão que os alunos tiveram sobre o conteúdo ministrado.

A primeira questão trouxe consigo um trecho do cordel intitulado “*Cante lá que eu canto cá*”, de Patativa do Assaré. No mesmo, há vários exemplos de variação linguística, e a pergunta trabalha em torno do termo “facêro”. O comando da questão apresenta uma frase com 02 (duas) lacunas que devem ser preenchidas, respectivamente, pelo o sentido do termo supracitado (facêro) e o fator promotor desta variação. Abaixo estão dispostas 04 (quatro) alternativas, e apenas uma é a correta. Acerca da intenção desta elaboração, pode ser constatado que a mesma teve o objetivo de trabalhar a variação de um termo da língua portuguesa, muito marcada na fala, buscando entender se os alunos depreendem o sentido da mesma, bem como verificar a compreensão por parte dos alunos acerca dos fatores promoventes da variação linguística.

Questão 01

<p>1) Observe o trecho do cordel “<i>Cante lá que eu canto cá</i>”, de Patativa do Assaré, e complete as lacunas da frase abaixo:</p> <p>Você, vaidoso e facêro, Toda vez que qué fumá, Tira do bôrsa um isquêro Do mais bonito metá.</p> <p>Eu que não posso com isso, Puxo por meu artifiço Arranjado por aqui, Feito de chifre de gado, Cheio de argodão queimado, Boa pedra e bom fuzí.</p>

A palavra *facêro* tem o mesmo sentido da palavra _____, e o fator que promove esta variação é o _____.

- feliz, histórico
- esquisito, socioeconômico
- elegante, regional
- sonolento, histórico

Fonte: elaborada pelo pesquisador

Na segunda questão é apresentado um excerto do cordel “*A terra é naturá*”. Nele, em decorrência da seca que assola o sertão nordestino, o eu-lírico faz um pedido de emprego, conforme pode ser constatado no sexto e sétimo verso “*Meça desta grande terra / Umas tarefa pra eu!*” Após a utilização de várias expressões de variação linguística, a questão traz 04 (quatro) alternativas que expressam pedidos. O aluno é convidado a marcar a alternativa que corresponde à petição feita no trecho da obra.

Assim, a referida questão tem como finalidade analisar se o aluno depreende o sentido do texto, comentando posteriormente que mesmo fazendo uso de variações, é possível compreender e ser compreendido. No caso de palavras que porventura sejam desconhecidas pelos alunos, convém abordar o sentido delas após a aplicação da atividade.

Questão 02

2) A linguagem do poeta Patativa do Assaré utilizada em vários de seus cordéis representa o dialeto do homem do campo, principalmente quando este não tem acesso à escola. Leia um trecho do poema “*A terra é naturá*”.

Iscute o que tô dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,
Meça desta grande terra
Umas tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu.

Na estrofe, o eu-lírico faz um pedido de:

- emprego para trabalhar na roça.
- alimento, não aceitando qualquer oferta de emprego.
- desculpa, quando diz que não quer causar briga nem guerra.
- oração, quando cita o nome Deus.

Fonte: elaborada pelo autor

A questão 03 (três), por sua vez, trata sobre a forma como se deve agir diante das manifestações de variações linguísticas. Esta parte da atividade apresenta 04 (quatro) alternativas, sendo apenas 01(uma) correta, e trabalha os conhecimentos ministrados acerca de preconceito linguístico.

Questão 03

3) Conforme você aprendeu nestas aulas, ao ouvirmos alguém utilizando uma linguagem que não é a norma padrão da língua portuguesa, devemos:

- ouvi-lo sem criticar, compreendendo que a sua fala é válida, legítima.
- corrigi-lo imediatamente, a fim de que ele aprenda a falar certo, sem se preocupar se a pessoa vai achar ...
- rir disfarçadamente, pois assim, não seria falta de respeito.
- não criticar a fala da pessoa no momento, somente depois, para outras pessoas.

Fonte: autor da pesquisa

O quarto quesito apresenta um fragmento do cordel intitulado “*Menino de Rua*”, de autoria do cordelista assareense, e solicita que o aluno marque, dentre as 04 (quatro) opções que são fornecidas, a que se refere a palavra “menino” sem ter relação com o fator regional de variação linguística. Essa questão, além de promover, a exemplos de outras, a apreciação de obra literária que valoriza a linguagem popular, ela também resgata conhecimentos adquiridos na aula ministrada, retomando vocábulos que se referem a uma mesma palavra da língua portuguesa.

Questão 04

4) Leia o fragmento de outro poema de Patativa do Assaré e responda à questão a seguir.

Menino de Rua

Menino de Rua, garoto indigente

Infanto Carente,

Não sabe onde vai

Menino de Rua, assim maltrapilho

De quem tu és filho

Onde anda o teu pai?

A palavra “menino” recebe diferentes nomes no Brasil. Marque a única opção em que a expressão não tem relação com o fator regional.

- guri
- piá
- garoto
- curumim

Fonte: autor da pesquisa

Por último, a indagação 05 (cinco) da atividade apresenta uma parte do poema nomeado “*Aos poetas clássicos*”. Nessa questão, a expressão “vossa mercê”, que faz parte do texto apresentado, ganha destaque, solicitando que o aluno indique qual o fator que promoveu a variação linguística da referida expressão. A referida questão é objetiva, sendo oferecidas 04 (quatro) alternativas, e também retoma conhecimentos sobre os fatores promoventes da variação linguística.

Questão 05

5) Agora leia este fragmento do poema intitulado "Aos poetas clássicos", de patativa do Assaré.

Os poeta lá do Sul,
Tudo é rima diferente,
Tudo é verso percurtado,
Bem rimado e luzente.
Só eu canto um verso grosso,
Mas que sai do coração.

Vossa mercê, lá no alto,
Não entende a minha mão.
Minha rima é no sustento,
Na labuta do sertão,
Enquanto vossa mercê,
Escreve pra multidão.

A expressão "vossa mercê" é uma prova de que a língua não é estática, pois ela é um exemplo de palavra que sofreu variação pelo fator:

- geográfico
- socioeconômico
- histórico
- adequação comunicativa

Fonte: elaborada pelo autor

6.4 Ministração de aulas sobre o gênero textual cordel

A ministração de aula acerca do gênero textual cordel realizou-se no dia 20 de agosto de 2024, através da ferramenta Google Meet, e teve a duração de 02 (duas) aulas, contando com o tempo de 100 (cem minutos). Para realização da mesma, foram criados slides, que podem ser apreciados no apêndice "D". No início do momento, os alunos foram questionados sobre a compreensão que tinham acerca do gênero, ativando assim, os conhecimentos prévios dos mesmos. A seguir, foi abordado o conceito do gênero, a sua história, sua introdução no Brasil, bem como os espaços e a forma com que eles eram

comercializados, evidenciado assim, o seu caráter popular para os discentes. Na ministração também foram abordadas suas características, inclusive a presença da xilogravura, apresentando para os alunos a forma com que esta arte é criada.

Logo após, foram apresentados aos alunos alguns expoentes desta rica manifestação da cultura popular no país. Dentre eles, Patativa do Assaré, quem tem proporcionado através das suas obras um caminho para trabalhar a variação linguística na turma, oportunizando a realização da presente pesquisa.

Por último, foram apresentados alguns exemplares de cordéis à turma, sendo a sua leitura apreciada e compartilhada por toda a turma, além da reprodução de vídeos a fim de os alunos apreciarem a declamação de cordéis. Ao concluir, os alunos foram indagados se tinham alguma dúvida em relação ao conteúdo ministrado, pelo que, não tendo, deu-se a conclusão da presente aula.

6.5 Atividade de aprendizagem II (gênero cordel)

Após a realização da abordagem acerca do gênero textual cordel, a presente pesquisa elaborou uma atividade para os discentes envolvidos no projeto com a finalidade de averiguar os conhecimentos adquiridos pela turma. O exercício foi aplicado no dia 21 de agosto de 2024, e teve em sua composição (06) seis questões, sendo 01 (uma) subjetiva e 05 (cinco) objetivas. Passemos a analisar cada uma delas.

No primeiro quesito, foram apresentadas várias afirmações sobre a temática trabalhada em sala de aula. Nele, os alunos deveriam avaliar a veracidade das afirmações, e assinalar apenas as afirmações corretas, de acordo com os conhecimentos adquiridos.

Na primeira declaração, havia a abordagem acerca da chegada do gênero cordel no Brasil, enquanto que na segunda era tratada a forma de apresentação do gênero aos ouvintes e leitores. Na terceira, foi abordada a questão da participação dos cordelistas na divulgação de suas obras, enquanto que na seguinte, era discutida uma das características do gênero. Por fim, na última, foi abordada a origem do nome dado ao gênero, concluindo assim, a sequência de declarações expostas nesta parte da atividade.

Questão 01

1) Marque somente as afirmações corretas em relação ao gênero textual literatura de cordel.

- A literatura de cordel chegou no Brasil introduzida pelos espanhóis e, aos poucos, foi fazendo sucesso n...
- O cordel geralmente era declamado nas feiras, acompanhado pelo som da viola, e assim o povo foi conh...
- Os cordelistas nunca participavam da divulgação de suas obras nas feiras, pois esta função era desemp...
- A rima entre os versos é uma das características do cordel que contribuiu para chamar a atenção dos ou...
- O nome cordel foi dado ao gênero pelo fato de como ele era exposto: preso em cordas, barbantes, nas fe...

Fonte: elaborada pelo autor

Na segunda questão desta atividade, o aluno é levado a refletir acerca dos temas que geralmente são abordados nos cordéis. Em cada alternativa, são apresentados temas, e os alunos deverão marcar a única opção que apresenta aos assuntos que geralmente são tratados no gênero em estudo.

Questão 02

2) Marque a alternativa correta em relação a(os) tema(s) que comumente é (são) abordado (s) nos cordéis:

- indicação de medicamentos para tratar as doenças que as pessoas tinham.
- folclore, vida nordestina, cultura popular.
- orientação de como preparar comidas estrangeiras.
- divulgação da programação da igreja católica que ocorria durante a semana.
- a importância dos produtos que eram vendidos nas feiras.

Fonte: autor da pesquisa

Na indagação a seguir, é apresentado um fragmento do cordel “*Meu premêro amor*”, de autoria de Patativa do Assaré. Após fazer referência a termos que compõem a parte do poema e que não observam a norma padrão da língua portuguesa, como “maió”, “oiá”, “fulô” e “injôa”, o comando da questão interroga o aluno em busca de saber se ele defende que a linguagem utilizada no excerto, em virtude do uso de palavras que não prescritas na gramática normativa, deve ser utilizada no poema. Vale observar que o enunciado da mesma solicita que o

aluno leve em conta o contexto comunicativo e a finalidade da construção textual. A resposta para esta questão é discursiva, devendo o aluno justificá-la.

Questão 03

3) Leia o trecho do cordel abaixo de Patativa do Assaré e responda a questão a seguir.

Meu premêro amor

Meu prazer maió da vida

Era oiá pra Margarida

Aquela fulô querida

Que tanto prazer me deu.

O que é bom ninguém injôa,

Mas a coisa quando é boa

Passa depressa que avôa,

Deste jeito aconteceu.

No texto acima, existem algumas palavras que não estão de acordo com a norma padrão da língua portuguesa. Com base nos conhecimentos adquiridos, considerando o contexto e finalidade de uso, essa linguagem deve ser evitada nesse gênero? Justifique sua resposta.

Texto de resposta longa

Fonte: autor da pesquisa

A questão 04 (quatro), por sua vez, interroga o aluno acerca da autoria do cordel “*O dinheiro ou o testamento do cachorro*”. Apresentando 05 (cinco) alternativas, este quesito da atividade busca resgatar o conhecimento ministrado acerca de um grande clássico da literatura de cordel, que serviu de inspiração, juntamente com outros dois cordéis, para a criação de uma grande obra cinematográfica, a saber, “*O Auto da Compadecida*”, de Ariano Suassuna.

Questão 04

4) O cordel "*O dinheiro ou o testamento do cachorro*", que serviu de inspiração para o filme "*O auto da compadecida*", de Ariano Suassuna, foi escrito por:

- Bráulio Bessa
- José Camelo de Melo Rezende
- Patativa do Assaré
- Leandro Gomes de Barros
- Nenhuma das alternativas anteriores.

Fonte: elaborada pelo pesquisador

Na penúltima, o aluno é questionado acerca da região em que o cordel é mais popular. Esta indagação, que apresenta 05 (cinco) alternativas com apenas uma opção correta, busca retomar o conhecimento do espaço em que o gênero é mais apreciado no país, buscando evidenciar, mais uma vez, a identidade do povo nordestino com esse gênero que é a expressão da língua popular.

Questão 05

5) Em qual região do Brasil o cordel é mais popular?

- Centro-oeste
- Sul
- Nordeste
- Norte
- Sudeste

Fonte: elaborada pelo autor

Finalizando esta atividade, a questão 06 (seis) traz consigo o trabalho envolvendo a definição da xilogravura, característica marcante do cordel. Ao aluno são apresentadas 05 (cinco) opções, sendo apenas 01 (correta).

Questão 06

6) A xilogravura é:

- um tipo de pintura utilizada para divulgar as imagens dos cordelistas nas praças.
- uma técnica de rima entre os versos.
- o nome da arte de escrever versos em papel de baixo custo.
- uma arte aplicada na capa do cordel.
- nenhuma das alternativas anteriores.

Fonte: autor da pesquisa

Assim sendo, esta atividade lida com os conhecimentos abordados sobre este grande gênero, expoente de manifestações da linguagem popular, auxiliando os alunos na fixação do saber.

6.6 Ministração de aulas sobre Patativa do Assaré: a voz do nordestino na literatura de cordel

Considerando que a presente pesquisa tem como instrumento cordéis de Patativa do Assaré para fomentar a conscientização acerca da variação linguística e, conseqüentemente, promover o respeito aos usuários da língua no tocante ao uso das variedades, foi realizada no dia 27 de agosto de 2024 a ministração de aula sobre a biografia deste ilustre cordelista, bem como a discussão sobre a importância de suas obras para a valorização das manifestações linguísticas do homem do sertão nordestino.

Para este momento de aprendizagem, foi utilizada a ferramenta Google Meet como canal de interação com os alunos. Conforme pode ser verificado no apêndice “F”, foram produzidos slides para ministração da aula e abordagem da vida e obra de Patativa do Assaré.

No primeiro momento da aula, foi explicado para os alunos o sentido do apelido dado ao poeta, que é pelo fato da analogia entre o canto harmonioso de um pássaro denominado patativa, com o belo canto do cordelista. E o termo “do Assaré”, que faz referência à origem do poeta – Assaré/CE. Logo após foi abordada a biografia do autor, quando foi dado destaque para a sua vida simples,

ambientada no sertão do Ceará, fato este que proporcionou, por motivo da experiência de vida do cordelista em sua terra natal, o trabalho de escrita de cordéis que alcançam com muita fidelidade a expressão da linguagem do homem do campo, o que a caracteriza como uma obra muito valiosa para a representatividade da linguagem popular.

A abordagem da vida do autor segue com a apresentação de obras de sua autoria, dando destaque para o poema “*Triste Partida*”, que foi o que projetou o seu nome para todo o país, quando a obra foi apreciada e musicalizada por Luiz Gonzaga, o rei do baião. Neste momento da aula, foi reproduzido um vídeo desta obra musical com ilustração para a apreciação desta notável arte de autoria do cordelista cearense. Após este momento de apresentação de algumas de suas obras, foi abordado o sentimento de pertencimento à sua terra que Patativa do Assaré tinha, sendo este sentimento evidenciado em suas composições, quando ele utilizava expressões de linguagem típicas do sertão nordestino.

Tendo destacado este sentimento nobre do autor, a aula prosseguiu apresentando exemplos da linguagem utilizada por Patativa em suas obras, apontando para o fato de que estas referências linguísticas realizadas pelo poeta valorizam a linguagem destes usuários da língua portuguesa que, comumente, são vítimas do preconceito linguístico. Para exemplificação de expressões populares empregadas nos cordéis, foram apresentados trechos de obras, como “*Eu e o Sertão*”, que utiliza expressões como “arguém” (alguém), “pruquê” (porque), “munto” (muito), “mistéro” (mistério), “decifrá” (decifrar), “inda”(ainda); “*Cante lá que eu canto cá*”, com vários termos de variação linguística, entre eles, “abroio” (abrolho), “bulí” (bulir), “oio” (olho), “diluve” (dilúvio); “*O sabiá e o gavião*”, com as seguintes palavras, dentre outras: “cabôco”(caboclo), “animá” (animal), “mió” (melhor), “celestiá” (celestial).

Após a apresentação das evidências do grande lugar de destaque que o autor cearense conferiu para a linguagem desprestigiada por muitos, a aula encaminhou-se para o encerramento reconhecendo a importância que Patativa do Assaré teve para a valorização da linguagem popular, e conseqüentemente, para o preconceito linguístico.

Assim, após a exposição dos mencionados conhecimentos, foi concedido o espaço para perguntas dos alunos, encerrando, posteriormente, este momento da presente pesquisa.

6.7 Atividade de aprendizagem III (Patativa do Assaré)

Após a ministração de aula acerca da biografia de Patativa do Assaré e sua importância para a valorização da variação linguística, foi aplicada para a turma de alunos uma atividade para compreensão da abrangência dos conhecimentos adquiridos pelos alunos envolvidos no projeto. Esta atividade foi aplicada no dia 28 de agosto de 2024, através da ferramenta Google Forms, e os alunos tiveram o tempo de 100 (cem) minutos para resolução da mesma, de forma síncrona. A atividade teve em sua construção a elaboração de 05 (cinco) indagações, sendo 01 (uma) objetiva, e 04 (cinco) discursivas. Passemos a descrição de cada uma delas.

Na primeira questão, o aluno é indagado sobre a qual região pertence o dialeto utilizado nos cordéis de Patativa do Assaré. Este quesito da atividade aciona os conhecimentos adquiridos na aula anterior, fazendo referência à valorização da linguagem popular nos cordéis do poeta assareense.

Questão 01

1) A linguagem utilizada nos cordéis de Patativa do Assaré pertence ao dialeto de qual região?

Fonte: elaborada pelo autor

Na questão seguinte, é apresentado um trecho do cordel *“Reforma agrara é assim”*. Nele, dentre outras expressões típicas do Nordeste, são apresentados os termos “inriba” e “laia”. Acerca deles, o aluno é questionado sobre qual o significado que eles possuem, respectivamente. e leva-os a depreender o sentido das palavras pelo conhecimento prévio que possuem, ou mesmo pela leitura do contexto de utilização das referidas palavras. Além deste questionamento, o aluno deve apontar qual o fator promovedor da variação que incide sobre os referidos termos. A indagação oferece 05 (cinco) opções para o aluno, sendo apenas uma a resposta correta.

Questão 02

2) Leia o trecho abaixo de um cordel de Patativa do Assaré e responda à questão a seguir.

Reforma agrara é assim

Cabôco Mané Lorenço,
Meu colega e meu amigo
Que pensa aquilo que eu penso
E diz aquilo que eu digo,
Nós somos da mesma laia
Dos coitados que trabaia
Ou na diara ou na meia
Nós pertence a mesma crasse
Destas criança que nasce
Inriba da terra alheia.

No trecho do cordel lido, Patativa do Assaré utiliza as palavras "laia" e "inriba". Quais os respectivos significados dos termos e qual fator promoveu esta variação?

- "rua" e "em cima"; fator regional.
- "lugar onde se coloca alimento para os cavalos" e "distante"; fator histórico.
- "lembrança" e "isolado"; fator socioeconômico.
- "grupo de pessoas" e "em cima"; fator regional.
- nenhuma das afirmativas anteriores.

Fonte: elaborada pelo pesquisador

No terceiro quesito desta atividade, é exposto um excerto do poema "*Meu premêro amor*", do cordelista cearense abordado nesta pesquisa. O trecho apresentado traz consigo várias ocorrências linguísticas que não observam as regras preconizadas pela gramática normativa, em especial no que se diz tocante à concordância em número e regência nominal, como também desvios ortográficos. Nesta questão, o aluno participante deste estudo é convidado a expor a compreensão que ele tem da mensagem expressa no fragmento da obra

poética. A resposta deve ser realizada de forma discursiva, e busca levar o aluno à reflexão de que, mesmo o usuário da língua materna não fazendo uso da norma padrão da língua, o mesmo consegue se comunicar efetivamente através de suas expressões, alcançando assim, o objetivo da linguagem.

Questão 03

3) Leia uma parte do cordel *"Meu premêro amor"*, do poeta cearense.

Lá percizão não havia,
Com a minha cantoria
Não se passava um só dia
Que as coisa eu não arranjasse,
Só não tinha Margarida
A estrêla da minha vida,
Mas relativo a comida
Tudo pra mim era face.

Agora, escreva abaixo a mensagem que você compreendeu do texto acima.

Fonte: elaborada pelo autor

A antepenúltima questão retoma o texto abordado na anterior, quando indaga o aluno se ele defende que o usuário da língua que não faz uso da norma padrão, mas mesmo assim se comunica efetivamente, deve ser alvo de xingamento ou zombaria pela sua forma de manifestação linguística. Esta indagação aciona os conhecimentos abordados em aula acerca do respeito às variedades linguísticas e, conseqüentemente, aos seus usuários, buscando assim, combater o preconceito linguístico.

Questão 04

4) Sobre a abordagem da questão anterior, você acha que um usuário da língua deve ser alvo de xingamento ou zombaria por não escrever ou falar segundo as regras da norma padrão, mesmo ele sendo se comunicando de forma efetiva através da língua?

Fonte: elaborada pelo pesquisador

Por último, na questão 05 (cinco), há a referência do trabalho do cordelista Patativa do Assaré para com a variação linguística, que é aplicada e valorizada em suas obras, demonstrando a apreço que o poeta tem à linguagem utilizada pelas pessoas que muitas vezes são alvo do preconceito linguístico. Após a referência do trabalho realizado pelo ícone da poesia popular, este item da atividade questiona o aluno sobre como o mesmo, a exemplo do artista assareense, pode contribuir para o combate às manifestações preconceituosas direcionadas às variedades linguísticas.

Questão 05

5) Patativa do Assaré, através de seus cordéis, valorizou a linguagem que muitas vezes é alvo de preconceito, demonstrando orgulho pela sua terra natal, bem como o respeito aos seus conterrâneos. De que forma você, após os conhecimentos adquiridos, acha que pode contribuir para combater o preconceito linguístico? Justifique a sua resposta.

Fonte: elaborada pelo autor

6.8 Atividade final para análise dos resultados alcançados

O trabalho acerca da variação linguística buscando combater o preconceito contra as variedades da língua portuguesa se fez indispensável nesta turma de 6º ano, uma vez que a mesma, em sua grande maioria, tinha a compreensão de que a única forma legítima de uso da língua era a que observava as normas da gramática prescritivas.

Durante todo o processo de ampliação dos conhecimentos acerca do fator variável do idioma, foram realizadas várias ministrações que visaram o trabalho acerca do tema, além da aplicação de atividades de aprendizagem que visaram a fixação dos conhecimentos.

Após a realização das diversas etapas, buscamos analisar os efeitos produzidos pela presente intervenção. Para isto, aplicamos uma atividade no dia 03 de setembro de 2024, que passaremos à sua descrição.

Composta por 06 (seis) questões, sendo 01 (uma) objetiva e 05 (cinco) discursivas, esta atividade trouxe em sua primeira indagação ao aluno uma sequência de 05 (cinco) afirmações acerca da temática estudada durante este projeto, solicitando ao aluno a marcação apenas das afirmações corretas.

A primeira afirmação abordou o fato da variabilidade da língua, apresentando-o como algo inerente a todos os idiomas, sendo o mesmo um traço

que evidência a identidade dos falantes, devendo ser respeitada e apreciada por todos. Esta primeira afirmação visa entender a compreensão panorâmica do aluno acerca do tema, avaliando se o discente compreende a variação como algo que confere valor à linguagem humana.

A afirmação seguinte, por sua vez, traz a declaração de que o preconceito linguístico é algo benéfico, pois conduz os usuários da língua à busca pelo domínio da norma padrão. Neste sentido, esta afirmação busca compreender o entendimento que os alunos alcançaram acerca desta prática danosa aos usuários da língua.

A terceira afirmação da questão, por seu turno, faz a declaração de que o ambiente em que o usuário da língua está inserido é classificado como fator histórico da variação. Deste modo, o presente quesito busca analisar a compreensão por parte dos alunos dos conhecimentos relacionados aos fatores promoventes da variação.

A penúltima declaração, por sua vez, afirma que por não existir uma linguagem mais importante que outras, a aprendizagem da norma padrão é insignificante. Este quesito da questão tem a finalidade de avaliar se o aluno compreende que, mesmo não sendo a norma padrão melhor que as demais manifestações da língua, o seu conhecimento permanece importante para os usuários do idioma, uma vez que há situações em que o seu uso se faz necessário.

Por último, a questão traz a afirmação de que devemos adequar a linguagem à situação comunicativa, fazendo analogia ao uso da roupa ao lugar frequentado. Neste sentido, esta declaração observa o entendimento do aluno acerca da importância da seleção da linguagem para cada contexto da comunicação.

Questão 01

1) De acordo com os conhecimentos adquiridos, marque somente as afirmações corretas.

- A variação linguística acontece em todos os idiomas, e ela revela a identidade do falante, devendo ser apreciada e respeitada por todos.
- O preconceito linguístico ajuda as pessoas que não dominam a norma padrão da língua a buscarem o conhecimento gramatical. Sendo assim, ele é benéfico e deve ser praticado sempre que vemos alguém falando ou escrevendo errado.
- O lugar onde o usuário da língua vive influencia no seu modo de falar, sendo este fator classificado como histórico.
- Como todas as variedades linguísticas não são menos importantes do que a norma padrão, não precisamos aprender a linguagem ensinada pela gramática.
- A linguagem que devemos utilizar é como a roupa: para cada lugar que vamos, tem uma adequada. Portanto, é importante aprender a norma padrão para sabermos utilizá-la nas situações comunicativas que fazem exigência do uso dela.

Fonte: elaborada pelo pesquisador

A segunda questão, por seu turno, apresenta exemplos de linguagem utilizados em ambientes virtuais em que não há a necessidade do monitoramento do uso da norma padrão da língua. Após a apresentação de vocábulos desta natureza, a questão indaga o aluno se termos como os apresentados podem ser utilizados na comunicação formal via e-mail, ilustrando uma situação como exemplo. Assim, pode-se observar que este momento da atividade avalia a compreensão do aluno sobre a possibilidade do uso da linguagem coloquial para determinadas situações formais, mesmo esta ocorrendo através da tecnologia, analisando assim, a compreensão do aluno acerca utilização oportuna da língua coloquial e formal.

Questão 02

2) Em aplicativos de mensagens (WhatsApp, Instagram, Messenger, Telegram, entre outros) é muito comum a utilização de palavras como "ok", "obg", "vdd", "bom fds", "sqn". Você acha que essa linguagem deve ser utilizada se formos enviar um e-mail para o diretor da escola a fim de fazer uma solicitação? Justifique a sua resposta.

Fonte: Elaborada pelo pesquisador

A questão de número 03 (três), por sua parte, declara que o fator socioeconômico influencia a forma de utilização da linguagem dos indivíduos. Após esta afirmação, ela solicita que o aluno explique o entendimento que ele tem acerca da afirmação dada, explicando, com exemplo, como acontece a atuação deste agente promotor da variação nas manifestações linguísticas dos usuários da língua.

Questão 03

3) O fator socioeconômico interfere diretamente no uso linguístico dos falantes. Explique como isso ocorre, exemplificando.

Fonte: elaborada pelo autor

Ainda abordando a adequação linguística, por compreender a importância desta habilidade para o bom uso da linguagem no cotidiano, a quarta questão questiona o aluno sobre o que ele entende acerca desta expressão. A resposta do aluno é fornecida de forma discursiva, permitindo que ele explique a sua compreensão sobre o tema abordado.

Questão 04

4) Escreva sobre o que você compreende por adaptação da linguagem à situação comunicativa.

Fonte: elaborada pelo pesquisador

A quinta questão aciona as discussões realizadas acerca do preconceito linguístico, e nela o aluno é convidado a expor os conhecimentos adquiridos relativos aos danos causados à vítima, bem como as consequências para o agressor, a fim de que o discente reflita, mais uma vez, sobre a necessidade do respeito e empatia diante das variedades linguísticas.

Questão 05

5) Quais as consequências que o preconceito linguístico ocasiona na vítima? E para o causador, quais os prejuízos?

Fonte: elaborada pelo autor

A sexta pergunta realizada ao aluno traz consigo a declaração de que o preconceito contra as variações da língua também ocorre nas redes sociais, onde pode ser constatado reações de zombaria e xingamento contra os internautas que não fazem uso da norma padrão da língua nesse espaço da comunicação. Após esta afirmação, há o questionamento ao discente se ele defende que agressões verbais no referido espaço também tem o potencial de causar danos à vítima do preconceito, finalizando assim, a última atividade direcionada à turma na presente pesquisa.

Questão 06

6) O preconceito linguístico ocorre também nas redes sociais, pois muitas vezes pessoas são criticadas no ambiente virtual pela forma que escrevem ou falam, sendo alvo de gozações e piadas que entristecem o falante. Neste caso, você acredita que há consequências negativas para o falante? Comente sua resposta.

Fonte: elaborada pelo pesquisador

Diante do exposto, a partir da aplicação das atividades elencadas neste momento, foi possível avaliar a compreensão dos alunos acerca dos conhecimentos abordados. Passemos, então, à análise dos resultados obtidos.

7 ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS OBTIDOS

O exame das respostas coletadas nas atividades realizadas na presente pesquisa possui uma grande importância, seja para avaliar o estado inicial de compreensão dos alunos acerca do tema trabalhado – variação linguística –, como também para observar a aquisição, por parte dos discentes, dos conhecimentos abordados em cada aula, além de permitir a reflexão acerca dos resultados obtidos no final da pesquisa.

Assim sendo, este capítulo apresenta as respostas obtidas nos exercícios direcionados durante a pesquisa, seguindo a ordem da aplicação dos mesmos, a saber: atividade diagnóstica, atividade de aprendizagem I (variação linguística), atividade de aprendizagem II (gênero cordel), atividade de aprendizagem III (Patativa do Assaré) e atividade final para análise dos resultados alcançados, analisando os êxitos obtidos no final de cada etapa da pesquisa.

Convém ainda declarar que, como forma de preservar a identidade dos estudantes participantes desta pesquisa, a análise que passará a ser apresentada fará referência aos mesmos através dos números de “01” ao “07”, cada número correspondendo a um aluno, sendo utilizada, como forma de poder observar o desenvolvimento de cada um, o mesmo número para o mesmo discente.

Acrescentamos ainda que, na seguinte seção, reproduzimos as respostas dos discentes da mesma maneira com que eles registraram na atividade, podendo assim, conter alguns desvios de grafia. Nesta ocasião, informamos ainda que as mesmas podem ser visualizadas no anexo deste projeto.

Tendo realizado estas considerações, passemos, então, à apreciação de cada resposta fornecida pelos discentes envolvidos na pesquisa.

7.1 Resultados da atividade diagnóstica

A avaliação do estágio inicial de uma dada realidade em uma pesquisa-ação é indispensável para compreender os efeitos que a mesma produzirá no decorrer de sua realização, bem como no estado final da pesquisa ora desenvolvida. Neste sentido, passaremos neste momento à apreciação das

respostas obtidas na primeira atividade direcionada aos alunos, cujo objetivo foi ter um diagnóstico da compreensão que os alunos tinham acerca das variações linguísticas.

Esta atividade, composta por 05 (cinco) questões, foi respondida pelos alunos no dia 06 de agosto de 2024. Neste dia, estavam presentes 05 (cinco) dos 09 (nove) estudantes matriculados na turma. Neste momento, é oportuno observar que, apesar do número de participantes relativamente baixo, ao atentarmos para o número total da turma e o contexto em que a pesquisa foi realizada – aulas on-line –, podemos concluir que houve a presença significativa de alunos.

Neste instante, passemos, então, para a apreciação das respostas.

7.1.1 Análise das respostas da questão 01

Na primeira questão da atividade, após ser apresentado o trecho de um cordel de Patativa do Assaré, intitulado “*Cante lá que eu canto cá*”, que contém vários exemplos de linguagem não padrão, os alunos foram indagados sobre por qual (is) motivo (s) eles acreditam que os falantes utilizam os termos da variação linguística citados.

O aluno “01” respondeu:

“As palavras que não estão escritas de acordo com as normas da língua portuguesa formal refletem a variação linguística presente no Brasil.”

Assim sendo, observando a resposta do referido aluno, pode-se depreender que o mesmo obtém conhecimentos prévios relacionadas à variação linguística, reconhecendo-a nas manifestações expressas no texto apresentado.

O aluno “02”, por sua vez, registrou a seguinte resposta:

“Na maioria das vezes é porque essas pessoas não sabem realmente como se escreve, mas em alguns casos isso pode ser feito de propósito por diversos motivos.”

Observando a resposta fornecida por este aluno, é possível compreender que o mesmo entende que nem todos os usuários da língua portuguesa têm o conhecimento da norma padrão, o que, inevitavelmente, refletirá na utilização de expressões como as apresentadas na obra de Patativa. Além deste entendimento, a resposta dada nos conduz ao entendimento de que o aluno compreende que a utilização de termos que não observam a gramática

normativa também pode ser motivada por outras questões, que não são citadas pelo mesmo.

Ainda em resposta dada à questão 01, o aluno “03”, por seu turno, declarou:

“Por que não sabe escrever as palavras direito.”

Neste sentido, averiguando a afirmação proferida por este discente, pode-se concluir que ele compreende que só há uma forma correta de escrever cada palavra, e que as variedades não podem ser compreendidas como manifestações que possuem o mesmo valor das que são regidas pela gramática prescritiva, uma vez que elas (as variedades) são observadas como registros que contêm desvios/erros de escrita.

Em resposta à primeira questão, o discente “04” respondeu:

“Sim, eu acredito que algumas pessoas utiliza essa palavras dessa forma por ser mais velho ou morar em outro estado.”

Neste sentido, observando a resolução dada, pode-se observar que o referido aluno deduz que as variações linguísticas podem ser geradas pela origem dos falantes, bem como pela idade de seus usuários. Sendo assim, analisando a primeira resposta coletada, conclui-se que este participante da presente pesquisa possui noções acerca de alguns fatores que promovem a variação linguística.

O quinto discente presente nesta aula, por sua vez, registrou a seguinte resposta para a questão número 01 (um):

“Eu acho que poucas pessoas falam assim”.

Desta maneira, apreciando a pergunta, observa-se que a resolução dada por este participante não responde diretamente à pergunta, todavia, aponta para o fato de que muitas variedades, mesmo sendo típicas da região onde essa pesquisa foi desenvolvida, não tiveram suas manifestações presenciadas no dia a dia pelo referido discente.

7.1.2 Análise das respostas da questão 02

A questão 02 da presente atividade, por sua vez, faz referência às expressões destacadas na questão anterior, indagando o aluno acerca de qual é a reação correta a ser tomada diante de uma pessoa que não faz uso da língua padrão.

Nesta questão, foi obtida pelo aluno “01” a seguinte resposta:

“A reação correta diante de uma pessoa que usa esse tipo de linguagem é a de respeito e valorização.”

Analisando a referida resolução, pode-se compreender que o discente, em consonância com a resposta dada à primeira questão, reconhece a variação linguística como manifestação válida da língua, e que usuário da variedade, ao fazer uso dela, merece ser respeitado pelos demais, não devendo assim, ser alvo de críticas ou xingamentos pela maneira de sua verbalização.

Analisando, neste momento, a resposta dada pelo(a) aluno(a) “02”, verifica-se a seguinte resolução:

“Corrigir a pessoa. porque isso ajuda as pessoas a não cometer esses erros dinovo.”

Neste sentido, pode-se depreender que por parte deste discente não há ainda uma compreensão mais ampla sobre as variações linguísticas, como também acerca do fato de que há o dever de todas as manifestações linguísticas convergirem para a norma padrão da língua portuguesa.

O discente “03”, por seu turno, ao responder a presente questão, registrou:

“ensinar a pessoa como se fala.”

Ao averiguar esta afirmação, pode-se constatar, em coerência com o entendimento da resposta da pergunta anterior, que não há a compreensão, por parte deste aluno, das variações linguísticas como manifestações legítimas da língua portuguesa. Pelo viés deste entendimento, a atitude correta é a de combate às variações da língua, não devendo o interlocutor do usuário das variedades ficar inerte a tais manifestações, antes, deve ter uma postura corretiva diante das realizações da língua quando estas se dão através das variedades, revelando assim, uma postura que indica o não reconhecimento da legitimidade das variações linguísticas.

O aluno “04”, por sua vez, respondeu com a seguinte declaração:

“A reação que eu teria era ensinar a pessoa escrever ou fala da forma correta.”

Com resposta semelhante à do aluno “03”, o presente discente também demonstra não ter compreensão acerca da legitimidade do uso da norma não padrão, uma vez que defende o ensino da norma regida pela gramática prescritiva como reação às manifestações da linguagem compreendida pelo mesmo como errada.

Observando, neste momento, a resposta do aluno “05”, temos:

“É normal, cada um em seu jeito de falar.”

Averiguando a referida resolução, podemos compreender que, mesmo nela não havendo nenhuma referência direta à variação linguística, a afirmação aponta para o entendimento de que este aluno entende que há várias formas legítimas de se comunicar através da língua portuguesa, portanto, não julga ser necessário realizar a correção das variedades linguísticas.

7.1.3 Análise das respostas da questão 03

Neste momento, observaremos as respostas coletadas na questão 03, que após apresentar outro trecho do cordel “*Cante lá que eu canto cá*”, de Patativa do Assaré, e destacar a expressão “inriba”, dando o seu significado logo após, questiona o aluno se, pelo fato de esta expressão não ser conhecida por todos os falantes, ela deveria ter o seu uso evitado.

Analisando a resposta do(a) aluno(a) “01”, verificamos a seguinte afirmação:

“A expressão ‘inriba’, que significa ‘em cima’, é um exemplo de como a língua portuguesa varia de região para região.”

Observando a resolução formulada por este discente, pode-se compreender que, apesar de o mesmo não responder objetivamente à pergunta, entende-se que o mesmo possui bons conhecimentos prévios em relação à temática tratada nesta pesquisa, reconhecendo a expressão supracitada como um exemplo de variação linguística pertencente à língua portuguesa.

O aluno “02”, por sua vez, registra a seguinte resposta:

“as vezes sim, porque esse tipo de expressão pode causar confusão nas pessoas que não estão familiarizadas com esse tipo de linguagem.”

Analisando a resolução dada por este discente à questão, pode-se inferir que na afirmação expressa há a compreensão de que muitas vezes as variedades podem ser danosas para a fluência da comunicação. Assim, a utilização de variedades deveria ser evitada, devendo o usuário da língua privilegiar o uso de termos que não sejam próprios da sua comunidade. Neste sentido, pode ser observado ainda que o aluno não tem uma compreensão mais ampla acerca do fato de que as variedades revelam a identidade de seus usuários, mostrando-se assim, como algo que enriquece e exalta a individualidade dos seus falantes.

Para a mesma pergunta, foi registrada a seguinte resposta pelo aluno “03”:

“Sim.”

Em seu comando, a questão solicita que o discente justifique a resposta dada, o que não aconteceu nesta resolução. No entanto, apesar da brevidade da mesma, pode-se compreender que nela há o entendimento de que as variedades não devem ser utilizadas porque não cooperam positivamente para a comunicação entre os indivíduos. Neste sentido, a exemplo da compreensão observada na resposta analisada anteriormente, o presente aluno não depreende a devida importância das variedades da língua na sociedade, antes, observa-a como um elemento que deve ser evitado no dia a dia pelos falantes da língua portuguesa.

Por seu turno, o discente “04” fez a seguinte declaração em resposta à supracitada pergunta:

“Sim! Deveria pois e a melhor de falar e entende o que as pessoas falam.”

Examinado a afirmação dada, pode-se concluir que, apesar de a justificativa não ter clareza, o mesmo declara que a linguagem sobre a qual a questão trata deve ser evitada. Dessa forma, apesar de o mesmo compreender alguns fatores que promovem a variação linguística, não há neste momento da pesquisa a compreensão por parte deste discente acerca das variadas possibilidades de uso da língua, pois restringe o seu uso às manifestações que observam as normas gramaticais da linguagem padrão.

O aluno “05”, por sua vez, registrou:

“Não deveria ser evitada para mim essa gíria.”

Neste sentido, em consonância com as declarações feitas pelo mesmo nas questões anteriores, pode-se observar um sentimento de respeito diante das realizações linguísticas norteadas pelas variações. Todavia, apesar desta compreensão por parte deste envolvido no projeto, não há uma relação nítida entre esta compreensão e o conhecimento teórico acerca das variações linguísticas.

7.1.4 Análise das respostas da questão 04

A penúltima questão desta atividade, por seu turno, apresenta um excerto do cordel intitulado “Brasi de cima e Brasi de baixo”, do cordelista cearense supracitado. Tendo em sua composição a utilização de várias expressões da linguagem não padrão, o cordel traz consigo a palavra “veve”, que tem o seu significado apresentado no enunciado da presente questão. Após a exposição da significação deste verbete, este penúltimo elemento da atividade diagnóstica questiona o aluno se ele defende que, em virtude dos desvios à gramática normativa registrados no trecho do cordel, se seria melhor que o referido usuário da língua evitasse se expressar através de poemas, uma vez que este gênero textual não é o espaço mais adequado para a utilização de palavras com “erros” ortográficos.

Analisando as respostas registradas pelos alunos, temos a seguinte sentença dada pelo aluno “01”:

“Não acredito que o poeta deva evitar escrever poemas por utilizar palavras que não seguem estritamente a norma culta da língua.”

Observando a resposta registrada por este aluno, em consonância com as demais respostas fornecidas pelo mesmo, pode-se observar que há um bom nível de conhecimentos prévios relativos à variação linguística, pois há a compreensão de que o não domínio da norma prescritiva da língua portuguesa não deve ser fator impeditivo para a livre expressão dos usuários da língua, mesmo quando se trata da escrita em espaços em que a utilização da norma padrão é priorizada. Assim, o aluno em questão demonstra reconhecer o respeito

e consideração que deve ser conferido às manifestações das variedades da língua materna.

O discente “02”, por sua vez, faz a seguinte declaração em resposta à quarta pergunta:

“Acredito que não, pois na maioria das vezes algumas poucas palavras erradas não interferem tão negativamente em um poema/cordel.”

Analisando esta afirmação, pode-se compreender que, apesar de declarar que palavras que não atentam para a norma prescritiva são consideradas erradas, o discente afirma que não há problema em o usuário da língua utilizar as variedades linguísticas na construção de um cordel, entendendo que o uso em questão não compromete a escrita do gênero, reconhecendo assim, de certa forma, a sua legitimidade nas manifestações linguísticas.

Como resposta para a penúltima questão desta atividade, o aluno “03” escreveu apenas “Não”, mesmo sendo solicitada a justificativa da resposta. Apesar da brevidade da resolução, o(a) referido(a) aluno(a) demonstra compreender que o fato de um usuário da língua não dominar a norma padrão não significa que o mesmo deve ter sua liberdade de expressão reduzida à fala, mas que a mesma deve ter o seu espaço preservado também na escrita.

O discente “04”, por seu turno, declarou:

“Não! Pois tem muita gente que se expressa dessa forma.”

Ao fazer esta afirmação, o referido aluno defende a possibilidade da utilização de variedades linguísticas em cordéis. Todavia, esta defesa não está relacionada à legitimidade do uso em si das expressões, antes, o justifica pela normalidade com que vários usuários da língua utilizam a norma não padrão da língua portuguesa.

Observando a resolução dada pelo aluno “05”, temos a seguinte resposta:

“Sim.”

Deste modo, pode-se chegar à conclusão de que, apesar deste envolvido no projeto defender, nas respostas das questões anteriores, o uso das variedades linguísticas, o mesmo não considera razoável a utilização em poemas de termos que não observam as regras da gramática normativa, considerando assim, que a construção da escrita deste gênero deve ser algo

destinado apenas para os usuários que dominam a norma padrão da língua portuguesa.

7.1.5 Análise das respostas da questão 05

Finalizando a atividade diagnóstica da pesquisa, a quinta questão indaga o aluno se ele acha correto livros que possuem palavras não preconizadas pela gramática prescritiva fazerem parte do acervo de bibliotecas escolares.

Para este questionamento, o aluno “01” respondeu:

“Sim, acredito que livros com esse tipo de linguagem devem estar nas estantes das bibliotecas escolares.”

Mediante tal afirmação, pode-se concluir que este discente possui desejável compreensão acerca das variações linguísticas, uma vez que defende a sua apreciação mesmo nos ambientes em que a utilização da linguagem formal é comumente apontada como a ideal.

O(a) discente “02”, por seu turno, declarou:

“Acredito que não, pois o livro estaria ensinando a uma linguagem errada às pessoas.”

Neste sentido, mesmo este defendendo no quesito quatro a liberdade do poeta para fazer uso das variedades em suas obras, ele acredita que bibliotecas escolares não devem oportunizar a leitura de obras que constem casos de variação linguística em sua composição, limitando assim, a apreciação desta forma de linguagem a espaços que não sejam acadêmicos.

Atentando-se neste momento para a resposta do aluno “03”, podemos observar como resolução para esta questão a seguinte afirmação:

“Sim.”

Neste sentido, apesar de não defender a utilização de variedades linguísticas na construção de cordéis, conforme pôde ser visto na questão anterior, este discente não exclui a possibilidade da presença de exemplares de obras com variações da língua portuguesa na biblioteca, defendendo assim, a presença e apreciação das variedades da língua materna, fato este que aponta para valorização das variações linguísticas no ambiente de pesquisa escolar.

O aluno “04”, por sua parte, responde:

“Sim, pois é o livro que muitas vezes deve ser usado”.

Em coerência com a resposta da questão anterior, o referido aluno não defende a exclusão, das bibliotecas escolares, de obras que possuem fazem uso das variedades da língua. Apesar de esta declaração não ao ir ao encontro do preconceito linguístico, a mesma não parece ser fundamentada nos conhecimentos teóricos provenientes da temática variação linguística, uma vez que nas respostas dadas às primeiras questões este participante da pesquisa defende a correção imediata das realizações linguísticas que fazem uso do português não padrão.

Por último, formulada pelo(a) discente “05”, encontra-se como resposta à questão 05 (cinco) a seguinte declaração:

“Acho que deveria ter tudo correto.”

Examinado esta afirmação, pode-se compreender que, apesar de haver por parte deste envolvido na pesquisa o assentimento das manifestações linguísticas que fazem uso da norma não padrão, observado nas respostas registradas nas primeiras questões, a aceitação de tais realizações não ocorre quando se considera suas realizações em obras presentes nos espaços destinadas à leitura na escola. Assim, pode-se depreender que a compreensão mais ampla acerca das variações linguísticas ainda não foi obtida pelo referido discente envolvido nesta pesquisa.

Tendo analisado, através da atividade diagnóstica, a compreensão prévia que os alunos possuíam acerca da variabilidade da língua, foram ministradas aulas sobre esta temática para a turma de 6º ano. Após a realização das aulas, foi aplicada uma atividade para verificar o entendimento que os alunos alcançaram sobre variação linguística. Passaremos, assim, a analisar a segunda atividade direcionada aos alunos neste projeto.

7.2 Atividade de aprendizagem I (variação linguística)

A presente atividade, composta por 06 (seis) questões, que teve como objetivo analisar os conhecimentos adquiridos pelos alunos da turma através das

ministrações sobre o assunto em pauta, foi aplicada no dia 14 de agosto de 2024, com a participação de 07 (sete) alunos e obteve as respostas elencadas a seguir.

7.2.1 Respostas da questão 01

A questão 01 (um) desta atividade traz consigo um trecho do cordel *“Cante lá que eu canto cá”*, de Patativa do Assaré. Logo após a apresentação do excerto, o aluno é solicitado a preencher lacunas de uma frase que aborda o significado da expressão “facêro” – presente no supracitado cordel –, bem como o fator que motiva esta variação da língua. A questão possui quatro alternativas, que indicam, respectivamente, o preenchimento dos espaços em branco na frase.

Como resposta a esta questão, o aluno “01” marcou a opção “C” (elegante – regional). Assim, tendo indicado a resposta correta, este discente reafirmou ter bom entendimento acerca do assunto ministrado, evidenciando também a sua compreensão acerca das abordagens do tema realizadas durante as aulas.

O discente “02”, de igual forma, também marcou a opção “C”, demonstrando compreender a ação que o fator regional opera sobre as realizações da língua materna.

Para esta questão da atividade, o integrante “03” também optou pela terceira alternativa, evidenciando a sua compreensão acerca dos fatores que promovem a variação linguística.

O participante “04”, nesta questão, indicou a alternativa “B”, que apresenta os termos “esquisito” e “socioeconômico”. Sendo assim, pode-se verificar que não houve a plena compreensão por parte deste envolvido na pesquisa acerca das causas que promovem a variedade da língua.

O aluno “05”, por sua vez, marcou a opção “A” (feliz – histórico). Assim, apesar de demonstrar ter noção acerca do assunto na atividade anterior, ele, neste momento, não fez ainda a relação adequada do significado do termo apresentado, bem como do fator que gera a variação do mesmo.

Analisando a resposta do estudante “06”, observa-se que o mesmo marcou a alternativa correta, a “C”. Assim sendo, o referido envolvido na

pesquisa demonstrou também compreender que a língua sofre variações em virtude da localização geográfica dos seus usuários.

Ao averiguar a resolução dada a esta questão pelo discente “07”, é possível concluir que ele também compreendeu que a linguagem é passível de mudança motivada pelo lugar em que os usufruidores da língua materna estão situados.

7.2.2 Respostas da questão 02

Passando para a próxima questão, nela é apresentado um fragmento do cordel “*A terra é naturá*”, do supracitado cordelista cearense. Utilizando uma linguagem típica do homem do campo, o texto expressa, e sua ideia central, o pedido de emprego de um retirante a um proprietário de terras. Na questão, o aluno é convidado a marcar a alternativa que corresponde à mensagem central do texto.

A esta indagação, o aluno “01” marca a primeira alternativa – emprego para trabalhar na roça –, continuando assim, a demonstrar conhecimentos satisfatórios relacionados ao assunto desta pesquisa, não apresentando grande dificuldade para compreender a mensagem de um texto que é marcado pela variação linguística do homem campestre.

O estudante “02”, por etanto, escolheu a terceira alternativa, que afirma ser um pedido de desculpa pelo fato de o eu-lírico declarar que não quer causar briga e nem guerra. Assim, este participante não chegou à ideia central do texto, que provavelmente se deu pelo desconhecimento de variantes presentes no trecho do cordel.

O participante “03” desta pesquisa, por sua vez, marcou a opção “A”, demonstrando que a compreensão da mensagem do texto não foi prejudicada pela variação linguística expressa no excerto trabalhado na presente questão.

Observando a resolução dada pelo discente “04”, pode-se contatar que a opção “A” foi a escolhida pelo mesmo, evidenciando assim, a sua compreensão do texto que utiliza diversas palavras do dialeto nordestino.

Ao verificar a resposta correta fornecida pelo aluno “05” na presente questão, é possível concluir que o mesmo também não demonstrou maiores

dificuldades para compreender a intenção do eu-lírico expressa no texto. Sendo assim, mesmo estando diante de uma produção textual marcada pela variação linguística, este discente pôde entender que expressões que não observam a norma padrão da língua portuguesa também funcionam como uma forma compreensível de comunicação.

Analisando a resolução dada a esta questão pelo discente “06”, que também marcou a opção “A”, observa-se que o mesmo compreendeu a ideia central do texto, mesmo este sendo construído com a utilização de muitas palavras da linguagem informal. Sendo assim, este envolvido na pesquisa também teve a oportunidade de concluir que a linguagem não padrão também tem funcionalidade na comunicação.

Observado, por último, a resposta fornecida pelo discente “07”, que apontou a alternativa “A” como a que indica o objetivo do eu-lírico no fragmento do cordel apresentado, pode-se inferir que este aluno também concluiu que o uso de linguagem que não está sob as orientações da gramática prescritiva não traz prejuízo à transmissão de uma mensagem, constituindo-se assim, uma forma legítima de comunicação.

7.2.3 Respostas da questão 03

A questão 03 (três), por seu turno, indaga o aluno, por meio de 04 (quatro) alternativas, acerca de qual reação é a adequada que se deve ter quando se observa alguém utilizar palavras que não são regidas pela gramática prescritiva.

A esta indagação, o participante “01” da presente pesquisa marca a primeira alternativa, que declara: “Ouvi-lo sem criticar, compreendendo que a sua fala é válida, legítima”. Assim, pode-se, mais uma vez, conferir que o mesmo usufrui conhecimentos desejáveis relacionados à temática, demonstrando respeito aos usuários da língua diante das realizações das variações linguísticas.

O aluno “02”, de igual forma, também indicou a opção “A” como a alternativa correta, demonstrando também compreender a ideal reação diante das variedades linguísticas. Neste sentido, pode-se perceber que o presente projeto ampliou o entendimento deste participante em relação às variações da língua materna.

A primeira alternativa desta questão também foi a selecionada pelo estudante “03”, que revelou entender qual o comportamento adequado mediante os usuários da língua que não têm o domínio da norma padrão.

O participante “04”, por seu turno, também marcou a opção “A”, demonstrando que compreendeu a necessidade de manifestar respeito mediante a utilização de expressões linguísticas que não são orientadas pela gramática prescritiva.

Atentando-se para a resposta do discente “05”, pode-se notar que a alternativa “A” também foi apontada como a correta. Este entendimento vai ao encontro da compreensão indicada na primeira atividade, que foi ratificada através das discussões realizadas durante as aulas desta pesquisa.

Em resposta a esta questão, o aluno “06”, de igual maneira aos anteriores, também registrou a opção “A” com a alternativa correta, demonstrando compreender qual a atitude adequada mediante as realizações linguísticas que não observam a norma padrão do idioma.

Passando para a análise da resolução desta questão respondida pelo último participante desta aula, o “07”, pode-se verificar a marcação, de igual modo aos demais alunos(as), da opção “A”. Assim, pode-se concluir que os(as) discentes presentes neste momento compreenderam que o respeito aos usuários das variações da língua deve ser assegurado a todos os que utilizam a língua portuguesa como meio de comunicação.

7.2.4 Respostas da questão 04

A penúltima questão desta atividade apresenta uma parte do cordel intitulado “*Menino de rua*”, também de Patativa do Assaré. Após a exposição do texto, a questão afirma que o termo “menino” recebe diferentes nomes em diversas regiões do país. Após esta declaração, o aluno é solicitado a marcar, dentre 04 (quatro) opções, a que não apresenta uma expressão de variação geográfica do termo supracitado.

Para esta indagação, o discente “01” marcou como resposta a opção “A” – guri. A resposta oferecida não está correta, indicando assim, possivelmente, o não conhecimento de tal expressão por parte deste envolvido no projeto. Apesar

disto, pode-se ainda compreender que o referido aluno compreende bem o assunto, uma vez que o seu desempenho foi satisfatório nas questões anteriores.

O participante “02”, por seu turno, indicou como resposta a alternativa “C”, que apresenta a palavra “garoto” como opção. Sendo assim, o referido aluno respondeu corretamente à questão, demonstrando ter assimilado conhecimentos acerca dos fatores promoventes das variações linguísticas.

A opção que traz consigo a expressão “garoto” também foi a selecionada pelo aprendiz “03”, que revelou ter compreendido que as demais alternativas são exemplos de termos da língua portuguesa que não são comumente utilizados em todas as regiões do país.

Atentando para a resolução dada pelo discente “04”, pode ser observado que também foi escolhida a opção “C”, evidenciando, por parte deste envolvido na pesquisa, a aquisição de conhecimentos acerca dos fatores promoventes da variação linguística.

De igual modo também solucionou esta questão o discente “05”, apresentando assim, conhecimento desejável acerca das razões que geram as variações da língua.

O participante “06”, por seu turno, marcou a opção “D”, que corresponde a um termo indígena “curumim”. Assim sendo, o mesmo demonstrou não ter ainda plena compreensão em relação ao assunto que é tema deste projeto.

Analisando a última resposta obtida a esta questão, é possível verificar que o aluno “07” teve satisfatório entendimento acerca dos fatores que promovem a variação, uma vez que também fez a eliminação correta das opções que não correspondiam a uma variação regional da língua materna.

7.2.5 Respostas da questão 05

Neste momento, finalizando a análise das respostas coletadas nesta atividade, serão observadas as resoluções dadas à questão 05 (cinco). Esta parte da atividade apresenta um fragmento do poema intitulado “*Aos poetas clássicos*”, do grande cordelista Patativa do Assaré. O questionamento feito ao

aluno nesta parte final da presente atividade é semelhante ao do quesito anterior, sendo que neste momento a palavra destacada é “vossa mercê”, indagando o aluno acerca de qual o fator que gerou a variação da palavra em destaque.

Como resposta para este questionamento, o discente “01” marcou a opção “C”, que traz consigo o termo “histórico”. Neste sentido, tendo mais uma vez optado pela alternativa correta, compreende-se que o entendimento acerca das variações linguísticas foi absolvido de forma desejável por este discente.

O aluno “02”, no entanto, apesar de vir demonstrado satisfatório desempenho em relação à aprendizagem dos conhecimentos ministrados, marcou a quarta alternativa desta questão – adequação comunicativa –, evidenciado não ter ainda o domínio pleno dos conhecimentos abordados.

A opção supracitada também foi escolhida pelo discente “03”, que evidenciou, mais uma vez, a desejável assimilação do assunto ministrado nas aulas.

Seguindo o mesmo entendimento, o participante “04” da pesquisa registou como resposta o fator histórico, evidenciando assim, a sua boa compreensão acerca dos conhecimentos lidados até então nesta pesquisa.

Mostrando ter compreendido as discussões até este momento realizadas, o discente “05” registou também a penúltima alternativa – histórico – como resposta, revelando que o seu conhecimento acerca das variações linguísticas foi ampliado de forma significativa durante este projeto.

Ao observar a alternativa escolhida pelo participante “06”, também é possível constatar a sua desejável compreensão acerca dos fatores que promovem a variação linguística, evidenciando assim, o alcance do êxito, até este momento, da presente pesquisa.

Por fim, analisando a resposta do discente “07”, que também indicou a alternativa correta – letra “C” –, pode-se concluir que o mesmo tem compreendido de forma satisfatória o assunto ministrado e exercitado acerca deste fenômeno natural da língua materna.

7.3 Atividade de aprendizagem II – (Gênero textual cordel)

Após a ministração de aula sobre o gênero cordel, no dia 21 de agosto do corrente ano foi aplicada uma atividade, descrita anteriormente, para analisar os conhecimentos adquiridos pelos alunos acerca do gênero estudado. Responderam este exercício 04 (quatro) alunos, e passaremos neste momento a analisar as resoluções realizadas pelos mesmos.

7.3.1 Respostas da questão 01

A primeira questão apresentou 05 (cinco) afirmações, solicitando que o aluno indicasse com “V” as declarações verdadeiras e, com “F”, as falsas.

O primeiro quesito tratou sobre a chegada do cordel no Brasil, colocando como responsáveis os espanhóis.

O participante “01”, ao analisar esta afirmação, classificou a tal como falsa, apontando assim, para a obtenção do conhecimento acerca da nação responsável pela apresentação do gênero literário ao Brasil.

Como resposta para esta afirmação, o discente “02” não marcou nada nesta alternativa, indicando ter compreendido que deveria apenas indicar as declarações corretas. Assim sendo, o mesmo evidenciou reconhecer que foram os portugueses que apresentaram o gênero para os brasileiros.

O aluno “03”, por sua vez, marcou “F” como resposta para esta afirmação, demonstrando ter compreensão acerca da origem do cordel na terra brasileira.

Evidenciado a aquisição do conhecimento acerca do surgimento no cordel no Brasil, o discente “06” também indicou como falsa a afirmação de que os espanhóis foram os responsáveis por apresenta o gênero ao Brasil.

Passando para a segunda afirmação trazida na questão, nela é discutida a maneira como o cordel era apresentado, na sua chagada, aos brasileiros, afirmando ser em feiras ao som de viola.

Como resposta a esta afirmação, o aluno “01” optou pela letra “V”, evidenciando sua boa compreensão acerca das circunstâncias em que o gênero literário em estudo foi exibido ao Brasil.

O estudante “02”, por sua vez, não indicou esta declaração como verídica, demonstrando não ter ciência sobre como ocorreu a introdução do gênero país.

A esta afirmação, o participante “03” registrou a letra “V”, reconhecendo o fato acerca de como se deu a apresentação dos cordéis neste país.

Não diferentemente do anterior, o discente “06” também indicou que a declaração acerca da apresentação do gênero está correta, apontando assim, o bom entendimento sobre a exposição do gênero aos brasileiros.

Indo para a declaração posterior, podemos observar a afirmação de que os cordelistas nunca participavam do momento de exposição de suas obras, sendo esta função exclusiva aos vendedores.

Diante desta declaração, o discente “01” marcou a opção “F”, expondo que sua compreensão se encontra de acordo com o conteúdo abordado no que se refere à afirmação supracitada.

Para esta afirmação, o participante “02” indicou a letra “C”, indicado a veracidade da declaração, demonstrado reconhecer que os poetas se faziam presentes na divulgação das obras autorais.

O aluno “03”, por sua vez, também registrou a letra “F”, indicando compreender que a divulgação das obras contava com a presença de seus compositores.

Ainda com esta mesma compreensão, o discente “06” também pontuou como incorreta a afirmação sobre a ausências dos cordelistas no ato de publicação de suas obras.

Partindo para a quarta declaração da questão, nela é trabalhado um aspecto das características da literatura popular em debate: a rima. Neste quesito, o aluno encontra-se com a alegação de que a rima é algo presente nos cordéis, e que esta característica contribuiu para a popularidade do gênero por meio de suas declamações nas feiras.

Solucionando este quesito da atividade, o participante “01” declarou ser verdadeira a afirmação, demonstrando ter alcançado boa compreensão acerca do assunto discutido em aula.

Ao responder esta parte da atividade, o estudante “02” registrou a letra a letra “D” indicando estar correta a afirmação, reconhecendo assim, a importância da rima para o sucesso que o gênero conquistou desde sua chegada.

O aprendiz “03” seguiu o mesmo entendimento, declarando estar correta a penúltima propositiva da questão.

Analisando a última resposta para este quesito, encontramos como resolução por parte do discente “06” a letra “V”, que também reconheceu esta característica como um dos elementos responsáveis pelo sucesso do gênero textual no Brasil.

Por fim, analisaremos as respostas concedidas para a última declaração desta questão, que relaciona o nome do gênero à forma em que ele era exposto nas feiras – pendurado em cordas e barbantes.

Demonstrando ter compreendido a ministração da aula no tocante à justificativa do nome dado ao gênero em estudo, o participante “01” marcou a letra “V”, evidenciado ter ampliado os seus conhecimentos durante esta pesquisa.

O participante “02” registrou como resposta a letra “E”, confirmando a sua desejável compreensão acerca dos conhecimentos discutidos em sala que envolvem o gênero cordel.

O discente “03”, em conformidade com a resposta analisada anteriormente, também declarou estar correta a relação entre o nome dado ao gênero e a forma declarada com o que o mesmo ficava em exposição nas feiras.

Por fim, observamos também pelo aluno “06” a compreensão desta associação realizada no último quesito da primeira questão como verdadeira, evidenciando assim, o entendimento por parte deste acerca da razão do nome dado ao gênero cordel.

7.3.2 Respostas da questão 02

Neste momento, tendo discorrido sobre as respostas obtidas na questão de número 01 (um), iremos averiguar as resoluções dadas pelos alunos para a questão a seguir. Convém acrescentar que a segunda parte deste questionário solicita que o aluno aponte, entre 05 (cinco) alternativas, a que corresponde aos temas que são habitualmente tratados nos cordéis.

Revelando ter assimilado os conhecimentos abordados em aula, o estudante “01” marcou a opção “B”, que traz como resposta: folclore, vida nordestina, cultura popular. Desta forma, o mesmo continua apresentando um bom desenvolvimento mediante a abordagem desta pesquisa.

O participante “02”, acompanhando o entendimento do anterior, indicou como resposta a alternativa “B”. Deste modo, o mesmo demonstrou ter compreendido quais os assuntos geralmente são encontrados nesta rica literatura popular.

O discente “03”, a exemplo do anterior, também apontou como resposta a letra “B”, também demonstrando conhecimento acerca do tema da questão.

Não diferentemente dos supracitados, o estudante “06” encontrou como resposta exata a segunda alternativa, demonstrando assim, a esperada compreensão acerca de quais temáticas são geralmente abordadas pelos cordelistas em suas obras de arte.

7.3.3 Respostas da questão 03

Nesta ocasião, observando a terceira questão desta atividade, a qual, após apresentar um trecho do cordel “*Meu primeiro amor*”, de Patativa do Assaré, o comando da mesma, ao fazer a observação de que excerto textual possui vários exemplos da língua não padrão, questiona se esta linguagem utilizada deve ser evitada na referida situação comunicativa. Convém ainda lembrar que o comando da questão solicita justificativa da resposta.

Atentando para a resposta dada pelo estudante “01”, temos:

“Não, essa linguagem não deve ser evitada nesse gênero.”

Ao examinar a dada resolução, é possível inferir que houve o entendimento de que o cordel, por se tratar de um gênero que abrange as manifestações orais das diversas classes sociais, inclusive as dos menos favorecidos, não deve haver nele a exclusão da linguagem dos que não dominam a norma padrão da língua portuguesa.

O discente “02”, por seu turno, escreveu:

“Não, desde que os leitores possam entender esta forma de se escrever, não precisa parar de se escrever assim.”

Analisando a resolução para a referida indagação, o participante “03” registrou:

“não. por que pode ser usada em uma explicação e etc.”

Deste modo, podemos inferir que, apesar de a explicação não estar claramente relacionada à produção textual em destaque, o estudante relaciona a composição de um cordel a uma situação de linguagem menos monitorada, provavelmente por compreender que esta é um espaço de expressão da linguagem popular.

Averiguando a resolução do discente “06”, podemos observar a seguinte declaração:

“Não, porque de onde ele vem falam assim, e é uma linguagem popular”.

Desta forma, podemos concluir que o citado participante compreendeu que as expressões de comunicação marcadas pela variação linguística são válidas e, portanto, não devem ser cerceadas. Além disso, o mesmo demonstrou compreender a influência do fator regional sobre a linguagem.

7.3.4 Respostas da questão 04

Indo, neste momento, ao encontro das resoluções coletadas na quarta questão deste exercício, é necessário lembrar que, apesar de esta pesquisa trabalhar os conhecimentos acerca da variação linguística utilizando como suporte cordéis de Patativa do Assaré, por considerar o grande sucesso do filme “*O Auto da Compadecida*” de Ariano Suassuna, que teve como base, entre outros, um cordel de Leandro Gomes de Barros, o presente questionamento faz referência a este outro grande nome da literatura popular brasileira. Neste sentido, solicita que o aluno marque a alternativa corresponde ao autor da obra “*O dinheiro ou o testamento do cachorro*”. Dito isto, vamos às respostas.

Apesar de apresentar um bom desempenho referente à aquisição dos conhecimentos discutidos, o estudante “01” registrou a opção “B” – José Camelo de Melo Rezende –, não revelando, desta forma, entendimento acerca do autor da referida obra literária.

Analisando a resolução dada pelo participante “02”, pode-se observar que foi apontada a alternativa letra “D”, - Leandro Gomes de Barros. Neste sentido, podemos concluir que há a compreensão acerca da autoria desta grande obra por parte do referido aluno.

O discente “03”, por seu turno, também apontou a quarta alternativa como a correta, demonstrando ter o conhecimento acerca do nome que produziu a notável obra popular.

Por fim, atentando para a resolução constituída pelo aprendiz “06”, de igual forma é possível observarmos a marcação da opção “D”, revelando assim, a sua compreensão acerca do responsável pela composição da estimada obra.

7.3.5 Respostas da questão 05

Neste momento, passaremos a analisar as respostas da penúltima questão desta atividade concedidas pelos participantes da pesquisa. Nesta parte, o aluno foi levado a apontar qual, dentre as 05 (cinco) alternativas, corresponde à região do país em que o cordel ficou mais popularizado. Observemos as respostas.

Evidenciando ter compreendido o lugar em que o cordel é mais apreciado, o participante “01” indicou a opção “C”, que corresponde à região Nordeste, revelando um desejável desempenho na presente pesquisa.

O estudante “02”, por seu turno, também indicou a opção “C”. Assim sendo, o mesmo demonstrou ter assimilado o conhecimento referente ao espaço do país em que o gênero estudado mais se expandiu.

Seguindo a mesma compreensão, o discente “03” também apontou como resposta a terceira opção, evidenciando assim, a sua compreensão no tocante a este aspecto do assunto abordado.

De igual modo, também fez “06”, revelando assim, ter alcançado o conhecimento acerca da localização geográfica do Brasil em que os cordelistas mais fizeram e fazem história até os dias atuais.

7.3.6 Respostas da questão 06

Passando neste momento para a análise do último questionamento desta parte da pesquisa, teremos como foco uma característica do gênero estudado: a utilização de xilogravura. Aqui, os alunos foram indagados sobre o que eles

entenderam acerca desta arte. Eles puderam marcar apenas (01) uma alternativa entre as 05 (cinco) apresentadas.

Observando as resoluções, pode-se perceber que o estudante “01” marcou a opção “D” – uma arte aplicada na capa do cordel. Assim sendo, conclui-se que o mesmo chegou à compreensão do que é este importante recurso ilustrativo para o gênero em estudo.

Não diferentemente, também marcou a quarta opção os participantes “02”, evidenciando assim ter compreendido este aspecto do gênero popular em estudo.

O participante “03”, no entanto, optou pela opção “B”, demonstrando não ter compreendido de forma plena as informações acerca desta arte.

O discente “06”, por seu turno, evidenciou a sua ideal compreensão acerca da da xilogravura, marcando a alternativa correta da presente questão.

Nesta ocasião, tendo concluído a análise das respostas obtidas na terceira atividade realizada nesta pesquisa, passaremos a examinar as resoluções dadas para cada questão do penúltimo exercício realizado.

7.4 Atividade de aprendizagem III – Patativa do Assaré

O cordelista Patativa do Assaré utilizou em suas obras com muita frequência o dialeto comumente utilizado pelo homem nordestino. Compreender a sua importância e legado deixado para a literatura popular é entender que a linguagem marcada pelo preconceito linguístico sempre foi algo de muito orgulho para este grande expoente da literatura popular.

Sendo assim, tendo discutido a biografia e algumas obras de Patativa, foi aplicado um exercício de fixação dos conhecimentos discutidos em aula, que foi respondido por 04 (quatro) participantes. Passaremos, então, a examinar as respostas obtidas nesta atividade por cada participante desta pesquisa.

7.4.1 Respostas da questão 01

Composta por 05 (cinco) questões, iniciou indagando o aluno acerca de qual o dialeto é bastante utilizado nas obras do cordelista estudado.

A esta questão, o participante “01” respondeu:

“Os cordéis de Patativa do Assaré utilizam uma linguagem que pertence ao dialeto do Nordeste do Brasil, mais especificadamente do sertão cearense.”

Analisando esta resolução, podemos entender que houve a compreensão por parte deste discente acerca do assunto aqui abordado.

O participante “02”, por sua vez, registrou:

“Nordestino e informal.”

Analisando esta resolução, concluímos que apenas o primeiro termo da resposta já contempla a pergunta. No entanto, apesar de a expressão “informal” não se referir a uma região do país, inferimos que o aluno registrou esta palavra como forma de classificar as expressões que não observam as regras da gramática prescritiva e que são comumente utilizadas nas obras de Patativa do Assaré.

Atentando para a resolução do aluno “05”, temos:

“ceará.”

Analisando a citada resolução, entende-se que, apesar de existir a compreensão de que o dialeto em questão é usufruído pelo estado supracitado, o aluno restringiu a origem da linguagem a apenas uma área em que o dialeto é utilizado, não demonstrado compreender que esta linguagem é característica de uma área mais ampla: a região Nordeste.

Concluindo a análise das resoluções da primeira questão, constatamos como resposta dada pelo aluno “06” o seguinte registro:

“Nordeste.”

Diante do escrito, pode-se verificar o bom entendimento do citado aluno concernente à indagação realizada no início desta atividade.

7.4.2 Respostas da questão 02

Prosseguindo para a segunda interrogação deste exercício de aprendizagem, onde, após ser apresentado um trecho do cordel intitulado “*Reforma agrara é assim*”, e destacadas duas expressões do excerto – “laia” e “inriba”, o aluno deve apontar, entre as alternativas dadas, a que apresenta

termos que correspondem ao significado das palavras frisadas do texto, bem como o fator que promoveu a variação linguística.

Em resposta para este questionamento, o participante “01” marcou a opção “D” – “grupo de pessoas” e “em cima” – fator regional –, demonstrando assim, ter compreendido o significado as variações expressas, bem como a motivação de suas realizações.

Seguindo o mesmo entendimento, os demais participantes desta atividade – “02”, “05” e “06” – também indicaram como resposta a quarta alternativa, evidenciando assim, o bom conhecimento por parte deles acerca das variedades da linguagem nordestina.

7.4.3 Respostas da questão 03

Analisando, neste instante, as soluções concedidas pelos alunos para a terceira questão, em que há a apresentação de um fragmento do cordel *“Meu primeiro amor”*, de Patativa do Assaré. O texto tem como mensagem a expressão do eu-lírico de que onde ele esteve para trabalhar (em Pernambuco), através de sua cantoria, nenhuma necessidade de alimento passou, mas o que lhe fez muita falta era o seu primeiro amor – Margarida. Por ter em sua composição a utilização de muitos termos que não observam as orientações da gramática normativa, a questão solicita que os alunos escrevam sobre o que eles compreenderam, como mensagem, do texto.

Como resolução para este quesito, o participante “01” deixou a questão em branco, explicando posteriormente que não tinha compreendido a mensagem expressa no texto.

Assim, diante disto, concluímos que a não compreensão provavelmente se deu em virtude da utilização das variantes expressas no excerto.

O aluno “02”, por seu turno, registrou:

“Ele tinha ‘tudo’ o queria, menos a ‘Margarida’ alguém que ele ama. Ele descobriu que a cantoria dele poderia conseguir tudo para ele, menos o amor, a coisa que ele mais desejava.” E complementa: “Não se compra, arranja ou se ganha amor. O amor é algo que conquistamos.”

Assim, sendo, através da análise do escrito, podemos verificar que, mesmo o texto apresentando muitas variações da língua portuguesa, este discente teve êxito na interpretação deste excerto.

Atentando para a resolução criada pelo discente “05”, temos:

“Ele está falando sobre ‘cantoria estrela’.”

Assim, tendo em vista esta resposta, infere-se que a mensagem textual não foi depreendida pelo aluno, o que pode ter sido ocasionado pelo uso de termos desconhecidos pelo participante.

Concluindo a análise das respostas desta parte da atividade, atentemos para a declaração realizada pelo estudante “06”:

“Entendi que ele sente falta da pessoa.”

Desta maneira, apesar de ter se expressado de uma maneira sucinta, este participante também demonstrou ter compreendido a mensagem expressa no texto do cordelista Patativa do Assaré, mesmo a obra fazendo uso da linguagem não padrão.

7.4.4 Respostas da questão 04

Analisando as respostas fornecidas para o penúltimo quesito, este, tomando como base a linguagem utilizada na questão anterior, indaga o aluno se este defende que o usuário da língua, mesmo se fazendo ser compreendido, deverá ser alvo de gozação ou xingamentos ao se expressar de uma maneira que não atenta para a norma padrão da língua portuguesa.

Como resolução para esta indagação, o aluno “01” escreveu:

“Não.”

Desta forma, o referido participante evidenciou a compreensão de que o uso das variedades não pode resultar no constrangimento ao usuário da língua.

O discente “02”, por seu turno, declarou:

“Não, ninguém merece ser alvo de zombaria, xingamento ou discriminação, independentemente da nacionalidade, cor ou cultura ou até mesmo pela forma dele falar.”

Assim, este estudante revelou entender que não deve existir manifestações de preconceito contra as realizações linguísticas que não são orientadas pelos livros didáticos.

O aluno “05”, por sua vez, registrou:

“Não, isso é gíria do ceará.”

Analisando esta resolução, nota-se que não houve a compreensão plena por parte deste discente acerca do que é gíria, uma vez que no fragmento a que ele se refere não há a presença deste recurso linguístico. Todavia, o mesmo demonstrou ter alcançado o entendimento de que o respeito à linguagem informal é um direito que deve ser preservado para todos os que se comunicam através dela.

Neste momento, atentemos para a declaração do participante “06”:

“Não, porque todos merecem respeito, mesmo não falando formalmente, e por não ter condições, é óbvio que não teve educação perfeita.”

Averiguando esta afirmação, compreendemos que há o bom entendimento por parte do aluno de que não deve ocorrer a depreciação do próximo em virtude de o mesmo se expressar por meio da linguagem que não atenta para as regras gramaticais.

7.4.5 Respostas da questão 05

Passando para a análise das respostas da última questão desta atividade, observaremos o entendimento que os alunos obtiveram acerca de como, a exemplo de Patativa do Assaré, podem contribuir para o combate ao preconceito linguístico.

A esta indagação, o participante “01” declarou:

“Ter uma mudança de atitude.”

Analisando a afirmação, apesar de ser um pouco genérica, entende-se que, a partir dos conhecimentos adquiridos nesta pesquisa, a modificação de postura por parte deste discente mediante as variações da língua contribuirá para o combate ao preconceito linguístico na sociedade.

O aluno “02”, por seu turno, declarou:

“Sim, eu posso contribuir conscientizando pessoas sobre este assunto e divulgar o trabalho destas pessoas como ‘Patativa do Assaré’.”

Observando a resolução dada, observamos a compreensão por parte deste discente de que o trabalho de esclarecimento das pessoas acerca da temática abordada nesta pesquisa é um caminho para a mudança da realidade existente: o preconceito linguístico na sociedade. Além disso, o mesmo observa como uma referência para a valorização das variações da língua o trabalho desenvolvido pelo cordelista cearense pesquisado, reconhecendo suas obras como importante ferramenta para a conscientização concernente às variações linguísticas.

Atentando para a resposta do discente “05”, temos:

“Evitar corrigir a gramática ou a pronúncia dos outros.”

Desta forma, o referido participante compreendeu que uma das formas de cultivar o respeito às expressões linguísticas regidas pela diversidade é não reprimir estas manifestações verbalizadas ou escritas por seus usuários, demonstrando assim, ter compreendido a temática abordada nesta pesquisa.

Por último, analisando a resolução do estudante “06”, constatamos a seguinte alegação:

“Cada pessoa deve entender que todo local tem sua linguagem diferente, em nenhum local é igual.”

Atentando para esta resposta, pode-se observar que, apesar de a mesma não ter sido elaborada indicando uma ação a ser realizada pelo autor, inferimos que este participante expressou que a conscientização das pessoas é uma maneira eficaz de atenuar este problema tão presente nos dias atuais.

7.5 Atividade final para análise dos resultados alcançados

Após a realização das atividades acima examinadas, foi aplicado um exercício final, do qual participaram 04 (quatro) alunos, com o intuito de compreender os efeitos que a presente pesquisa produziu nos alunos participantes da mesma. Atentar para a consciência que os alunos alcançaram no término desta intervenção é de suma importância, uma vez que esta, caso

tenha alcançado os seus objetivos, se constituirá uma valiosa ferramenta para o combate ao preconceito linguístico na sociedade. Neste sentido, passemos à análise das respostas compiladas.

7.5.1 Respostas da questão 01

A primeira questão deste exercício apresentou cinco declarações, que o aluno julgou, segundo os conhecimentos adquiridos, se estavam corretos ou errados, devendo marcar apenas as afirmações verdadeiras.

A primeira declaração, afirmando que a variação é um fenômeno inerente a todas as línguas, e que se constitui a identidade de seus usuários, teve as seguintes respostas abaixo elencadas.

O participante “01” assinalou esta alegação, evidenciado ter compreendido esta que esta propriedade – a variação – é algo intrínseco a todas as línguas, e que esta reflete a identidade de seus usuários.

Observando as respostas concedidas pelos participantes “02”, “04” e “06”, observamos que a compreensão de que alegação supracitada é verdadeira foi unânime entre os envolvidos nesta pesquisa, demonstrando assim, a esperada compreensão por parte dos discentes relacionados a este fenômeno da língua.

A segunda alegação, por seu turno, defende que o preconceito linguístico é algo benéfico, uma vez que a situação intimidatória leva as vítimas a buscarem os conhecimentos gramaticais, indo assim, ao encontro do domínio da norma padrão.

Como resolução a este quesito, todos os estudantes presentes na aula não assinalaram esta afirmação. Assim, compreendemos que os mesmos entenderam que o preconceito linguístico não traz nenhum benefício, não devendo ser praticado entre os usuários da língua.

A terceira declaração assegurou que o lugar em que os falantes estão inseridos influencia diretamente na forma de comunicação dos mesmos, sendo este fator classificado como histórico.

Ao responder esta parte da atividade, todos os presentes alunos optaram por não sinalizar como verdadeiro este quesito, demonstrando obtenção dos conhecimentos nele abordados.

A quarta afirmação apresentada nesta questão avaliou que, como o uso das variações linguísticas não tornam a linguagem menos importante do que a que é conduzida pela norma padrão da língua, não há a importância de se aprender esta última.

Demonstrando terem compreendido a importância da aquisição dos conhecimentos inerentes à gramática prescritiva, mesmo ela não tendo um maior valor em relação às variações, os aprendizes, de maneira unânime, julgaram como errônea esta afirmação.

Observaremos, neste momento, as respostas concedidas para o último quesito da primeira questão, onde encontra-se a alegação de que a linguagem é como uma roupa: para cada lugar, há uma adequada a ser utilizada.

Como resposta, também de maneira uniforme, cada discente optou por assinalar como verdadeira esta enunciação, revelando assim, terem compreendido a necessidade da adequação linguística à situação comunicativa.

7.5.2 Respostas da questão 02

Tendo averiguado as soluções dadas pelos aprendizes para a primeira questão, passaremos a avaliar os resultados obtidos no item 02 (dois) desta atividade.

A fim de apurar a compreensão que o aluno tem, na prática, sobre adequação linguística, esta parte da atividade indaga-o se expressões como “obg”, “vdd”, “bom fds” devem ser utilizadas em um e-mail a ser enviado ao diretor da escola, com o intuito de realizar uma solicitação

Como resolução a esta interrogação, o participante “01” registrou:

“Não, essa linguagem não deve ser utilizada ao enviar um e-mail para o diretor de escola.”

Assim, considerando esta declaração, podemos observar a desejável compreensão deste(a) participante acerca da adequação linguística.

O aluno “02”, por sua vez, declarou:

“Não, pois um e-mail para um diretor, chefe ou empresários deve possuir uma linguagem formal, para ajudar no entendimento por parte destas pessoas,

além de não ser muito apropriado usar linguagem informal em situações como estas.”

Neste sentido, é entendível a aquisição muito satisfatória deste conhecimento – adequação linguística – por parte deste aprendiz.

Observando a resposta do estudante “04”, pode-se encontrar:

“Não, a linguagem utilizada em aplicativos de mensagens como whatsapp, instagram, mensseger e telegram não deve ser utilizada em um e-mail formal para o diretor da escola.”

Desta maneira, o mesmo evidenciou sua agradável compreensão acerca deste aspecto da língua.

Analisando a última resposta desta questão, é possível contemplar que o participante “06” registrou:

“Não, porque para essas ocasiões devemos falar com um vocabulário formal.”

Destarte, semelhantemente aos demais discentes, o referido estudante demonstrou compreender a abordagem sobre adequação linguística, relacionando a teoria com a prática.

7.5.3 Respostas da questão 03

Indo para a questão seguinte, a 03 (três), onde, após a assertiva de que o fator socioeconômico interfere diretamente no uso da língua por parte dos falantes, é solicitado que o aluno explique, com exemplo, como isso ocorre.

Como solução a esta indagação, o estudante “01” escreveu:

“O fator socioeconômico influencia diretamente o uso linguístico dos falantes porque o ambiente social e econômico em que uma pessoa vive afeta suas oportunidades de acesso a educação, a cultura e as diferentes formas de comunicação.”

Assim, diante desta resolução, constatamos que o mesmo demonstrou boa compreensão acerca deste conhecimento.

O participante “02”, por seu turno, registrou:

“Digamos que “Márcio” é um empresário que frequenta prédios e lugares importantes e chiques e, diariamente conversa com pessoas da mesma classe social que ele (alta). Por conta disso, ‘Márcio’ usa mais comumente a linguagem formal. Já seu irmão ‘Edson’ é um pedreiro, que não frequenta lugares chiques, importantes ou caros. Ele normalmente apenas conversa com pessoas da mesma classe social que ele (média – baixa), por conta disso, ‘Edson’ usa mais comumente a linguagem informal.”

Diante desta resolução, fica evidente a perfeita compreensão, por parte do referido discente, acerca deste fator da variação linguística, uma vez que o mesmo exemplificou de forma aprazível o conhecimento adquirido nas discussões em sala de aula.

Passando para a resposta concedida pelo participante “04”, constatamos:

“O fator socioeconômico influencia diretamente o uso linguístico dos falantes por meio de diversos aspectos. A classe social, o nível de escolaridade, o acesso a informação e a influência do meio em que o indivíduo vive afeta a forma com que ele se expressa moldam o seu repertório linguístico, a forma que ele se expressa e as variantes que ele utiliza.”

Desta maneira, é observável o agradável entendimento, por parte deste participante da pesquisa, acerca deste aspecto da língua.

Indo ao encontro da derradeira resolução a esta questão, observamos a declaração do aluno “06”:

“Um advogado sempre irá falar formalmente, tendo uma grande diferença de uma pessoa que não teve a oportunidade de estudar.”

Analisando a resposta concedida, podemos verificar o registro do vocábulo “sempre”, gerando a ideia de que o referido profissional utiliza exclusivamente a linguagem formal, o que geralmente não ocorre, tendo em vista o fenômeno da adequação linguística. No entanto, apesar da inserção do referido termo, é possível inferir que este participante assimilou a abordagem em aula sobre este motivador da variação linguística, uma vez que há a correta relação entre o contexto socioeconômico do falante e a utilização da linguagem comumente realizada pelo mesmo.

7.5.4 Respostas da questão 04

Indo ao encontro das respostas da antepenúltima questão desta atividade, em que o aluno é solicitado a escrever sobre o que ele entente acerca da adaptação linguística à situação comunicativa, encontramos como resposta pelo discente “01” a seguinte afirmação:

“A adaptação linguística á situação comunicativa é o processo pelo qual ajustamos nossa forma de falar ou escrever de acordo com o contexto, o interlocutor e o objetivo da comunicação.”

Assim, mediante esta declaração, podemos inferir que houve o bom entendimento por parte deste aluno acerca desta abordagem realizada nesta pesquisa.

O participante “02”, por seu turno, respondeu:

“A adaptação da linguagem é quando o falante muda a forma de falar dependendo da situação. Por exemplo: quando alguém precisa falar formalmente com outra pessoa, essa pessoa começa a usar palavras formais da gramática ao invés de gírias e palavras abreviadas, que são normalmente usadas na linguagem informal.”

Avaliando esta declaração, embora esteja expressa a ideia de que as abreviações não fazem parte da língua padrão, pode-se inferir que a declaração faz referência às abreviações discutidas em sala, como “obg”, “ok”, “tmj”, “hj”, que não são reconhecidas pela gramática prescritiva. Assim sendo, podemos concluir que houve a esperada compreensão por parte deste discente acerca da abordagem no tocante à adequação linguística.

Analisando a solução dada a este questionamento pelo participante “04”, temos:

“A adaptação da linguagem á situação comunicativa conhecida como registro refere-se a capacidade de ajustar a forma como falamos ou escrevendo de acordo com o contexto da comunicação.”

Através desta resolução, concluímos que houve a compreensão do assunto abordado por parte do referido discente, obtendo assim, a compreensão de mais um aspecto da língua.

Resolvendo esta questão, o discente “06” afirmou:

“Se formos fazer um trabalho temos que falar formalmente igual aprendemos nas escolas, e não podemos falar palavras com abreviações pessoalmente.”

Averiguando esta resposta, depreendemos que houve a compreensão, por parte do aluno, desta abordagem, uma vez que a houve a resolução trouxe consigo um correto exemplo prático da adequação linguística à situação comunicativa. Em relação à expressão “pessoalmente”, é possível realizar a inferência de que a mesma entendeu que as abreviações não prescritas na gramática normativa têm o seu uso mais adequado em redes sociais, em situação informal, conforme foi ministrado nesta pesquisa.

7.5.5 Respostas da questão 05

Neste momento, passaremos a analisar as respostas concedidas à questão 05 (cinco), que indaga ao aluno acerca de quais as consequências que o preconceito linguístico traz tanto para a vítima, como também para o causador.

Respondendo esta questão, o participante “01” declarou:

“O preconceito linguístico tem consequências profundas tanto para a vítima quanto para o causador impactando as relações sociais educacionais e profissionais de ambas as partes.

Observando a alegação supracitada, apesar de não haver o detalhamento das consequências da intolerância às variações da língua, depreendemos que o referido participante assimilou que a prática do preconceito linguístico confere danos para ambos os envolvidos – causador e vítima –, trazendo prejuízos para as relações entre as pessoas na sociedade.

O aluno “02”, por sua vez, registrou:

Para a vítima: baixa autoestima, medo ou ansiedade de falar em público, sentimentos de constrangimento ou tristeza e insegurança.

Para o causador: multa por discriminação, possível prisão por discriminação, risco de receber um processo, possível isolamento social causado pelas outros, má reputação, dificuldade de conseguir um emprego e caso for alguém famoso: risco de receber “hate” pelas pessoas.

Analisando a resolução dada por este discente, é evidente que houve a compreensão por parte dele acerca dos sérios danos que o preconceito linguístico causa às vítimas. Já em relação às complicações referentes a quem pratica o ato, atentando para as consequências perante a lei registradas pelo discente na resposta, é imprescindível destacar que, por não haver na legislação brasileira a tratativa específica para casos de preconceito linguístico, a presente intervenção se resguardou de apresentar consequências para este ato perante a legislação. Observando, ainda, os demais efeitos elencados para o causador, este participante demonstrou ter assimilado o conteúdo ministrado durante a abordagem do assunto em sala de aula.

Indo ao encontro da resolução construída pelo(a) estudante “04”, temos:

“O preconceito linguístico, como qualquer forma de discriminação, pode ter consequências para o causador.”

Analisando a declaração realizada por este participante, podemos compreender que o mesmo não formulou a resposta de maneira a contemplar de forma plena o questionamento realizado, uma vez que só fez referência às consequências geradas para o causador. Além disso, observamos que a resposta é lacunar, uma vez que não cita as consequências, apenas, limita-se reconhecer a existência delas. Desta maneira, inferimos que o referido participante não demonstrou ter compreendido de forma plena este aspecto da abordagem da presente pesquisa.

O aprendiz “06”, por seu turno, respondeu da seguinte maneira:

“A vítima pode ter problemas e inseguranças com a forma que ela fala, e o causador pode perder muitas oportunidades na vida por causa de preconceito.”

Averiguando a dada solução, podemos entender que concernente aos problemas ocasionados na vítima do preconceito linguístico, o aluno compreende que a discriminação a expressões linguísticas gera vários danos. No entanto, os mesmos não foram listados, sendo pontuada apenas a insegurança ao se expressar nas situações posteriores ao constrangimento. Já em relação aos prejuízos aos quais está sujeito o indivíduo intolerante às variedades linguísticas, apesar de o discente ter citado apenas a perda de várias oportunidades, podemos inferir que esta declaração vai ao encontro das

pontuações elencadas na ministração do assunto. Assim sendo, concluímos que o referido aluno, apesar de não ter construído uma resolução com detalhes, assimilou que a prática do preconceito linguístico não é benéfica para o praticante, nem tampouco para aquele que sofre repressão pela maneira de se expressar.

7.5.6 Respostas da questão 06

Neste momento, passaremos a apreciar as soluções dadas pelos participantes à parte final desta atividade, que interroga o aluno acerca da possibilidade de o preconceito realizado nas redes sociais também causar prejuízos às vítimas.

Como resposta a esta indagação, o participante “01” declarou:

“Sim, acredito que há consequências negativas para o falante quando ele é criticado nas redes sociais pela forma como escreve ou fala.”

Considerando a dada resolução, notamos que este participante compreende que o preconceito linguístico não é danoso apenas nas situações em que se manifesta presencialmente, mas que também tem poder ofensivo quando este se dá em ambientes virtuais.

Analisando a maneira como se expressou o aluno “02” diante desta questão, temos:

“Sim, e muitas, como as que citei anteriormente e irei adicionar mais algumas para este caso: isolamento das redes sociais, extrema tristeza ou frustração e respostas agressivas contra as agressões.”

Assim, levando em conta a maneira como este aluno se expressou, apresentando possíveis consequências vivenciadas pelas vítimas da referida intolerância no ambiente virtual, concluímos que houve a desejável compreensão acerca da abordagem da abrangência dos malefícios causados pelo preconceito às variedades da língua.

Observando neste instante a resolução para esta questão dada pelo aprendiz “04”, encontramos:

“Sim, o preconceito linguístico nas redes sociais pode ter consequências negativa para o falante. Ser criticado pela forma de fala ou escrever pode levar a:”

De forma semelhante aos entendimentos já mencionados acerca desta questão, apesar de este participante não ter explicitado as consequências que o preconceito linguístico nas redes sociais causa à vítima, o referido discente também demonstrou compreender que o fato da atitude de repressão ser manifesta nas redes sociais não elimina as sérias consequências para vítima, evidenciando assim, a compreensão sobre o teor maléfico do preconceito linguístico nas redes sociais.

Analisando a última resposta concedida a este exercício, o participante “06” declarou:

“Sim, por causa das pessoas estarem julgando a nossa forma de falar ou de escrever, podemos ficar triste por sermos julgados por não falar formalmente.”

Mediante esta resolução, ao declarar que o preconceito causa tristeza nas vítimas mesmo quando esta atitude desrespeitosa ocorre nas redes sociais, o aluno em questão evidenciou ter compreendido que a atitude de desrespeito às manifestações linguísticas que não são regidas pela norma padrão também causam consequências negativas para o usuário da linguagem em qualquer que seja o contexto da comunicação.

Neste momento, tendo realizado a análise das respostas concedidas pelos alunos nas atividades propostas, foi possível observarmos o satisfatório desenvolvimento da compreensão por parte dos mesmos em relação aos conhecimentos inerentes à variação linguística.

Este entendimento pode ser evidenciado pelo fato de que, no início da pesquisa, na ocasião da aplicação da atividade diagnóstica, pudemos observar a compreensão limitada por parte dos estudantes acerca das variações linguísticas. Isso pode ser evidenciado quando, no primeiro momento, a compreensão de que as realizações da língua que não observam as regras da gramática prescritiva foram consideradas como erradas quase que de modo unânime pela turma.

No entanto, atentando para as resoluções formuladas pelos participantes no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, observamos o desejável avanço

dos alunos em relação à adequada compreensão acerca da variação linguística, evoluindo, na etapa final da pesquisa, para a adequada compreensão acerca deste fenômeno natural da língua.

Deste modo, concluímos que através da realização das discussões e atividades desenvolvidas, pudemos alcançar a finalidade a que este projeto se propôs, a saber, a promoção da conscientização dos alunos de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental acerca da variação linguística do Português Brasileiro através de cordéis de Patativa do Assaré.

Por meio do trabalho promovido acerca do esclarecimento de que as variações da língua revelam a riqueza identitária de seus falantes, apontando também para autenticidade de suas realizações, bem como clareando para os alunos o conhecimento acerca da adequação linguística, necessária para o bom uso da comunicação, a presente intervenção contribuiu, conseqüentemente, para o combate ao preconceito linguístico, logrando assim, êxito no processo de ensino-aprendizagem desta importante área de conhecimento da linguagem.

Finalizando esta parte da pesquisa, resta-nos fazer menção ao fato de que entender o alcance obtido no desenvolvimento da metodologia aplicada direciona o docente pesquisador no exercício da docência, mostrando caminhos viáveis, bem como um olhar para outras possibilidades no processo de ensino-aprendizagem.

Assim compreendendo, passemos às considerações finais acerca desta experiência de prática pedagógica que discutiu as variações linguísticas em sala de aula buscando combater o preconceito linguístico na sociedade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa foi idealizado em virtude da presença bem marcante do preconceito linguístico na sociedade. O entendimento que predomina sobre muitos usuários acerca da linguagem, de que só há uma forma correta de falar e escrever a língua portuguesa, além de equivocada, tem causado sérios danos aos que não fazem uso da norma padrão em suas expressões comunicativas.

A compreensão da variação linguística de uma forma mais ampla, não observando-a como um desvio gramatical, mas sim como um fenômeno natural e inerente a todas as línguas, bem como a compreensão acerca das motivações sociais para sua variabilidade, puderam ser apreciadas a partir dos estudos sociolinguísticos variacionistas promovidos por William Labov no século XVII. No entanto, apesar do desenvolvimento desta ciência, o entendimento acerca deste aspecto da língua ainda parece ser algo distante da sociedade, uma vez que nela ainda impera a concepção de que as realizações linguísticas orientadas pela gramática normativa são as únicas que devem ser aceitas sem julgamentos.

Acerca deste comportamento de não aceitação às variedades, as discussões realizadas por Marcos Bagno permitiram a reflexão de que esta é uma prática decorrente da intolerância a grupos sociais que não possuem prestígio em virtude das condições socioeconômicas desfavoráveis que possuem, inseridos geralmente em regiões menos desenvolvidas, como é o caso dos nordestinos, que vivenciam diariamente o preconceito praticado por habitantes do mesmo território nacional, que usufruem melhores condições de vida. A fim de os alunos alcançarem uma visão mais panorâmica acerca do preconceito linguístico, esta abordagem se fez indispensável neste projeto de intervenção na escola.

Acerca da necessidade da abordagem da variação linguística em sala de aula, pode-se observar como norte as orientações dos PCN's e da BNCC aqui explanadas, que apontam para o dever de a escola realizar discussões acerca da autenticidade da linguagem não padrão, não no sentido de levar o aluno a entender que a aquisição dos conhecimentos preconizados na gramática prescritiva não têm importância, mas sim de alcançarem a concepção de que a

coexistência destas formas é algo que contribui para enriquecimento da fala, uma vez que a realização do bom uso da língua passa pela competência de realizar a adequação linguagem à situação comunicativa.

Em relação ao fazer pedagógico, para ser possível o trabalho do docente alcançar os objetivos desejados, é necessário pensar na metodologia a ser aplicada nas aulas. Na presente pesquisa, a utilização do gênero cordel como suporte textual de aprendizagem, em razão de suas características, dentre outras, sua linguagem popular, oportunizou a análise de diversos textos construídos a partir da linguagem informal, promovendo a reflexão acerca dos conhecimentos propostos neste projeto, o que propiciou a aprendizagem acerca deste fenômeno natural da língua.

A escolha de obras de Patativa do Assaré como ferramenta para as abordagens relacionadas à linguagem não padrão também contribuiu de forma significativa para os resultados obtidos nesta pesquisa, uma vez que a composição dos textos literários do poeta possui como identidade o emprego de termos não orientados pela gramática prescritiva, mas que fazem parte da comunicação dos menos favorecidos na sociedade, que comumente são alvos de preconceito linguístico. Desta maneira, a utilização de obras do cordelista cearense possibilitou a discussão acerca da linguagem realizada na vivência de grande parte dos brasileiros, assim como ela é, facilitando, desta forma, o este processo de ensino-aprendizagem realizado nesta turma do ensino fundamental.

Neste momento, vale ressaltar que o caminho para conscientizar a sociedade acerca da necessidade de respeito às variações linguísticas ainda exige um tempo para que a o respeito entre os usuários da língua seja uma realidade, mas é indispensável que este trabalho comece aos poucos, em especial na sala de aula, no espaço em que o conhecimento é referenciado e repercutido na sociedade. Levar o aluno a entender que o conhecimento acerca da norma padrão é necessário para a vida na sociedade na qual estamos inseridos, pois nela há diversas situações em que o seu uso é recomendado, é essencial. Todavia, não menos importante, é direcionar o aluno à compreensão de que as demais manifestações da língua que não são conduzidas pela gramática prescritiva são também expressões válidas da nossa língua, e que estas não possuem valor inferior à observada na norma padrão.

Conduzir o aluno à postura de respeito aos demais usuários da língua em virtude da linguagem utilizada é um dever que não pode ser ignorado pelo professor de língua portuguesa, que tem o papel social de apontar o caminho do respeito por parte dos seus alunos às diversas diferenças existentes na sociedade, o que não poderia ser diferente mediante às variações da língua portuguesa. Um percurso que deve ser trilhado para o sucesso deste propósito é o da desmistificação das variedades linguísticas como algo errado, inaceitável. Somente assim, poderemos viver em um país em que o preconceito linguístico não calará a voz das variedades em nome da ignorância.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando o pó das ideias simples. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ANTUNES, Irandé. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá**. [Filosofia de um trovador nordestino].(Org. Antônio Gonçalves da Silva). 16ª ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

ASSARÉ, Patativa do. **Digo e não peço segredo**. São Paulo: Escrituras, 2001.

ASSARÉ, Patativa do Assaré. **Antologia poética**. São Paulo: Global, 1998.

BAGNO, Marcos (org.). A linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**: sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

BRASIL. Ministério da Cultura. - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

FARACO, Carlos Alberto. **Norma-padrão brasileira**: desembaraçando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FREITAG, R. M. K. **Sociolinguística**. 2010. Projeto de Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2011a.

IPHAN. O registro do patrimônio imaterial: **Dossiê de registro**: Literatura de cordel, Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** de língua portuguesa para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

ELIA, M.F., SAMPAIO, F.F. **Plataforma Interativa para Internet**: Uma proposta de Pesquisa- Ação a Distância para professores. Anais do XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação

KEMMIS, Stephen; McTAGGART, Robin. **Cómo planificar la investigación-acción**. Barcelona: Laertes, 1988.

KUNZ, Martine. **Cordel, a voz do verso**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

LIMA, Arievaldo Viana (Org.). **Acorda cordel na sala de aula**: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação. Fortaleza: Tupynanquim Editora; Mossoró: Queima Bucha, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MAXADO, Franklin. **O que é cordel na literatura popular**. 3. ed. Mossoró: Queima Bucha, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NUVENS, Plácido Cidade. Patativa do Assaré, poeta social. In: ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS
E.E. JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS

Aluno: _____ 6º ano - Turma única
Professor: _____ Data: ____/____/____

Atividade diagnóstica de Língua Portuguesa

Leia o texto a seguir e responda à questão:

Cante lá que eu canto cá

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve indução,
Aprendeu munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Patativa do Assaré

1) No trecho do poema de Patativa do Assaré, há várias palavras, dentre elas, algumas estão sublinhadas, que não estão escritas como os livros de português ensinam. Por qual (is) motivo (s) você acredita que algumas pessoas utilizam as palavras dessa forma?

2) Qual reação você considera correta a ser tomada diante de uma pessoa que usa esse tipo de linguagem? Justifique a sua resposta.

3) Leia outro trecho abaixo do mesmo poema e responda:

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Patativa do Assaré

A linguagem utilizada no poema traz, além de palavras que não fazem parte da gramática, expressões que não são utilizadas em todos os lugares. Um exemplo disto é a palavra “inriba”, que possui o significado de “em cima”. Na sua opinião, esta expressão, por não ser reconhecida por muitos falantes da língua portuguesa, deveria ser evitada por todos os usuários? Justifique sua resposta.

4) Agora leia o fragmento de outro poema do mesmo autor:

Brasi de cima e Brasi de baxo

Estas pequenas pessoa,
Estes fio do abandono,

Que veve vagando à toa
Como objeto sem dono,
De manêra que horroriza,
Deitado pela marquiza,
Dromindo aqui e aculá
No mais penoso relaxo,
É deste Brasi de Baxo
A crasse dos marginá

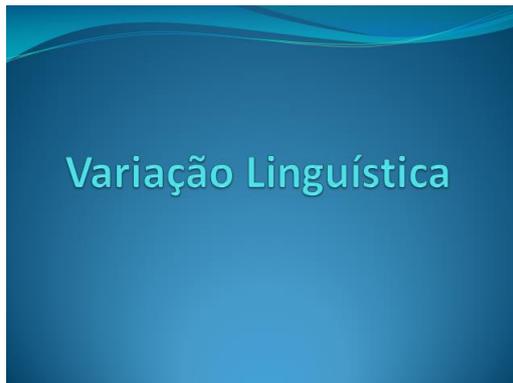
Patativa do Assaré

No trecho do poema, encontramos a expressão “veve”, que possui o sentido da palavra “vive”. Você acredita que seria melhor o poeta evitar escrever poemas, uma vez que ele utiliza muitas palavras erradas, e que a poesia merece a utilização de palavras corretas?

5) Você acha correto livros com esse tipo de linguagem estarem nas estantes das bibliotecas escolares? Justifique a sua resposta.

APÊNDICE B – SLIDES SOBRE VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Slide 01



Slide 02

Como sabemos, o idioma oficial do nosso país é a língua portuguesa. Apesar de nós brasileiros comunicarmos através desta língua, as formas com que nos expressamos através dela é variável.

Ou seja, os usuários dela, assim como em todos os idiomas, se expressam de diversas formas diferentes para passar uma mesma mensagem, seja através de sotaques distintos, palavras diferentes para se referir a uma mesma coisa, ou mesmo expressões utilizadas por grupos de pessoas que são diferentes do que costumamos ouvir. A este fenômeno dá-se o nome de variedade linguística.



Um país de muitas línguas!

Fonte: <https://cartomatos.ufrpe.br/wp-content/uploads/2022/05/58m-pais.jpg>

Slide 03



Fatores que promovem a variação linguística

Slide 04

Fator histórico (diacrônico)

As línguas não são algo estático, elas mudam com o tempo. Isso quer dizer que muitas palavras que antes eram bastante utilizadas, hoje são pouco usadas. Por outro lado, muitas novas palavras vão surgindo a cada dia. Veja alguns exemplos:

vossa mercê - vosmecê - você
alpargatas - sandálias
pharmacia - farmácia



Slide 05

Em relação ao tempo, a idade dos falantes também gera a variação linguística. Algumas expressões que frequentemente são utilizadas por jovens, por exemplo, não são comumente usadas por pessoas de mais idade. As gírias, por exemplo, são mais utilizadas pelos falantes mais novos. Veja os exemplos:



Slide 06

Fator Regional (diatópico)

O lugar onde os falantes vivem também afeta na forma da linguagem utilizada por eles. Essa variação tanto pode ocorrer no sotaque como, por exemplo: no Rio Grande do Norte pronunciamos "tia", "dia", enquanto que no Ceará, comumente pronunciam "thia", "dhia"; como também no uso de palavras, conforme os exemplos abaixo:



Slide 07



Slide 08



Slide 09

Fator socioeconômico (diastrático)

Outro fator que influencia a maneira como as pessoas se expressam é contexto social e econômico nas quais vivem. Um indivíduo que tem acesso à escola, normalmente, tende a se comunicar de forma diferente do falante que não possui estudo. Como também, os grupos sociais, entre eles a área de trabalho, nos quais o indivíduo está inserido também influenciará na linguagem utilizada.

Veja os exemplos:

Slide 10



Slide 11



Slide 12

Compreendo linguagem formal e informal

Linguagem formal

Também conhecida como linguagem padrão, é considerada aquela que obedece às normas gramaticais da língua, no nosso caso, a portuguesa.

Slide 13



Slide 14

Esse tipo de linguagem geralmente é usado, como já sugere o próprio nome, em situações formais, tanto na fala, como em reuniões e palestras; como também na escrita, em livros, jornais, revistas e documentos, como atas, ofícios, memorando, requerimentos, entre outros.

Slide 15



Slide 16

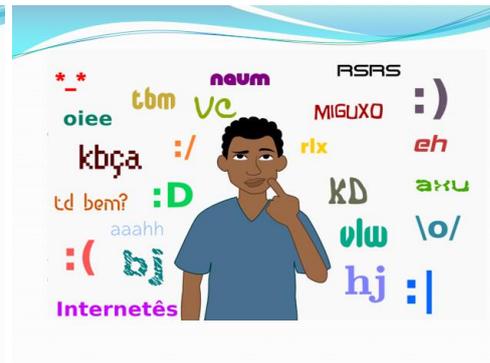
Linguagem informal

Também conhecida como linguagem coloquial, é considerada aquela que usamos de forma mais espontânea, sem uma maior preocupação com as regras gramaticais.

Slide 17



Slide 18



Slide 19

E agora, qual das duas é a melhor?



Slide 20



Não há nenhuma linguagem superior às outras! Todas têm o seu valor, e devem ser utilizadas de acordo com a situação comunicativa!



Slide 21

Exemplos:



Slide 22

VEJA QUE BELOS MOVIMENTOS ELÍPTICOS FAZEM ESSAS ONDAS, MEU CARO AMIGO! PEGA-LAS-EMOS NESSE INSTANTE OU MAIS TARDIAMENTE?



Slide 23



Slide 24

Preconceito Linguístico:
o que é?



Slide 25

Preconceito linguístico é uma forma de discriminação contra alguém pelo seu modo de falar ou escrever. Neste tipo de atitude errada, quanto mais diferente da norma padrão alguém se expressa, mais criticado é pelos demais.



Slide 26

Ele pode ocorrer tanto presencialmente, como também no espaço virtual, causando sofrimento para a vítima.

Fugiu da escola? Aprende a escrever, depois vem comentar no facebook...hahaha, liga o corretor aí, coisa tá difícil!

há 11 horas · Curtir



Slide 27

globo.com | gt | ga | gshow | globoplay

MENU | G1 | CAMPINAS E REGIÃO

Medico e duas funcionárias foram afastados após postagem em rede social. Governo Capel disse que não tem intenção de demitir e pedir desculpas.

Like · Reply · 4 years

Maria [redacted] Acho terrível. Meus ouvidos não aguentam ouvir erros de portuges, meus olhos se negam a enxergar palavras erradas.

Like · Reply · 4 years

Slide 28

"A SĨNHORA PODE MI DAR LICENÇA, PŔO?"

OU TEM PORREMA DE NŔS BATER UM PAPO?

A cartoon showing a woman asking for permission to talk, illustrating linguistic prejudice.

Slide 29

Nenhum tipo de preconceito é saudável. Quando ele ocorre contra a linguagem de alguém, pode causar sérios problemas à vítima, como:

- Baixa autoestima, vivendo sentimento de inferioridade;
- Ansiedade, resultante do medo de se expressar e passar por situação vexatória;
- Isolamento social, por vergonha do modo de falar e/ou escrever.



Slide 30

Além de fazer mal à vítima, o preconceito linguístico também não é benéfico para quem o pratica. Assim, quem comete pode sofrer:

- Isolamento social por causa da prática de atitude hostil;
- Perda de possíveis boas companhias de pessoas que não dominam a língua padrão;
- Perda de oportunidades por se mostrar uma pessoa sem empatia, intolerante às diferenças.



Slide 31

Portanto, ser inteligente mesmo é compreender e respeitar todas as diferenças. É entender que não há nenhuma forma melhor que outra de linguagem. Que acima de tudo, deve existir o respeito a todos, pois é isso que nos faz verdadeiras pessoas evoluídas na sociedade!



Slide 32

Muito obrigado!

APÊNDICE C - ATIVIDADE SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS
E.E. JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS

Aluno: _____ 6° ano - Turma única
Professor: _____ Data: ____/____/____

ATIVIDADE SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

1) Observe o trecho do cordel “*Cante lá que eu canto cá*”, de Patativa do Assaré, e complete as lacunas da frase abaixo:

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôrsa um isquêro
Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Patativa do Assaré

A palavra facêro tem o mesmo sentido da palavra _____, e o fator que promove esta variação é o _____.

- a) feliz, histórico
- b) esquisito, socioeconômico
- c) elegante, regional
- d) sonolento, histórico

2) A linguagem do poeta Patativa do Assaré utilizada em vários de seus cordéis representa o dialeto do homem do campo, principalmente quando este não tem acesso à escola. Leia um trecho do poema “*A terra é naturá*”.

Iscute o que tô dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,

Meça desta grande terra
Um tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu.

Patativa do Assaré

Na estrofe, o eu-lírico faz um pedido de:

- a) emprego para trabalhar na roça.
- b) alimento, não aceitando qualquer oferta de emprego.
- c) desculpa, quando diz que não quer causar briga nem guerra.
- d) oração, quando cita o nome Deus.

3) Conforme você aprendeu nestas aulas, ao ouvirmos alguém utilizando uma linguagem que não é a norma padrão da língua portuguesa, devemos:

- a) ouvi-lo sem criticar, compreendendo que a sua fala é válida, legítima.
- b) corrigi-lo imediatamente, a fim de que ele aprenda a falar certo, sem se preocupar se a pessoa vai achar bom ou ruim.
- c) rir disfarçadamente, pois assim, não seria falta de respeito.
- d) não criticar a fala da pessoa no momento, somente depois, para outras pessoas.

4) Leia o fragmento de um poema e responda à questão a seguir.

Menino de Rua

Menino de Rua, garoto indigente
Infanto Carente,
Não sabe onde vai
Menino de Rua, assim maltrapilho
De quem tu és filho
Onde anda o teu pai?

Patativa do Assaré

A palavra “menino” recebe diferentes nomes no Brasil. Marque a única opção em que a expressão não tem relação com o fator regional.

- a) guri
- b) piá
- c) boy
- d) garoto

5) Agora leia este fragmento do poema intitulado “*Aos poetas clássicos*”, de patativa do Assaré.

Os poeta lá do Sul,

Tudo é rima diferente,
Tudo é verso percurtado,
Bem rimado e luzente.
Só eu canto um verso grosso,
Mas que sai do coração.
Vossa mercê, lá no alto,
Não entende a minha mão.
Minha rima é no sustento,
Na labuta do sertão,
Enquanto vossa mercê,
Escreve pra multidão.

Patativa do Assaré

A expressão “vossa mercê” é uma prova de que a língua não é estática, pois ela é um exemplo de palavra que sofreu variação pelo fator:

- a) geográfico
- b) socioeconômico
- c) histórico
- d) adequação comunicativa

APÊNDICE D - SLIDES SOBRE O GÊNERO TEXTUAL CORDEL

Slide 01

LITERAURA DE
CORDEL



Slide 02

A Literatura de Cordel é um gênero literário de manifestação da cultura popular. Nascida nos relatos orais e depois transformada em impressões em livretos, ela é composta por poemas escritos em linguagem popular, ricos em rimas e na perfeição métrica dos seus versos, que narram histórias baseadas em fatos reais, fictícios ou folclóricos.

Slide 03

Ela foi trazida ao Brasil pelos portugueses, e o seu nome está relacionado à forma em que os livretos são expostos nas feiras populares: em cordas.



Slide 04

LITERATURA DE
CORDEL

OS FOLHETOS DE CORDEL,
NAS FEIRAS ERAM VENDIDOS,
PENDURADOS NUM CORDÃO
FALANDO DO ACONTECIDO,
DE AMOR, LUTA E MISTÉRIO,
DE FÉ E DO DESASSISTIDO



Slide 05

As histórias eram declamadas pelos vendedores nas feiras, que muitas vezes eram os próprios poetas, acompanhadas pelo som de uma viola. Com linguagem popular, a literatura logo caiu na graça dos brasileiros, que posteriormente começaram a produzir suas narrativas em forma de cordel. Vale ressaltar que, no Brasil, foi no Nordeste, no final do século XIX, onde a produção de cordéis se iniciou, tornando-se a voz dos povos mais humildes da região.



Slide 06

Características da Literatura de Cordel

- Gênero literário escrito em versos com rima, métrica e oração;
- Linguagem popular;
- Temas populares e da cultura popular brasileira, podendo também abordar assuntos nacionais sob a perspectiva do cordelista;
- Literatura impressa em material de baixo custo;
- Presença de xilogravura na capa.



Slide 07



Slide 08

Principais Cordelistas do Brasil

Apolônio Alves dos Santos
Bráulio Bessa
Firmino Teixeira do Amaral
Gonçalo Ferreira da Silva
Homero do Rego Barros
João Ferreira de Lima
José Camelo de Melo Rezende
Leandro Gomes de Barros
Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva)

Slide 09



Slide 10

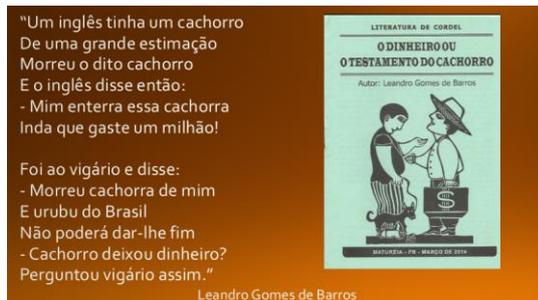
Exemplos de trechos de cordéis



Slide 11



Slide 12



Slide 13



Recomece
Quando a vida bater forte
e sua alma sangrar,
quando esse mundo pesado
lhe ferir. lhe esmagar...
É hora do recomeço.
Recomece a LUTAR.

Quando tudo for escuro
e nada iluminar,
quando tudo for incerto
e você só duvidar...
É hora do recomeço.
Recomece a ACREDITAR

Bráulio Besua

Slide 14

Cordel : Sou cabra da peste



Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabocla
De riso na boca zomba no sofrer
Não nego meu sangue, não nego meu nome
Olho para a fome, pergunto o que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará.

Patativa do Assaré

Slide 15

Referências

- CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- MAXADO, Franklin. O que é cordel na literatura popular. 3. ed. Mossoró: Queima Bucha, 2012.
- KUNZ, Martine. Cordel, a voz do verso. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.
- <https://www.institutoaguaviva.org.br/post/curiosidades-sobre-a-literatura-de-cordel> <acessado em 29/06/2024, às 8h55.

Slide 16

Muito obrigado!

APÊNDICE E- ATIVIDADE SOBRE O GÊNERO TEXTUAL CORDEL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS

E.E. JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS

Aluno: _____ 6º ano - Turma única

Professor: _____ Data: ____/____/____

ATIVIDADE Nº 05 – FIXAÇÃO DOS CONHECIMENTOS- PATATIVA DO ASSARÉ

1) A linguagem utilizada nos cordéis de Patativa do Assaré pertence ao dialeto de qual região?

2) Leia o trecho abaixo de um cordel de Patativa do Assaré e responda à questão a seguir.

Reforma agrara é assim

Cabôco Mané Lorenço,
Meu colega e meu amigo
Que pensa aquilo que eu penso
E diz aquilo que eu digo,
Nós somos da mesma laia
Dos coitados que trabaia
Ou na diara ou na meia
Nós pertence a mesma crasse
Destas criança que nasce
Inriba da terra alheia.

Patativa do Assaré

No trecho do cordel lido, Patativa do Assaré utiliza as palavras “laia” e “inriba”. Quais os respectivos significados dos termos e qual fator promoveu esta variação?

- a) “rua” e “em cima”; fator regional
- b) “lugar onde se coloca alimento para os cavalos” e “distante”; fator histórico
- c) “lembrança” e “isolado”; fator socioeconômico

- d) “grupo de pessoas” e “em cima”; fator regional
- e) Nenhuma das afirmativas anteriores

3) Leia uma parte do cordel “*Meu premêro amor*”, do poeta cearense.

Lá percizão não havia,
Com a minha cantoria
Não se passava um só dia
Que as coisa eu não arranjasse,
Só não tinha Margarida
A estrêla da minha vida,
Mas relativo a comida
Tudo pra mim era face.

Patativa do Assaré

Agora, escreva abaixo a mensagem que você compreendeu do texto acima.

4) Sobre a abordagem da questão anterior, você acha que um usuário da língua deve ser alvo de xingamento ou zombaria por não escrever ou falar segundo as regras da norma padrão, mesmo ele sendo se comunicando de forma efetiva através da língua?

5) Patativa do Assaré, através de seus cordéis, valorizou a linguagem que muitas vezes é alvo de preconceito, demonstrando orgulho pela sua terra natal, bem como o respeito aos seus conterrâneos. De que forma você, após os conhecimentos adquiridos, acha que pode contribuir para combater o preconceito linguístico? Justifique a sua resposta.

APÊNDICE F- SLIDES SOBRE PATATIVA DO ASSARÉ: A VOZ DO NORDESTINO NA LITERATURA DE CORDEL

Slide 01



Slide 02

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré, nasceu no dia 05 de março de 1909, no sítio Serra de Santana, em Assaré/CE. O apelido Patativa seu deu pelo seu canto harmonioso que chamava a atenção de todos que o ouviam, assemelhando-se ao do pássaro denominado patativa.



Slide 03

Aos seis anos, perdeu a visão do olho direito em decorrência do sarampo, ficando órfão de pai dois anos após, tendo que trabalhar na roça para ajudar no sustento da casa. Aos doze anos, começou a frequentar a escola, onde rapidamente aprendeu a ler e escrever.

Slide 04

O seu encanto pelo cordel foi um amor à primeira vista: quando ele ouviu pela primeira vez alguém recitando um cordel, ele logo pensou: eu também posso dizer em versos qualquer coisa que eu quero, que eu vejo, que eu sinto. Assim, logo cedo, aos 13 anos, ele começou a compor os seus primeiros versos, iniciando assim, sua grande história como escritor da poesia brasileira.



Slide 05

Patativa do Assaré publicou o seu primeiro livro de poesias intitulado "Inspiração Nordestina" em 1956, mas foi em 1964 que o seu nome ganhou fama nacional, quando o rei do baião, Luiz Gonzaga, musicaliza o poema "Triste Partida" de sua autoria.



Slide 06

O poema trata sobre a migração forçada do nordestino em busca da própria subsistência, quando castigado pela seca que, historicamente, assola o sertão cearense.



Slide 07

Trecho do poema de Patativa do Assaré

“Agora pensando
 Ele segue outra tria
 Chamando a família
 Começa a dizer
 Meu Deus, meu Deus
 Eu vendo meu burro
 Meu jegue e o cavalo
 Nós vamos a São Paulo
 Viver ou morrer
 Ai, ai, ai, ai”



Slide 08



A TRISTE PARTIDA

Vídeo de Flavio Meirelles (2001)

Slide 09

Patativa do Assaré: um poeta sertanejo



Slide 10

Tendo alcançado grande notoriedade com suas obras que representam com muita fidelidade a vida humilde do nordestino, Patativa do Assaré faleceu no dia 8 de julho de 2002, em sua casa, aos 93 anos, mas as suas obras até hoje dão vida e voz aos excluídos do sertão nordestino, deixando o seu grande legado social para este povo esquecido.



Eu sou de uma terra que o povo padecer
 Mas não esmorece e procura vencer.
 Da terra querida, que a linda cabeça
 De riso na boca zomba no sofrer
 Não nego meu sangue, não nego meu nome
 Olho para a fome, pergunto o que há?
 Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
 Sou cabra da Peste, sou do Ceará.

Patativa do Assaré
 02/03/1909 - 08/07/2002

Slide 11

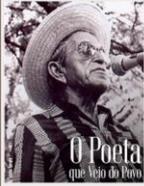
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
 NOS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ

Slide 12

Patativa do Assaré foi um poeta que sempre teve muito orgulho da sua terra, de forma que, apesar da fama, ele nunca deixou o sertão nordestino.

Esse sentimento de pertencimento sempre foi expresso em suas obras através das temáticas e linguagem utilizada, remetendo à do sertanejo, que muitas vezes é alvo de preconceito pelo seu modo de falar.

Slide 13



Exemplos de partes de obras de Patativa do Assaré com uso da sua grande riqueza: a linguagem popular.

Slide 14

Eu e o Sertão

Sertão, arguém te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.



Slide 15

Neste poema, podemos ver que Patativa empregou palavras comuns à fala e escrita do sertanejo nordestino, como "arguém", "tô", "pruquê", "mistéro", "inda", "decifrá".

Ele tinha consciência que a linguagem era um símbolo de sua identidade, e dela ele não se envergonhava.



Slide 16

Cante lá que eu canto cá

"Canto as fulô e os abroio
Com todas coisa daqui
Pra toda parte que eu olho
Vejo um verso se buli.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus males
Quero repará pra serra
Assim que eu oio pra cima
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra"



Slide 17

Neste trecho, Patativa utiliza palavras bem características das falas do sertanejo nordestino, como "fulô", "oio", "diluve", "inriba". O poema também é escrito com muitas partes que não observam a concordância em número, como: "as fulô" "os abroio", "todas coisa" "as vêz".

Slide 18

Apesar de a escrita não ser conforme às regras gramaticais, isso não impede o leitor/ouvinte de compreender a mensagem passada. Assim, podemos entender que língua portuguesa não se restringe à linguagem da norma padrão.



Slide 19

O sabiá e o gavião

"Eu nunca falei à toa. Sou um <u>cabôco rocêro</u> , Que sempre das coisa boa Eu tive um certo tempero. Não falo mal de ninguém, Mas vejo que o mundo tem Gente que não sabe <u>amá</u> , Não sabe <u>fazê</u> carinho, Não <u>qué</u> bem a passarinho, Não gosta dos <u>animá</u> .	Já eu sou bem deferente. A coisa <u>mió</u> que eu acho É num dia <u>munto</u> quente Eu i me <u>sentá debaxo</u> De um copado <u>juazêro</u> . <u>Prá</u> <u>escutá</u> <u>prazentêro</u> Os passarinho <u>cantá</u> , Pois aquela poesia Tem a mesma melodia Dos anjo <u>celestiá</u> ."
--	---

Slide 20

Outros exemplos de expressões que fazem parte do dialeto do sertanejo nordestino podem ser vistos neste poema. Palavras como "animá", "mió", "munto", "debaxo", "prá", "escutá", "celestiá" são comumente utilizadas por falantes que não têm um bom grau de escolaridade, mas que se comunicam de forma efetiva através desta.

Slide 21

Dessa forma, através de sua vida e obras, Patativa do Assaré nos deixou a lição de que devemos ter orgulho da nossa terra, do nosso povo, da nossa história. A linguagem simples (a típica do homem do campo) empregada nas suas obras de grande sucesso mostrou que mesmo utilizando uma variedade que não segue as normas gramaticais, todas as suas mensagens foram compreendidas, cumprindo o objetivo da linguagem: a comunicação.



Slide 22

Que sendo assim, não há sentido para o preconceito contra as variações linguísticas. Se o respeito a todos os tipos de diferenças deve ser praticado, por que vamos ferir alguém que fala ou escreve sem ser de acordo com a gramática?

Slide 23

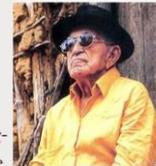
E para finalizar...

Slide 24

Fique de olho!

Segundo estudiosos, o preconceito linguístico nasce, na verdade, de outro tipo de preconceito: o da classe social.

Por isso que os "erros" e o sotaque nordestino são muito criticados, enquanto que os de outras regiões mais desenvolvidas financeiramente são observadas com valor positivo, e não com desprestígio.



Slide 25

Ao grande poeta (em memória) Patativa do Assaré, nossa gratidão pela sua grande contribuição à valorização da nossa identidade!

Meus versos é como
semente
Que nasce arriba do chão;
Não tenho estudo nem
arte,
A minha rima faz parte
Das obras da criação



Slide 26

Muito obrigado!



APÊNDICE G - ATIVIDADE SOBRE PATATIVA DO ASSARÉ: A VOZ DO NORDESTINO NA LITERATURA DE CORDEL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS

E.E. JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS

Aluno: _____ 6º ano - Turma única

Disciplina: _____ Professor: _____

ATIVIDADE Nº 05 – FIXAÇÃO DOS CONHECIMENTOS- PATATIVA DO ASSARÉ

1) A linguagem utilizada nos cordéis de Patativa do Assaré pertence ao dialeto de qual região?

2) Leia o trecho abaixo de um cordel de Patativa do Assaré e responda à questão a seguir.

Reforma agrara é assim

Cabôco Mané Lorenço,
Meu colega e meu amigo
Que pensa aquilo que eu penso
E diz aquilo que eu digo,
Nós somos da mesma laia
Dos coitados que trabaia
Ou na diara ou na meia
Nós pertence a mesma crasse
Destas criança que nasce
Inriba da terra alheia.

Patativa do Assaré

No trecho do cordel lido, Patativa do Assaré utiliza as palavras “laia” e “inriba”. Quais os respectivos significados dos termos e qual fator promoveu esta variação?

- a) “rua” e “em cima”; fator regional
- b) “lugar onde se coloca alimento para os cavalos” e “distante”; fator histórico
- c) “lembrança” e “isolado”; fator socioeconômico
- d) “grupo de pessoas” e “em cima”; fator regional

e) Nenhuma das afirmativas anteriores

3) Leia uma parte do cordel *“Meu premêro amor”*, do poeta cearense.

Lá percizão não havia,
Com a minha cantoria
Não se passava um só dia
Que as coisa eu não arranjasse,
Só não tinha Margarida
A estrêla da minha vida,
Mas relativo a comida
Tudo pra mim era face.

Patativa do Assaré

4) Sobre a abordagem da questão anterior, você acha que um usuário da língua deve ser alvo de xingamento ou zombaria por não escrever ou falar segundo as regras da norma padrão, mesmo ele sendo se comunicando de forma efetiva através da língua?

5) Patativa do Assaré, através de seus cordéis, valorizou a linguagem que muitas vezes é alvo de preconceito, demonstrando orgulho pela sua terra natal, bem como o respeito aos seus conterrâneos. De que forma você, após os conhecimentos adquiridos, acha que pode contribuir para combater o preconceito linguístico? Justifique a sua resposta.

APÊNDICE H - ATIVIDADE FINAL PARA ANÁLISE DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS-PROFLETRAS

E.E. JOSÉ MARTINS DE VASCONCELOS

Aluno: _____ 6º ano - Turma única

Disciplina: _____ Professor: _____

ATIVIDADE DIAGNÓSTICA FINAL

1) De acordo com os conhecimentos adquiridos, marque somente as afirmações corretas.

() A variação linguística acontece em todos os idiomas, e ela revela a identidade do falante, devendo ser apreciada e respeitada por todos.

() O preconceito linguístico ajuda as pessoas que não dominam a norma padrão da língua a buscarem o conhecimento gramatical. Sendo assim, ele é benéfico e deve ser praticado sempre que vemos alguém falando ou escrevendo errado.

() O lugar onde o usuário da língua vive influencia no seu modo de falar, sendo este fator classificado como histórico.

() Como todas as variedades linguísticas não são menos importantes do que a norma padrão, não precisamos aprender a linguagem ensinada pela gramática.

() A linguagem que devemos utilizar é como a roupa: para cada lugar que vamos, tem uma adequada. Portanto, é importante aprender a norma padrão para sabermos utilizá-la nas situações comunicativas que fazem exigência do uso dela.

2) Em aplicativos de mensagens (WhatsApp, Instagram, Messenger, Telegram, entre outros) é muito comum a utilização de palavras como “ok”, “obg”, “vdd”, “bom fds”, “sqn”. Você acha que essa linguagem deve ser utilizada se formos enviar um e-mail para o diretor da escola a fim de fazer uma solicitação? Justifique a sua resposta.

3) O fator socioeconômico interfere diretamente no uso linguístico dos falantes. Explique como isso ocorre, exemplificando.

4) Escreva sobre o que você compreende por adaptação da linguagem à situação comunicativa.

5) Quais as consequências que o preconceito linguístico ocasiona na vítima? E para o causador, quais os prejuízos?

6) O preconceito linguístico ocorre também nas redes sociais, pois muitas vezes pessoas são criticadas no ambiente virtual pela forma que escrevem ou falam, sendo alvo de gozações e piadas que entristecem o falante. Neste caso, você acredita que há consequências negativas para o falante? Comente sua resposta.

ANEXOS

ANEXO A – Respostas da 1º questão da Atividade Diagnóstica

Aluno "01"

7) As palavras que não estão corretas de acordo com as normas da língua portuguesa foram: "militem" e "variação" linguística. "Palavras" no Brasil.

Aluno "02"

7- resposta: na maioria das vezes é porque essas pessoas não sabem realmente como se escreve, mas em algumas casos isso pode ser feito de propósito por diversos motivos.

Aluno "03"

1) Por que não sabe escrever as palavras corretas.

Aluno "04"

1. SIM, EU ACREDITO QUE ALGUMAS PESSOAS UTILIZAM ESSAS PALAVRAS DESSA FORMA POR SER MAIS VELOZ OU MELHOR EM OUTRO ESTADO.

Aluno "05"

1) Eu acho que poucas pessoas falam assim.

ANEXO B – Respostas da 2º questão da Atividade Diagnóstica

Participante "01"

2) A reação correta diante de uma pessoa que usa esse tipo de linguagem é a de respeito e Valguzadas.

Participante "02"

2- resposta: corrigir a pessoa porque isso ajuda a pessoa a não cometer erros mais vezes.

Participante "03"

2) Enxinar a pessoa como se fala.

Participante "04"

2. A REAÇÃO QUE EU TAVIA ERA ENSINAR A PESSOA ESCRIVER OU FALAR DA FORMA CORRETA.

Participante "05"

2) É normal, cada um tem seu jeito de falar.

ANEXO C – Respostas da 3ª questão da Atividade Diagnóstica

Discente "01"

3) A expressão "vulgo" que significa "em
língua", é um exemplo de uma língua
particular, varia de região para região.

Discente "02"

3- acredito em vcs sim, porque esse tipo de expressão passa a ser
confusão nos países que não estão familiarizados com esse tipo
de linguagem.

Discente "03"

3) sim.

Discente "04"

3. SIM! DEVERIA POIS É A MELHOR DE VALHAD E
ENTENDE O QUE AS PESSOAS FALAM.

Discente "05"

3) Não deveria ser usada por mim
pois

ANEXO D – Respostas da 4ª questão da Atividade Diagnóstica

Discente "01"

4) Não acredito que a cultura deva voltar
a utilizar palavras por utilizar palavras
que não sejam algumas das tradições da
mesma cultura da língua.

Discente "02"

4- acredito acredito que não. Pois ~~na~~ maioria das vezes algumas
palavras usadas não interferem tão negativamente em um
país/correl.

Discente "03"

4) não.

Discente "04"

4. NÃO! POIS TEM MUITA DIFERENÇA QUE SE EXPRESSA
DESSA FORMA.

Discente "05"

4) sim

ANEXO E – Respostas da 5ª questão da Atividade Diagnóstica

Aluno "01"

5) Sim, acredito que livros com essa
tipa de linguagem devem estar em
destaques das bibliotecas escolares.

Aluno "02"

Sim, pois acredito que não seja a literatura ensinada
uma linguagem usada no pensar.

Aluno "03"

5) sim.

Aluno "04"

5. Sim! Pois é o livro muitas vezes deve
ser usado.

Aluno "05"

5) Não, pois acredito que todos os livros

ANEXO F – Respostas da 1ª questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística)

Participante "01"

a) elites, historicas
b) acadêmica, sociocultural
c) elegante, regional
d) popular, historicas

Participante "02"

1 - resposta c "elegante, regional"

Participante "03"

1 - elegante, regional

Participante "04"

1. A palavra facho tem a mesma sentido da
palavra facho. É a falar nos prêmios da
Variação e a sociocultural.

Participante "05"

1 - elites, historicas
2 - acadêmica, sociocultural
3 - elegante, regional
4 - popular, historicas

Participante "06"

3
c

Participante "07"

1 - c

ANEXO G – Respostas da 2ª questão da Atividade de Aprendizagem I
(Variação Linguística)

Discente "01"

Emprego para trabalhar na loja
b) Alimento, mas aceitando qualquer oferta de emprego
c) desculpa, quando diz que não quer trabalhar
d) oração, quando cita o nome Deus

Discente "02"

2- resposta: C "Linha, quando diz que não quer trabalhar nem quem"

Discente "03"

2. a

Discente "04"

Emprego para trabalhar na loja
b) Alimento, mas aceitando qualquer oferta de emprego
c) desculpa, quando diz que não quer trabalhar nem quem
d) oração, quando cita o nome Deus

Discente "05"

2

Discente "06"

2
A

Discente "07"

2-a

ANEXO H – Respostas da 3ª questão da Atividade de Aprendizagem I
(Variação Linguística)

Discente "01"

ouvi-lo sem criticar, compreendendo que a sua fala é válida, legítima.

Discente "02"

3- resposta: A "ouvi-lo sem criticar, compreendendo que a sua fala é válida, legítima."

Discente "03"

3. a

Discente "04"

ouvi-lo sem criticar, compreendendo que a sua fala é válida, legítima.

Discente "05"

2) 1)

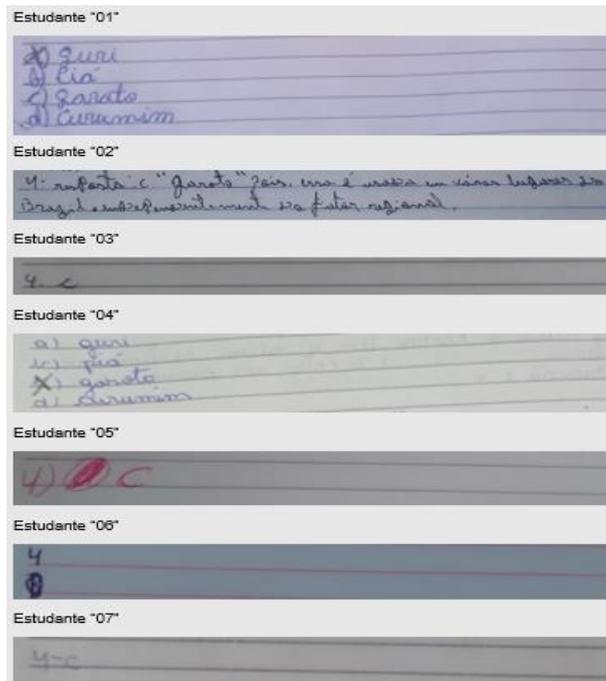
Discente "06"

3
A

Discente "07"

3-a

ANEXO I – Respostas da 4ª questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística)



ANEXO J – Respostas da 5ª questão da Atividade de Aprendizagem I (Variação Linguística)



ANEXO K – Respostas da 1º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)

Aluno "01"

Aluno "02"

Aluno "03"

Aluno "06"

ANEXO L – Respostas da 2º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)

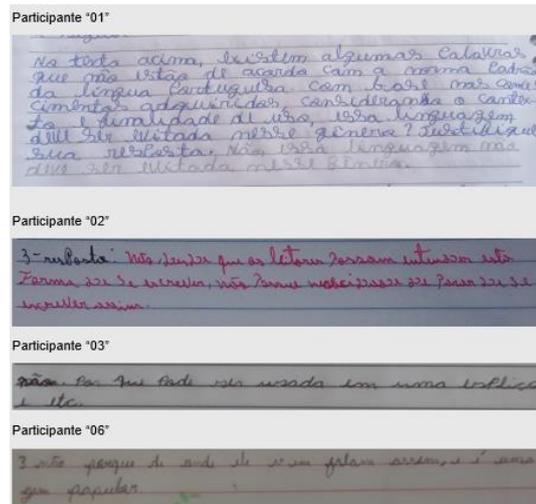
Discente "01"

Discente "02"

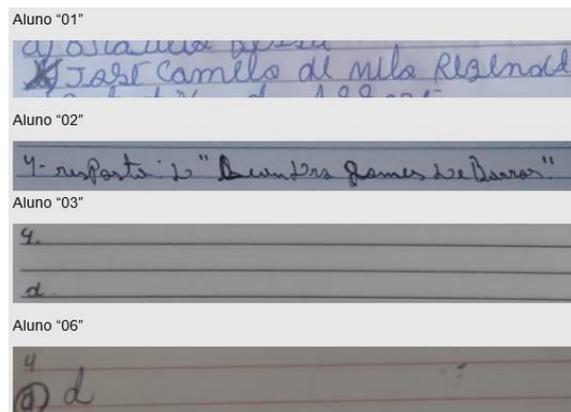
Discente "03"

Discente "06"

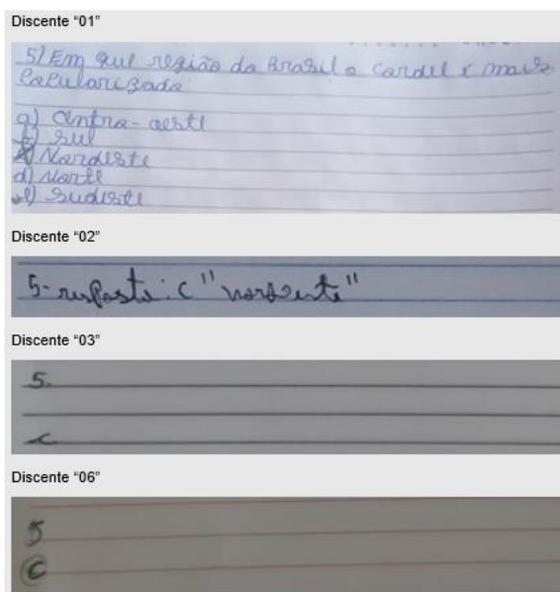
ANEXO M – Respostas da 3º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)



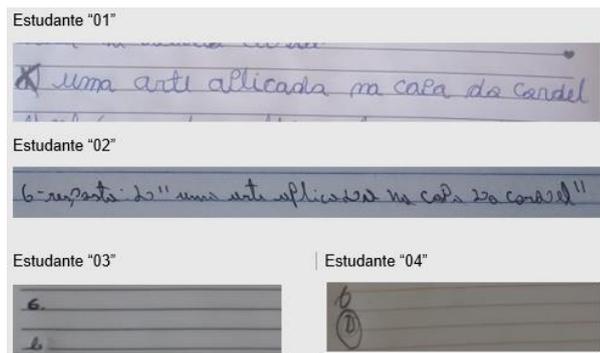
ANEXO N – Respostas da 4º questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)



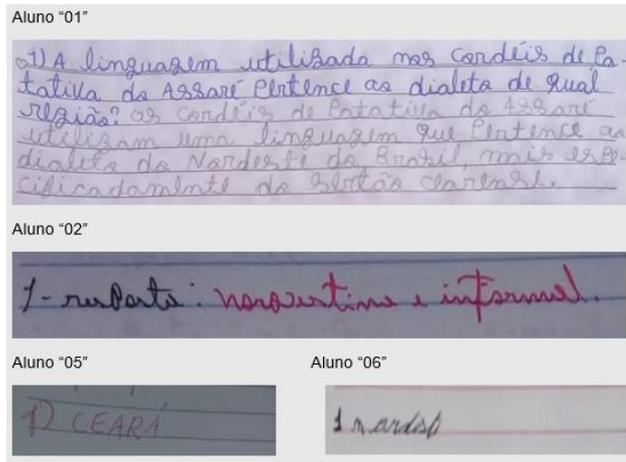
ANEXO O – Respostas da 5ª questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)



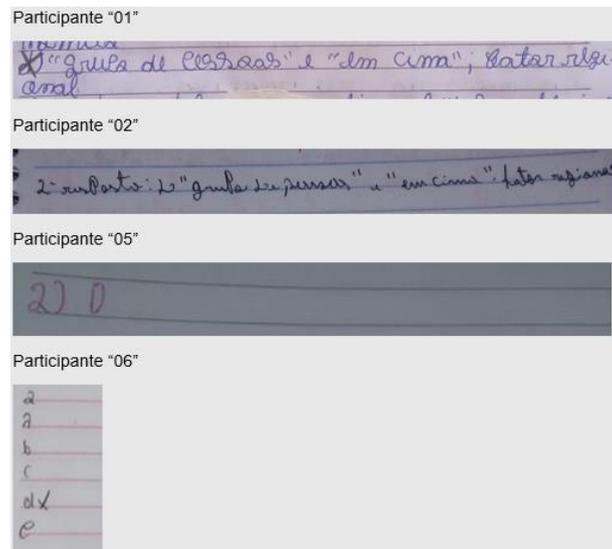
ANEXO P – Respostas da 6ª questão da Atividade de Aprendizagem II (gênero textual cordel)



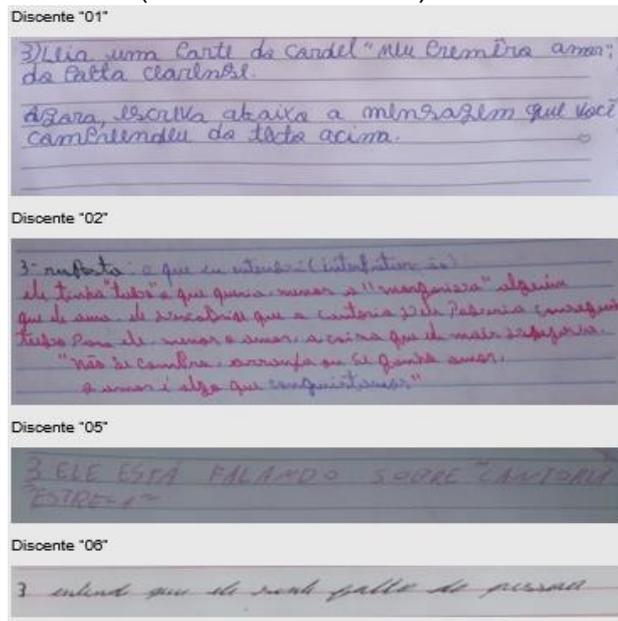
NEXO Q – Respostas da 1º questão da Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré)



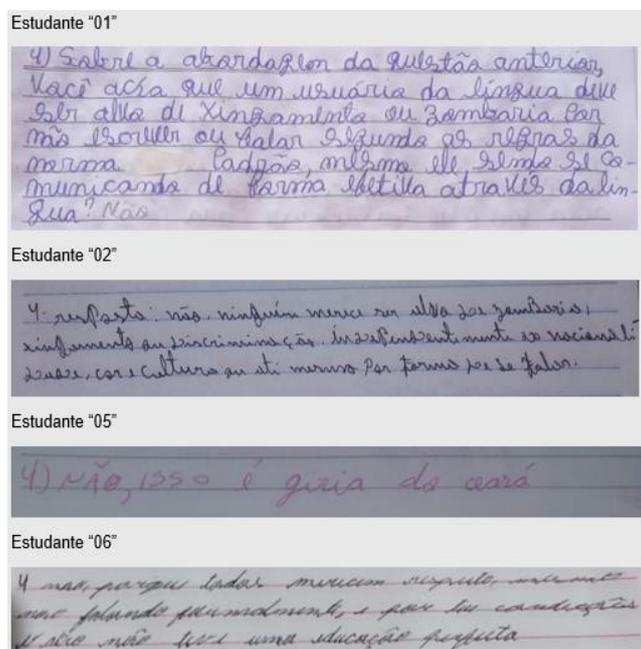
ANEXO R – Respostas da 2º questão da Atividade de Aprendizagem III (Patativa do Assaré)



ANEXO S – Respostas da 3º questão da Atividade de Aprendizagem III
(Patativa do Assaré)

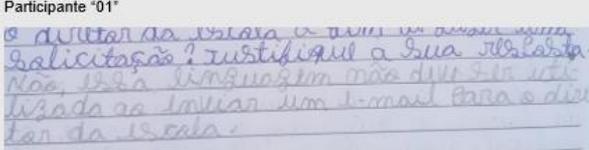


ANEXO T – Respostas da 4º questão da Atividade de Aprendizagem III
(Patativa do Assaré)

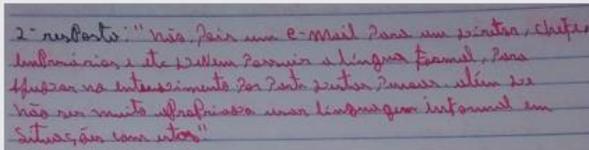


ANEXO W – Respostas da 2º questão da Atividade Final para análise dos resultados alcançados

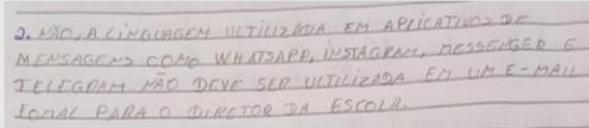
Participante "01"



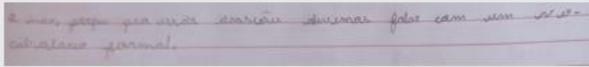
Participante "02"



Participante "04"

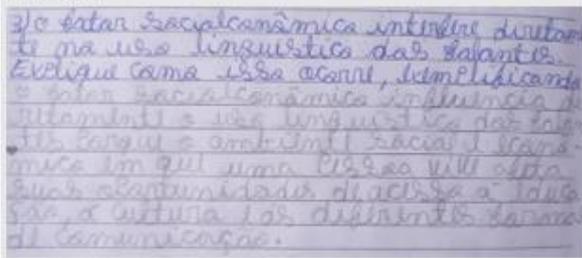


Participante "06"

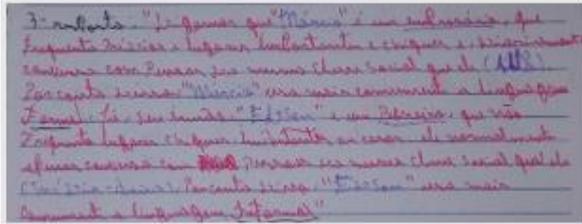


ANEXO X – Respostas da 3º questão da Atividade Final para análise dos resultados alcançados

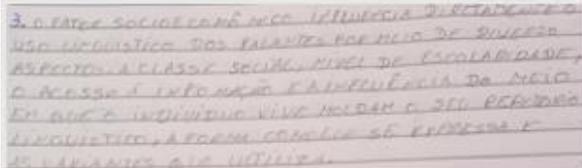
Estudante "01"



Estudante "02"



Estudante "04"



Estudante "06"

